MARCOS REY

12 HORAS DE TERROR

Ilustrações: Mauricio Paraguassu e Dave Santana

Quanto tempo pode durar um pesadelo? Muito mais do que você pensa. E ele ainda pode ser mais terrível, se está acontecendo de verdade. Após o desaparecimento de Miguel, seu irmão mais velho, Júlio - recém-chegado à cidade de São Paulo - vai se ver envolvido com perigosos traficantes de drogas. Porém o rapaz pode contar com a ajuda de Ruth para escapar dessa enrascadas. Prepara-se para viver doze longas horas de terror, ao lado de um casal muito esperto.

Cuidado! A qualquer minuto, um cochilo pode ser fatal.

Marcos Rey

DOZE HORAS DE TERROR

5.ª edição

Série Vaga-Lume

Editor

Penando Paixão

Anenora editorial Carmcn Lwia Campos **Preparação dos original*** Uzete Machado Zan **Soplemento de trabalho** laiz Haibosa de C. **Wohier**

ARTE

Editor

Ary A. Norm.tnhii

Capa t Ilustrardes internas Daniel Munhoz **Dlagramaçao e arte final** Kukuko Sailo Antunio U. Domicncio **Composição**

Edson Vandcr de Oliveira Psginaçnn em vídeo **Elinnn A. Fernandes Sumos**

IMPftPnxAo G ACAHAMF.NTO **flvltVa ab4Wt<j>** *m* **éefftewi** *i.frtm*

ISBN 85 08 04444 5 1999

todos os direitas reservadas pole Editam Àticn Rua liario de Iguapo, I 10 • CEP 01Í07-9Ü0 Caixa Posral 79.17 - CEP 01065-970 Sito Paulo - SP

l ei.. (011) 3:146-3000 - Fax; (011) 277-4146 Internet; http^vvww,atica.com.hr

c-mail: editora(a.niica,oom br

UMA APAVORANTE PERSEGUIÇÃO

Ao telefone, uma vez feminina ordena a Júlio que deixe imediatamente o apartamento em que mora com o irmão e vá a uma determinada estação do metro de São Paulo. A partir daí, a realidade se transforma no mais terrível pesadelo para o rapaz.

Juntamente com Ruth, a namorada do irmão, Júlio vai viver doze horas do mais puro terror...

E a história de uma incrível perseguição que você vai ter a seguir. Suspense, ação e aventura estão presentes a cada página. Surpresas e reviravoltas não faltam. Como é que Júlio poderia supor que justamente... Não. Nem mesmo você conseguiria imaginar.

Prepare-se para acompanhar Júlio e Ruth nessa aterrorizante jornada. E tenha certeza: você não vai conseguir parar de ler antes de chegar a última página.

E em São Paulo que Júlio e Ruth vivem seu apavorante pesadelo. Aliás, o escritor Marcos Rey, cujo verdadeiro nome é Edmundo Donato, fez da capital paulista, onde nasceu, o cenário da maioria de seus romances. Descendente de italianos, viveu, desde a infância, entre livros (o pai era gráfico e encadernador, e o irmão mais velho, escritor). Publicou o primeiro conto com dezesseis anos e, pouco tempo depois, já estreava no género romance. Autor consagrado. teve algumas de suas histórias adaptadas para o cinema e a tevê e vários de seus livros traduzidos para outras línguas.

UM LONGO PESADELO

Há romances escritos para a juventude que podem ser lidos em qualquer idade.

As aventuras de Tom Sawyer e As aventuras de Huck, do escritor norteamericano Mark Twain, e Kim, do inglês Rudyard Kipling, são exemplos disso. No gênero policial há a série do detetive Sherlock Holmes, de outro inglês, Conan Doyle, que jovens, de idade ou de espírito, adoram com a mesma intensidade. Marcos Rey, nos livros que escreveu para a Vaga-Lume, sempre pretendeu o mesmo: escrever para a juventude mas procurando interessar também os adultos.

E na verdade romances como O mistério do cinco estrelas, Um cadáver ouve rádio, Bem-vindos ao Rio e Enigma na televisão, entre outros, não são lidos apenas por leitores de idade escolar. Já são procurados pelo público em geral. É o que explica a venda de mais de três milhões de exemplares.

Este, Doze horas de terror, entre todos os que Marcos Rey publicou na Vaga-Lume é talvez o que melhor tem condições de abranger uma faixa mais ampla de leitores.

Conta uma história, verdadeiro pesadelo, cheio de sombras e armadilhas, vivida no espaço limitado de doze horas, por um casal de jovens, Júlio e Ruth, que, sem se conhecerem antes, são envolvidos numa sequência pavorosa de acontecimentos. É o tipo do livro que você vai querer reler quando tiver a idade de seu irmão mais velho, do seu tio ou de seu pai, para voltar aos cenários sombrios percorridos por Ruth e Júlio e reviver, uma a uma, minuto a minuto, as terríveis emoções que sofreram durante infinitas doze horas.

O pesadelo vai começar.

1 - DEPOIS DAS SEIS

No edifício fronteiro ao Mercado Velho, situado numa das zonas caóticas da cidade, caberia toda a população da minúscula Serra Branca, onde Júlio morara até um mês atrás. Ainda acostumado à paz do interior, ao voltar do trabalho bastava avistar aquele imenso prédio cinzento e ele já se sentia deprimido.

Junto do confuso visual da região, vinha agregado o mau cheiro quase centenário do mercado, sobressaindo-se o de peixes, entranhado no ar e em tudo. As próprias pessoas que residiam nas imediações, ou que simplesmente por elas transitavam, davam a impressão de exalar um odor nefasto. A cidade, ali, apodrecia.

Os inquilinos que Júlio encontrava no hall de entrada, corredores ou elevadores, eram como que habitantes de um mundo estranho. Gente mal-encarada, machucada pelo trabalho rude e revoltada pela falta de dinheiro. Mesmo as mulheres eram assim.

Miguel, o irmão com quem Júlio vivia, era o único morador de bom aspecto do edifício. Não entendia por que um cara tão bem vestido e propenso ao luxo residia ali.

Aliás os dois não se davam bem. Miguel, vinte e cinco anos de idade, sete a mais que Júlio, opusera-se à ida do mano à capital, mesmo tendo o rapaz emprego garantido. Por correspondência conseguira um numa firma de representações.

Ao ver o caçula chegar, Miguel fora logo dizendo:

— Não espere que eu vá ser sua babá, sou muito ocupado. Vire-se.

Júlio tratara pois de cuidar da própria vida. Tinha começado no trabalho e todos os dias chegava em casa pouco depois das seis. Nessa tarde, não foi diferente.

Depois de alguns minutos de fila Júlio entrou no elevador. A lotação sempre esgotava. Apenas dois carros serviam a uma população de cerca de cem apartamentos. O pior, contudo, vinha depois, ao ter de percorrer o corredor estreito e escuro do andar onde já houvera até assassinatos. Era como circular pelos porões de um castelo medieval, à espera de que um vampiro, algum Drácula, de capa preta, viesse cravar os dentes em sua carótida. Uf!

Girou a chave e abriu a porta do apartamento. O que era aquilo?

O que havia acontecido?

Parou à porta, as pernas bambas. Entrava ou recuava? Tudo revirado e espalhado pelo chão: gavetas e seu conteúdo, peças de roupa, livros, almofadas, o divã tombado e um abajur pisoteado, aos pedaços. O televisor fora jogado no assoalho. Entrou e abriu a porta do quarto. Mais desordem. A roupa das camas formava uma trouxa no canto. Os colchões fora de lugar. Os dois criados-mudos sem as gavetas. As cortinas arrancadas.

Na cozinha, ao lado, a geladeira aberta e suas prateleiras soltas. Até o compartimento das verduras fora vasculhado. Por fim dirigiu-se ao banheiro onde o armário embutido, com sua porta escancarada,

mostrava que alguém o revirara.

Júlio voltou à sala e atordoado, suando, largou-se na única poltrona deixada de pé.

Ladrões... Mas que ladrões eram aqueles que pelo menos aparentemente não haviam levado nada? Já ouvira falar de roubo de televisores no edifício.

O de Miguel, porém, estava lá, bem como o aparelho de som. Por que não roubaram as boas roupas do mano? Estariam apenas interessados em joias e dólares num edifício cujos inquilinos provavelmente nunca tinham visto a cor de moeda estrangeira? No entanto o rebuliço indicava que estiveram no apartamento à procura de alguma coisa. Mas o quê?

Pensou em comunicar-se com o irmão. Mas nem sabia onde Miguel trabalhava. Ele mencionara uma agência de turismo e só. Na verdade ignorava até o que o irmão fazia na tal agência. Teria de continuar a sua espera. Porém o mano voltava invariavelmente tarde, às vezes apenas no dia seguinte. Deveria, para ganhar tempo, ligar à polícia?

O trim-trim do telefone.

Júlio assustou-se. O telefone nunca tocava naquele apartamento.

Não tinha ainda amigos na cidade e era ele quem ligava à mãe, em Serra Branca, uma vez por semana. Quanto ao irmão, recebia raros chamados.

Uma voz feminina apressada e rouca. — É o Júlio?

O que era aquilo? O que havia acontecido?
— se perguntava Julio diante do apartamento revirado.

Que mulher o conhecia na cidade?

— Sim. Quer falar com Miguel?

— Com você mesmo. Sei que ele não está. — Sabe?

— Você está bem? — a dona da voz perguntou. — Estou aflito. Aconteceu uma coisa aqui.

— Aconteceu o quê? Diga depressa. Estou num orelhão — foi dizendo a voz, nervosamente.

— Alguém revirou o apartamento todo. Uma breve pausa e uma pergunta ansiosa: — Você não avisou a polícia, avisou?

— Ainda não.

— Não avise — implorou ela. — O que deve fazer é sair daí agora mesmo.

— Sair? Não posso, preciso esperar por Miguel. — Ele não vai voltar.

— Não? Quem lhe disse? — Eu sei.

— Mas não tenho para onde ir.

— Podemos nos encontrar. Esteja o mais cedo possível na estação do metrô da República. Sabe onde é, não?

— Espere. Como vou reconhecer você?

Desligaram.

Júlio ficou zonzo. Por que ela dissera: o que deve fazer é sair daí agora mesmo? Ladrões nunca retornam após uma tentativa malograda. E por que Miguel não voltaria ao apartamento? Também não entendia como a moça marcara o encontro com um desconhecido sem fornecer ou indagar sobre dados pessoais. Somente indo ao metrô obteria respostas a tais perguntas. Já se dispunha a sair quando o telefone tocou outra vez. Atendeu, porém alertado por uma súbita intuição, não disse o número nem alô. Do outro lado não ouviu voz alguma, apenas uma respiração forte e entrecortada. Pareceu-lhe que telefonavam apenas para constatar se alguém retornara ao apartamento. Como não obtivessem resposta, cortaram a ligação. A partir desse momento Júlio começou a ter medo, lembrando a quase ordem da moça para que saísse imediatamente.

Fechou a porta do apartamento e correu na escuridão. Tateando, a porta do elevador apertou seguidamente o botão de chamada. Teve a impressão de que jamais o elevador demorara tanto. Quando, afinal, parou no 11º, Júlio entrou à toda, atropelando uma mulher, vestida de preto, que segurava possessivamente um crucifixo. Pediu desculpas e cravou os olhos nos números que se iluminavam à medida que o elevador descia.

Júlio apenas se acalmou ao chegar à rua. Enquanto, na calçada, esperava a passagem de um táxi, viu um homem enorme, um imenso gorila, usando óculos escuros, de aspecto suspeito, entrando no edifício. Assustado como estava, a imaginação à solta, supôs que fosse aquela a pessoa de respiração ofegante que telefonara.

Parou um táxi e pediu ao motorista que o levasse à República. Tentou controlar os nervos, aceitar os fatos. Não conseguiu. Nunca sofrera tal sequência elétrica de emoções. Por que Miguel não voltaria ao apartamento? Estaria fugindo de alguém?

Ao chegar à praça, bastante movimentada àquela hora, colocou-se em posição bem visível, defronte à estação. Muitas mulheres sozinhas ou acompanhadas passavam por ele sem olhá-lo. Esperou cerca de dez minutos e nada. O que deveria fazer se a moça do telefonema não aparecesse? Zanzar pelas ruas, sem destino? Enfrentar o perigo voltando ao apartamento? Ou procurar a polícia apesar de desaconselhado?

Leve, alguém por trás lhe tocou o ombro. — Me chamo Ruth — disse uma jovem.

2 - QUASE SETE HORAS

Júlio virou a cabeça e a garota veio para o seu lado. — Como me reconheceu? - ele perguntou.

— Tem certeza de que não foi seguido? — ela quis saber num sussurro. Sua voz era mesmo rouca, rouquinha. Parecia ter cantado a tarde inteira num show de rock.

— Por que me seguiriam?

— Vamos entrar no metrô.

Júlio nunca entrara numa estação do metrô. Ia e voltava ao trabalho de ônibus. Foi descendo as escadas ao lado de Ruth. Ela, provavelmente namorada de Miguel, não vestia jeans como a maioria das moças de sua idade. Usava um vestido verde, inteiriço, duma elegância discreta, e levava uma destoante bolsa a tiracolo. Era bonita, loura, de corpo bem modelado, e chamava a atenção, como ele pôde observar.

O movimento no metrô o deixou desnorteado. Os passageiros passavam apressadamente pelas catracas, empurrando-se nas filas.

Um homem idoso perdeu o equilíbrio e caiu. Júlio fez menção de levantá-lo. Ruth o deteve pelo braço.

— Precisamos pensar em nós agora. Nada de perder tempo. Júlio irritou-se:

— Afinal o que está acontecendo? Para mim tentativa de roubo, mais nada.

— Vamos pegar o metrô.

— Para ir aonde?

— Não quer ver seu irmão?

— Sabe onde ele está?

— Sei. Acho que sei.

Ruth dirigiu-se ao guichê e comprou dois tíquetes. Apesar da situação inusitada Júlio examinava a estação com olhos de interiorano, admirado. A moça continuava alerta, olhando disfarçadamente a todos que deles se aproximavam. Passaram pela catraca rumo à plataforma.

— Alguém telefonou para o apartamento? — perguntou Ruth enquanto esperavam o trem.

— Telefonou, mas como eu não disse o número, a pessoa também não falou nada.

Só ouvi uma respiração forte.

— E você saiu em seguida?

— Quase correndo.

— Fez bem.

— Fiz? Por quê?

— Lá vem o trem. Vamos.

Entraram num vagão e sentaram-se. Júlio achou que já era hora de a moça dar explicações.

— Como me reconheceu? — tornou a perguntar.

— Miguel me mostrou um retrato seu. Mas nem seria preciso. Adivinhei que era você.

— Tem ideia de quem revirou o apartamento?

— Não precisamente — ela respondeu de uma forma vaga. Parecia não querer revelar de uma só vez tudo que sabia.

— Ladrões comuns teriam levado o televisor e o aparelho de

som.

— Isso é verdade. Não eram ladrões comuns.

— Então procuravam alguma coisa — concluiu Júlio.

— Procuraram, mas não encontraram.

— Como sabe que não encontraram?

Ela não respondeu logo, mas disse enfim: — Porque essa coisa está com você.

— O quê?

— Porque essa coisa está com você — ela repetiu.

Não dava para entender.

— Comigo?

— Está.

— Do que está falando?

Depois Júlio lembrou: Miguel dera-lhe um caderninho de

endereços para guardar, protegido por um elástico. Dissera para sempre levá-lo, quando saísse, sempre. Deixá-lo no apartamento seria imprudente: não confiava na mulher que fazia a limpeza. Por que não guardava ele mesmo? Perguntara Júlio. Porque já perdera mais de uma vez agendas e documentos. Era um cuca-fresca. Guarde só por uns dias, Júlio, pedira Miguel.

Apalpou o paletó.

— Se fala da caderneta...

— Não tire do bolso — advertiu a moça.

— Quer ficar com ela?

— Está mais segura com você.

— Mas o que há nessa porcaria de agenda?

— O que há em todas: nomes e endereços.

Mistério irritante. Júlio perguntou, alto:

— Era então esse caderninho que procuravam? Por quê?

— Fale baixo, por favor.

— Era?

— Não estou autorizada a contar tudo. Por enquanto basta saber que estou salvando sua vida.

— Salvando minha vida! — exclamou Júlio. — É gozação?

— Não se assuste. Tudo pode acabar bem — disse a moça mudando de tom. Parecia meio tonta.

Houve uma pausa maior em que o rapaz encaixou uma pergunta de outro naipe:

— Você é namorada de Miguel?

Ela riu.

— O que você acha?

— Acho que você é namorada dele. E apaixonada.

— Você é irmão dele, deve saber melhor do que eu.

— Faz cinco anos que Miguel vive em São Paulo — disse Júlio. — Durante esse tempo o vi poucas vezes. Não sei quase nada da vida dele.

— Isso é normal. Eu também sei pouco da vida de minha irmã. Ela é freira.

A caderneta pareceu crescer e começou a pesar no bolso interno do paletó de Júlio.

— Fale da agenda.

— Vamos descer na próxima estação. Levante-se.

O trem parou. Júlio e Ruth desembarcaram, ela andando à frente e lançando olhares cautelosos para os lados. Subiram a escadaria já vendo a noite lá fora. O rapaz esperava encontrar o irmão à entrada do metrô, quando saberia de tudo o que acontecia.

Mas não o viu.

— Para onde estamos indo? — perguntou, seguindo a moça.

— Vamos pegar um ônibus.

— Tenho dinheiro para táxi.

— Eu também. Entre naquele ônibus. Mas não vamos sentar juntos desta vez.

— Puxa, pra que essa correria? — protestou Júlio.

— É em nosso benefício, garoto.

— Não me chame de garoto. Você não deve ser mais velha do que eu. Sem saber qual era o trajeto do ônibus, Júlio entrou e sentou-se ao lado de uma mulher grávida, vestida pobremente. Ruth conseguiu lugar logo à frente dele, perto de um homem idoso que lia interessado um livro de bolso. De quando em quando Júlio apertava com o braço o volume que a caderneta fazia. Estaria transportando uma bomba no paletó?

Decidiu retirá-la do bolso para solucionar o enigma.

Ruth devia ter algum poder extra-sensorial. Voltou o rosto para trás no mesmo instante. Parecia uma mãe repreendendo o filho: — Guarde isso.

Foi tão severa que Júlio obedeceu. Não se zangou, porém. Fora a primeira vez que pudera observar Ruth de frente, rosto a rosto. Até então conhecera apenas seu perfil. Ela era realmente muito bonita mesmo. Cara de sorte, seu irmão! Estranho nunca lhe dizer que tinha uma namorada. Se o assunto eram garotas, desconversava. Aliás, pouco se falavam. Quando Júlio ia para o trabalho, Miguel estava dormindo. À noite raramente se encontravam. Ele, se tivesse uma namorada como Ruth, contaria para o mundo inteiro.

A moça levantou-se e Júlio fez o mesmo. Desceram no ponto como se não se conhecessem. Na rua ela atrasou o passo, para que ele a alcançasse e perguntou:

— Que horas são?

Ele olhou o pulso.

— Meu relógio parou.

3 - MAIS OU MENOS SETE E MEIA

Ruth entrou num prédio amarelo, de três andares, sem porteiro nem elevador. Construção baixa mas sólida, antiga, típica dos anos 50, porém bem asseada e agradável. Ela à frente, subiram um lance de escada. Ruth abriu a porta de um apartamento e entraram. A luz revelou um living espaçoso, cheio de plantas, decorado confusamente com uma série de pôsteres. Júlio viu também um sofá baixo, poltronas, pufes e uma estante com alguns livros velhos.

— O que você quer beber? Miguel gosta de martíni seco.

— Não entendo muito de bebidas, aceito qualquer coisa.

Ruth foi para a cozinha e Júlio aproximou-se da janela, extensa, quase com a largura e a altura do living. Empurrou a cortina e viu a rua, iluminada por lâmpadas de mercúrio, tranquila e arborizada. Sentiu-se bem naquele lugar, apesar de tudo. Imaginou ter uma namorada que morasse ali, mas certamente sem aquele tipo de problemas.

— Está bem gelado — disse a moça aparecendo na sala com bandeja e dois cálices grandes.

Ela finge estar calma mas continua nervosa, considerou Júlio pegando o cálice.

Tomou um gole.

— Miguel vem sempre aqui?

— O martíni vai lhe fazer bem. Descontrai. Senta.

Júlio preferiu o pufe.

— Bem, fale da caderneta. — Pertence a Miguel.

— Isso já sei — disse Júlio, voltando a perder a calma. - O que quer saber mais?

— Quem são as pessoas que procuram por ela?

— As piores do mundo. Contrabandeiam, sequestram, matam — ela revelou afinal.

— Por que querem a caderneta?

— Porque contém informações perigosas para elas.

— Ah! Como Miguel conseguiu essas informações?

Ruth terminou seu martíni.

— Quer mais um? — Não.

— Eu vou querer. Não sou de ferro — disse ela levantando-se, de volta à cozinha.

Júlio não teve paciência de esperar pela resposta. Acompanhou-a até a cozinha, minúscula demais. Mal cabiam os dois. — Eu tinha feito uma pergunta — lembrou.

— Ouvi. Não sou surda. Você quer saber como Miguel conseguiu as informações da caderneta. Pois ele que lhe diga — concluiu Ruth, irritada.

— Então ele vem para cá? — Já devia ter chegado.

Ruth pegou o martíni e retornou ao living. Sua primeira preocupação foi fechar às pressas a cortina que Júlio deixara um palmo aberta. Depois acendeu a luz de um abajur e apagou a geral. Queria mostrar-se segura mas estava apavorada. O rapaz notava isso. — Você está preocupada?

— Se Miguel demorar mais um pouco teremos de sair — avisou

ela.

— Para onde? — Rodoviária. — Fazer o que lá?

Tocou o telefone. Ruth atendeu precipitada, depois de chutar um pufe. Falava baixo, em tom cavernoso.

— Sim, ele está. Você não vem?

— É Miguel? — quis saber Júlio, aproximando-se.

— Então o que devemos fazer? — ela perguntou ao telefone, ignorando o rapaz. A resposta que ouviu deveria ter sido monossilábica. — Certo — concordou, e já num clima de afobação desligou o aparelho.

— Queria falar com ele.

— Miguel estava sem tempo para bate-papo. Cortou a ligação. Vamos depressa.

— Para onde?

— À rodoviária, já disse. — Mas a garota não saiu logo, antes foi espiar, cautelosa, à janela, empurrando ligeiramente a cortina. Tornou a fechá-la. — Agora podemos ir.

— De onde Miguel telefonou?

— Não deu para dizer. Havia gente nos calcanhares dele. E talvez os caras apareçam por aqui.

— Aqui?

— Podem estar a caminho.

— Por que não entregamos a caderneta à polícia para acabar com isso?

— Ora, por quê...

— Quero saber — insistiu Júlio, firme, crescendo para tomar o comando. — Não pretendo morrer por causa dessa caderneta. E já estou cheio dessa história. Acho que você é meio biruta, de tanto assistir

filmecos na TV.

— Ah, quer saber? — perguntou Ruth em tom de desafio, cara a

cara.

— Claro.

— Porque seu irmão está metido nisso até o pescoço — ela disse numa só emissão de voz. — Se a caderneta cair nas mãos da polícia ele também se complicará. Entendeu agora?

Júlio respirou fundo.

— Quer dizer que Miguel é da quadrilha, é isso?

Ela virou o martíni que restava no cálice. Não era fácil revelar.

— Era. Vamos agora.

Júlio seguiu Ruth ainda não entendendo nada. Enquanto desciam as escadas, perguntou:

— Você disse era, então ele rompeu com a quadrilha?

— Miguel se apoderou dum montão de dinheiro deles. Têm medo de que fuja com o dinheiro e principalmente com a caderneta, onde estão anotadas todas as ramificações do grupo, entendeu? Miguel era uma espécie de cobrador da turma.

Chegaram à rua e seguiram para a esquina próxima quase em ritmo de fuga.

Antes de dobrá-la, Ruth olhou para trás e Júlio fez o mesmo. Viram um carro de luxo parar diante do prédio amarelo e dele descer um homem.

— É esse! — exclamou Júlio. — É ele!

— Ele quem?

— O homem alto, de óculos escuros, que vi entrar onde moro.

Ruth olhou de relance.

— Moço de sorte, você. Escapou do Geovani duas vezes no mesmo dia.

— Quem é Geovani?

— Um dos maiores criminosos deste país. Com essa sorte você devia arriscar na loto.

4 - OITO EM PONTO

A rodoviária estava lotada, num contínuo entra-e-sai desordenado. Não era possível andar dois passos sem esbarrar em malas e ouvir protestos. Desta vez Ruth tinha preferido um táxi. Durante o trajeto não proferira uma única palavra. Parecia que conversa atrapalhava no lugar de esclarecer, retardava a ação.

Na rodoviária subiram uma escada rolante, carregada de pessoas imóveis como manequins. Depois percorreram um corredor de guichês iluminados de empresas transportadoras.

— Acho que me enganei — disse ela. — É lá embaixo. Que cabeça!

— O que é lá embaixo?

Na outra extremidade do corredor havia a escada rolante que descia. Passaram a circular no térreo, ela apressada, trombando pessoas. Por fim pararam diante de um letreiro:

BAGAGENS

— É aqui. — Ruth abriu a bolsa e retirou uma chave. Impaciente, pela primeira vez ela pôs todo seu nervosismo à mostra. Mordia o lábio e esfregava as mãos.

— Venha comigo — disse a Júlio.

— Você guardou alguma mala aí?

— Miguel guardou.

— Que mala?

— Quer calar a boca, por favor? — ela explodiu, descontrolada. Entraram numa sala ocupada de alto a baixo por malotes numerados. Era onde passageiros em trânsito guardavam suas bagagens. Ruth procurou um tanto aflita um número e parou diante do malote 121. Olhou-o como se fosse a entrada da caverna de Ali-Babá. Fez uma pausa que parecia conter espaço para uma reza. Depois, com as mãos trêmulas, girou a chave. Olhou dentro ansiosa, como se o coração fosse explodir, como... mas soltou em seguida a respiração, aliviada, e dizendo sem som um graças a Deus, retirou uma sacola verde, bastante gorda. Bonitinha, trazia estampado em ambos os lados, em relevo, o simpático comedor de espinafre, marinheiro Popeye.

— O que tem ai? — perguntou Júlio. — Roupas de criança?

— Roupas de criança... — repetiu Ruth com desdém. — Você vai se assustar, garoto.

— O que é? Uma cascavel?

Ela olhou ao redor e disse só para ele e Deus:

— São verdinhas.

— O quê?

— Quinhentos mil dólares.

— Quinhentos mil?!

0 tjue tem ai? - ***perguntou Júto Você vai se assustar, garoto — avtsou Ruth***

Como uma professora, ela explicou:

— Transformando os dólares em cruzeiros uma pessoa que não esbanje muito pode viver de renda até bater com as dez. Mas se preferir pode comprar vinte e cinco carros de boa qualidade. Ou um belíssimo apartamento nos Jardins.

— De quem é esse dinheiro? — ele perguntou já imaginando a resposta.

— De seu querido irmão.

— De Miguel?

Um sorriso enviesado:

— Ou seu, se o matarem. Quinhentos mil dólares.

— Dinheiro de tráfico?

— Dinheiro roubado de traficantes.

— Miguel roubou?

— Roubou.

Júlio ficou atordoado. Mas precisava saber tudo. — E você vai levar esse dinheiro para ele?

— Vou tentar.

— Por que tentar?

— Porque não sei direito onde ele está.

— Ele não disse ao telefone?

— Não. Alguém devia estar muito perto ou escutando por uma extensão.

— Então como iremos encontrá-lo?

— Por adivinhação. Conheço alguns lugares que Miguel frequenta ou onde poderá deixar recado.

Júlio queria saber mais:

— O que acontecerá depois que o encontrarmos?

— Eu entregarei a ele o dinheiro e você a caderneta. Aí ele poderá desaparecer.

— E eu?

— Você volta correndo para Serra Branca. Não reapareça nos próximos dez anos.

Outra pergunta:

— E você, o que você fará já que os bandidos sabem onde mora?

Ruth não respondeu logo.

— Se Miguel não for contra desaparecerei com ele. — E acrescentou sem olhá-lo, envergonhada, como se fosse uma confissão pecaminosa, um segredo: — Não tenho parente algum. Passei a infância e a adolescência num orfanato.

— Num orfanato?

— Não lamente. Espero ter ainda alguma chance. Acho que conhecerei meu futuro antes que amanheça.

5 - DEZ PARA AS NOVE

Júlio sentiu que palmilhava duas histórias, a atual, a do chão que pisava, e a história passada de Ruth. Haveria um Momento, para ele já ansiosamente aguardado, em que as duas se encontrariam.

Mas, por enquanto, não podia identificar a garota abandonada de um orfanato na moça decidida que seguia a seu lado. E onde, em que encruzilhada, em quais circunstâncias, seu destino emparelhara com o de Miguel? O que os aproximara? Tinha muito a descobrir naquela noite.

— Ninguém sabia que o dinheiro estava guardado na rodoviária? — perguntou, enquanto caminhava com Ruth pela calçada, coalhada de gente que ia e vinha, carregando malas.

— Apenas Miguel e e... suponho.

— Para onde estamos indo?

Ruth não respondeu, olhando inquieta para todos os lados. Em seguida, atravessou ligeira a rua e fez um táxi parar enquanto com um sinal pedia a Júlio que se apressasse.

— Tive a impressão de que estávamos sendo seguidos — disse ao entrarem no carro.

— Pelo grandalhão de óculos escuros?

— Não, por uma mulher de cabelos vermelhos, ruiva.

— Você a conhece?

— Eu vi essa mulher uma vez — respondeu Ruth. — É da quadrilha.

— Como sabe?

— Miguel me apresentou a ela num clube. É estrangeira.

— Se estava pelas imediações da rodoviária talvez soubesse onde Miguel guardava o dinheiro - calculou Júlio.

— Pode ser que a gangue esteja bloqueando algumas saídas da cidade - disse-lhe a moça ao ouvido.

— Quem quer fugir foge mesmo a pé - argumentou ele.

— Mas devem saber que Miguel ainda está na cidade e que não fugiria deixando nós dois expostos ao perigo. Por isso, se não pegarem Miguel, podem tentar nos reter como reféns. — E erguendo a voz ao motorista: — Pare aqui.

O táxi parou diante de um escuro terreno baldio entre casas térreas. Júlio entendeu que se tratava de uma precaução para evitar que vissem os dois descer do carro. Com Ruth à frente, em silêncio, atravessaram a passos rápidos o terreno, que terminava na rua paralela. Mas não era ainda ali o lugar do encontro. Havia logo além uma escadaria rústica, de pedras, dividida em dois lances, comunicando com a parte

baixa do bairro. Uma mulher gorda subia os degraus lentamente equilibrando uma enorme trouxa de roupa à cabeça. Passaram por ela e chegaram a uma pequena praça na inusitada forma de um triângulo.

— Estamos chegando — avisou Ruth.

Pararam diante de um casarão desbotado, cuja cor original seria impossível identificar. Sua fachada e parte lateral, toda recortada de janelas fechadas, davam um aspecto sombrio à construção, a qual se entrava por um portão de ferro, com barras retorcidas ou soltas, em franca decrepitude.

Ruth foi entrando por um corredor aberto de cimento esburacado, seguida por Júlio, que mostrava não se sentir nada bem. O fato de não saber o que sucederia agravava seu febril estado de espírito. A moça bateu três vezes seguidas, ritmicamente, com o punho, na porta do fundo do corredor, como se fosse um sinal combinado.

Ouviram logo passos leves, mas demoraram a atender, com certeza para antes observar pelo visor.

Quando a porta abriu, sentiu-se um bafo de ervas amargas, algo sufocante, e viram uma mulher baixa e carnuda que usava um turbante na cabeça.

— Quem é esse aí? — perguntou a Ruth, com desconfiança.

— É um amigo do Miguel, Rita. Viemos esperar por ele.

— Miguel não tem vindo aqui. Estamos abastecidos.

— Mas ele vem, Rita. Há algum lugar onde a gente possa esperar? Conduzidos pela dona da casa, passaram por uma vasta sala de jantar, mal iluminada, com paredes nuas e manchadas, onde muitas cadeiras volteavam uma mesa comprida. Sobre um assoalho de tábuas inteiriças, rangentes, ela levou-os a um quarto acanhado, um entre muitos de um corredor extenso. A mobília, além de velha, era supermodesta: duas camas, cadeira e uma mesa pequena. Persistia aí o cheiro acre da sala.

— O que vão querer? — perguntou Rita. — Erva ou pó?

— Nada — respondeu Ruth. — A gente só vai esperar.

Rita não gostou. Aquilo não era lugar de encontros.

— Estamos fazendo comida. Posso preparar dois pratos?

— Logo vou à cozinha — disse Ruth. — Ah, conhece um tal de Geovani?

— Um homenzarrão? Tenho medo só de olhar aquele cara.

— Ele não tem vindo?

— Não — disse Rita. — Se Miguel tiver negócios com aquele tipo, que tome cuidado.

Já acabou com a vida de muita gente.

Assim que ficaram a sós, Júlio perguntou:

— Que lugar é esse?

— Chamam de pensão.

— Não tem cara de pensão.

— Mas servem boa comida. A Rita cozinha bem. Quer comer? — Isto tem mais jeito de antro de viciados.

— E é também uma pensão, para disfarçar. Já vim aqui com Miguel duas vezes. Ele adora o tempero da Rita.

— Miguel, um traficante! — exclamou Júlio. — Nunca imaginaria

isso.

— O importante agora é sairmos vivos dessa confusão.

— E você, como entrou nessa? — quis saber Júlio, cada vez mais atraído pela moça.

— Sou apenas a namorada de um traficante. Mexo com cenários de peças teatrais — contou ela com certo orgulho. — É minha vocação. No orfanato eu já desenhava.

Montávamos espetáculos. Uma vez apareceu um repórter por lá, viu meu trabalho, gostou e disse que eu iria longe. Nem queira saber como isso me subiu à cabeça. Logo depois fugi do orfanato com uma pasta de desenhos. Mas não encontrei mais o tal cara.

Tive de ficar na rua.

— Você foi uma menina de rua?

— Fui, dormi muito em bancos de jardins, portas de igreja e debaixo de viadutos.

À noite é que se sabe como esta cidade é fria e perigosa. Mais de uma vez quase fui estuprada. Sempre com minha pasta de desenhos. Meu primeiro emprego foi como bilheteira de um teatro. Bilheteira e faxineira durante o dia. Me deixavam dormir num camarim. Eu gostava do silêncio do teatro vazio. Aí conheci um velho cenógrafo argentino e mostrei a ele meus desenhos do orfanato. O coroa achou que eu tinha jeito e me fez sua assistente. Com ele aprendi alguns macetes da profissão. É como desenhar casas para bonecas.

— E depois?

— Depois apareceu Miguel.

— Ele logo lhe disse o que fazia?

— Não e nem desconfiei. Ele me impressionou muito. Uma menina de rua saindo com um cara cheio da

grana e com um tremendo carrão! Para mim ele era um príncipe encantado. Conhece a história da Gata Borralheira, não? Eu gostava dos restaurantes que ele me levava. Um mais chique que o outro. Me deu roupas, eu que só tinha uma blusa.

Veja esse anel — mostrou. — É de brilhante. Presente dele.

— E como você soube de tudo?

— Ele confiou em mim. E precisou de mim algumas vezes. — E essa tal de agência de turismo?

— É uma falsa agência para lavagem de dólares. Faltava a pergunta mais importante:

— Por que ele roubou os traficantes?

— É uma outra história. Quer ouvir? — E Ruth começou a contar a conversa que tivera com Miguel uma noite, quando saiam de um show de rock.

— Acho que vou deixar a profissão — disse Miguel rindo.

— Resolveu criar juízo — admirou-se Ruth. — Parabéns.

— Não é bem isso. Tenho um plano. Os caras vão receber meio milhão do tráfico.

Estou pensando em passar a mão nesse dinheiro e dar o sumiço.

Ruth levou o maior susto.

— Eles irão procurar você até no inferno. Corte essa.

— Não é mole — Miguel admitiu — mas estou no ramo o tempo suficiente para saber que no tráfico ninguém tem vida longa. Ou a polícia mata ou se matam entre si. Muitos apodrecem na cadeia e outros desaparecem para sempre. Mas já teve gente que roubou quadrilhas e ficou numa boa porque as quadrilhas foram desbaratadas. Está entendendo? Pretendo fazer o mesmo. Pegar uma bolada e evaporar. E só volto quando todos estiverem mortos ou presos. É menos perigoso do que se arriscar por pouco dinheiro. Do jeito que estou mais cedo ou mais tarde os tiras me pegam enquanto os outros continuam livres.

— E eu? Não pensou em mim?

— Você pode ir comigo. Tudo vai dar certo. Não se preocupe.

Júlio ouviu a história, depois comentou, pensativo:

— Parece que as coisas não saíram como ele planejou.

— Não — ela concordou. — Descobriram o golpe. Não está com fome mesmo?

— Não, este lugar me dá nojo.

— Eu estou. Menina de rua come em qualquer lugar. Essa Rita é uma artista. Volto já. Relaxe.

Júlio recostou-se na cama mas não pôde relaxar. Olhava a sacola de Ruth com o marinheiro Popeye. O conteúdo dela podia causar a morte de uma ou mais pessoas.

Quinhentos mil dólares. Valeria a pena arriscar-se tanto por aquele dinheiro? Procurou lembrar-se de Miguel em Serra Branca. Sua paixão era o turismo. Sonhava adotar qualquer profissão que lhe permitisse conhecer o mundo. Por isso desde cedo tinha começado a estudar inglês. Falar um idioma estrangeiro era sua maior ambição.

Subitamente Júlio ouviu passos apressados no corredor e a porta abriu-se. Ruth apareceu pálida e assustadíssima.

— A polícia! — exclamou. — Está entrando na pensão. Me dê a sacola.

— A polícia?

— Está dando uma batida. — O que a gente vai fazer?

— Tentar escapar.

Saíram do quarto. As portas do corredor se abriam ao mesmo tempo, delas saindo, apavorados, alguns homens e duas mulheres, uns correndo para a sala, outros para o fundo do corredor. Parecia estar havendo um terremoto. Uma das mulheres chorava. Um homem gritou:

— Escondam as armas.

Júlio viu a mulher com o turbante à cabeça, Rita, movimentando-se, elétrica, e dando ordens. Pedia que jogassem os tóxicos na bacia das privadas. Um dos pensionistas apanhou um baralho e espalhou as cartas sobre a mesa da sala.

— Vamos fingir que estamos jogando.

Ruth segurava fortemente as alças da sacola. Como explicar à polícia os quinhentos mil dólares?

Fortes pancadas na porta de entrada. Dentro, continuava a correria que Rita procurava controlar para dar uma aparência normal à pensão. Um revólver foi escondido dentro de um vaso. Alguém fechou-se no banheiro.

Um homem ainda jovem com sabão de barba no rosto corria pela casa. Mais pancadas na porta.

Júlio estava completamente inerme. Ficaria onde estava se sua mão não fosse fortemente puxada por Ruth, rumo ao fundo do corredor. Nesse instante ouviram vozes enérgicas e uma ordem:

— Todo mundo encostado na parede!

A polícia já entrara na sala.

— Isto é uma pensão! O que querem aqui? — protestava Rita.

— Pensão e já foi centro espírita, sempre vendendo maconha.

A porta do fundo dava para um quintal estreito mergulhado na maior escuridão.

Ruth tocou com o pé numa lata de lixo cuja tampa caiu, aumentando a tensão dos dois.

— Eles nos descobrirão aqui — disse Júlio, não vendo saída.

— Vamos tentar saltar o muro — decidiu a moça.

— É muito alto!

Do interior do casarão ouviam portas sendo abertas com violência e vozes dos policiais em tom de ameaça, mandando sair os que tinham se escondido nos quartos.

Com estrondo a do quintal foi escancarada.

Júlio e Ruth abaixaram-se, encostados ao muro. Respiração suspensa.

— Onde se acende isso? — perguntou irritado um policial. Não encontrando o interruptor saiu para o quintal.

Júlio e Ruth podiam vê-lo perfeitamente, iluminado pela luz do corredor. Era baixote e tinha um revólver na mão. Olhava para o alto do muro. Seus olhos, aos poucos, desceram para um sanitário externo. Hesitou um instante e abriu a porta com um pontapé. Olhou dentro com cautela, arma em posição de tiro. Outro policial apareceu à porta.

— Alfredo, tem um cara no forro.

O policial que estava no quintal entrou precipitadamente na

casa.

Júlio e Ruth continuaram abaixados rente ao muro. Ao menos já podiam respirar.

A calma durou pouco. Logo o disparo de um revólver, que pareceu o de um canhão no eco noturno, forçou os dois a tremerem num abraço apertado. Um sentiu na pele o medo do outro. Pela primeira vez Júlio não viu Ruth como alguém que acabara de conhecer e que apenas o conduzia. Estavam no mesmo barco. E apavorados. Mas como era agradável seu contato.

Os policiais procuravam deter o pensionista que se escondera no forro.

— Desça ou leva bala! — ouviu-se do quintal.

— Saia, vamos metralhar.

A ameaça surtiu efeito.

— Algemem o cara.

Depois, resmungos do viciado que se entregava, e risos dos policiais.

— Já pegamos todos? — perguntou o que devia estar comandando a caçada.

— Todos.

— Dê uma espiada no quintal. — Já dei. Está limpo.

Mesmo assim abriram a porta. Um policial, não o primeiro, foi até o sanitário e espiou. Outro, do corredor, disse-lhe:

— Vai um sarapatel? Tem de sobra lá dentro.

O policial voltou para o casarão sorrindo.

— E vatapá, tem?

Júlio e Ruth levantaram-se, mas não totalmente aliviados.

— Será que vão logo embora? — perguntou o rapaz.

— Primeiro vão comer.

— Não entendo como aquele não viu a gente — estranhou Júlio. — Será que é meio cego?

— A luz do corredor atrapalhou — supôs a moça. — O certo é que não podemos sair do quintal por enquanto.

Permaneceram em silêncio, perto da porta, na expectativa de ouvir os policiais saírem. Foi uma longa espera. Depois de algum tempo, soou um comentário:

— Isso que é cozinheira, de acordo? — Dá até pena fechar essa pensão. Risos.

Após um bater de porta Júlio e Ruth retornaram ao casarão.

— Veja — disse Ruth, apontando com o dedo. — Esta toalha de rosto está cobrindo o interruptor. Se tivessem ligado a luz a esta hora estaríamos no camburão.

— Dá pra pensar em milagre! — exclamou Júlio acendendo e apagando a lâmpada do quintal.

Seguiram pelo corredor interno, atravessaram a sala de jantar e já iam saindo quando a moça disse:

— Espere. Aprendi a tomar todas as precauções com Miguel. - E deu uma espiada pelo olho mágico. — Não podemos sair!

— Não?

— Olhe. Tem um guarda na porta.

Júlio olhou.

— Tem um guarda sim. E agora?

— Temos de sair pelo muro.

— Mas é alto.

— Precisamos dar um jeito.

Ruth entrou no quarto onde estiveram aguardando por Miguel, mas sem acender nenhuma luz. Já tinha um plano.

— Vamos levar a mesa e a cadeira para o quintal.

Júlio pegou a mesa e Ruth a cadeira. No quintal encostaram a mesa no muro e puseram a cadeira em cima.

— Será que dá para outra casa? — receou o rapaz.

— Deixe que eu vejo — disse Ruth subindo com sua sacola. — Espiou sobre o muro e sem palavra lançou agilmente as pernas sobre ele. Fez sinal para Júlio acompanhá-la e foi escorregando para o outro lado. O rapaz a imitou em seguida.

Quando ambos já estavam com os pés no chão, ela disse:

— É uma casa de cômodos. Aqui entra e sai qualquer um. Atravessaram uma espaçosa área onde havia um imenso tanque coletivo e uma série de portas que deviam ser de quartos. Um cachorro vira-lata foi recebê-los amistosamente e um negro velho, fumando cachimbo, os cumprimentou.

Pararam num portão escancarado. Olharam ao lado e viram diante da casa vizinha, a pensão de tia Rita, não um mas dois homens.

— E se Miguel chegar...

— Ele não vem mais — garantiu Ruth. — Já passou das dez horas.

6 - DEPOIS DAS DEZ

Assim que deram alguns passos Júlio e Ruth sentiram que estavam mortos de sede. O calor da tensão secara tudo. Não pensavam em nada além de beber muitos copos de qualquer líquido. Que sede!

Foram andando ansiosos à procura de um oásis. Acabaram encontrando um naquela praça triangular, a mesma que atravessaram quando a caminho da pensão. Era uma leiteria de subúrbio, muito limpa, fresca desde a entrada, com apenas três mesas para a freguesia. Largaram-se nas cadeiras e pediram refrigerantes. Saciada a sede, veio a vontade de comer sanduíches. Ruth contou que se alimentara muito tempo exclusivamente com sanduíches. Raros foram, durante anos, seus almoços completos. Mesmo quando já trabalhava não ganhava o suficiente para alimentar-se bem.

— Foi Miguel que me ensinou o que era bom em matéria de comida. Com ele aprendi a consultar o cardápio e pedir pratos com nomes estrangeiros. Custava uma nota preta, porém ele não ligava. Costumava dizer que tudo que se pode comprar com dinheiro é barato. Mais vale um dia como milionário do que cem na pobreza, era seu lema.

— Ele falava de mim? — perguntou Júlio, curioso.

— Falava. Tinha medo de que vindo para cá você descobrisse de que forma ele ganhava dinheiro.

— Eu ia custar a descobrir se não acontecesse tudo isso.

— E seus pais, o que pensam de Miguel?

— Para eles Miguel é o máximo. O mais bonzinho da família.

— A cidade muda as pessoas.

— A mim não vai mudar.

— Você chegou ontem, garoto.

— Já disse para não me chamar de garoto — protestou Júlio. — Você não é nenhuma velha.

Ela sorriu como se pedisse perdão.

— Tenho dezenove — revelou.

— E eu já fiz dezoito.

— Deixou alguma namorada em Serra Branca? — ela perguntou, subitamente interessada.

— Não.

— Nem arranjou uma aqui?

— Também não.

— Por que não arranjou?

— Porque tenho me ocupado do emprego e de procurar um colégio. Vou continuar os estudos.

— Quando quiser arranjar uma namorada não vai ser difícil para você.

— Acha que não? — Você é ainda mais bonito do que o Miguel.

Aquilo parecia um elogio mas Júlio tinha uma pergunta a fazer. — Onde iremos procurar Miguel agora?

— Estou pondo o pensamento em ordem. Deixe eu acabar este sanduíche, depois a gente parte para a luta. Quinhentos mil dólares que pertencem a Miguel estão comigo. E ele não é de deixar dinheiro para trás. Enquanto não puser a bolada no bolso não sairá de São Paulo, mesmo caçado pela gangue.

Terminado o lanche, Ruth pediu a conta e fez questão de pagar. Acabara o recreio, estava novamente concentrada. Na rua, Júlio pôs-se a andar a seu lado, sem a mínima ideia de para onde estava sendo levado. Acreditava ainda que em certo momento o despertador tocaria, pondo fim ao pesadelo. Mas sonhos bons ou maus não exalavam perfume e ele sentia perfeitamente o que Ruth estava usando. Como também via com a nitidez da realidade a sacola na mão dela com a estampa do marinheiro Popeye.

— Já pensou se fôssemos assaltados? — perguntou.

— Penso nisso o tempo todo, mas estou com os olhos bem abertos. Esqueceu que sou uma ex-menina de rua? Conheço um ladrão de longe.

Atravessaram mais uma vez a praça triangular e chegaram a uma avenida onde era intenso o movimento de veículos e pessoas.

Parecia ser a principal do bairro e a via de comunicação com o centro da cidade.

Numa esquina, um homem vestido de preto, segurando um livro volumoso, falava exaltado a um grupo que o cercava, dando uma ênfase especial às palavras pecado, Deus, Satanás e morte.

— A cidade anda cheia de pregadores como este — comentou Ruth. Quando eu morava na rua me levaram certa noite para um abrigo e me deram sopa. Gente boa.

Miguel ria deles. — Por que sempre se refere a Miguel no passado, como se ele não existisse mais? — Júlio protestou, pensando que apesar de tudo Miguel era seu irmão. — Acha difícil ele escapar com vida?

— Um táxi! — exclamou a moça, já correndo.

Ambos dispararam pelo meio da rua e entraram no carro. Ruth deu logo o rumo ao motorista mas Júlio não ouviu. Nem adiantaria. Seu destino até aquele momento era dirigido por ela. A viagem foi longa, dificultada pelo trânsito.

— É sempre assim às sextas-feiras — disse Ruth. — Todos saem com seus carros para passear ou passar o fim de semana fora. Eu e Miguel muitas vezes viajávamos às sextas.

— Iam de ônibus?

— Miguel não andava de ônibus. Íamos de carro, sempre das melhores marcas.

Mas não eram roubados — comentou Ruth, abaixando a voz. — Ele odiava os puxadores.

Comprava e por segurança logo os trocava. Mas como planejava sumir, depois de vender o último não comprou mais nenhum, para não deixar pista.

— Para onde pretendia ir?

— Exterior. Miami, Mônaco, Veneza, sei lá. Vivia falando nesses lugares, como se fossem estações de uma estrada para o paraíso.

— Sabia que o Miguel fala inglês?

— Por isso ele foi usado. Precisavam de gente que às vezes pudesse se entender com estrangeiros. Pode parar, motorista — ordenou Ruth. — Perto daquela igreja.

O táxi estacionou e Ruth pagou a corrida. Assim que desceram, Júlio perguntou:

— Aonde vamos?

— Aí.

— Aí onde?

— Na igreja.

— Você veio tão longe para rezar?

Ruth riu e passou a mão no rosto de Júlio, acariciando-o.

— Esta igreja fica aberta dia e noite — disse ela. — Tem muita gente que vem aqui de madrugada. Conheço bem um dos irmãos leigos.

— Não imaginava que você fosse religiosa.

— Não sou.

— Não é? Então o que vem fazer aqui quando devíamos estar procurando Miguel?

Subiram alguns degraus e depararam com a porta aberta da igreja.

Era um templo modesto por fora, de linhas tradicionais, porém no interior notava-se certo requinte. A luz, diáfana, emanando dos círios, e o silêncio redondo da nave criavam uma atmosfera de intimidade e conforto. Os males do mundo não penetravam ali.

Ruth sentou-se num dos bancos e Júlio acomodou-se a seu lado. Depois de acostumar a vista àquela macia penumbra, ele notou que não estavam sós na igreja.

Uma mulher jovem ajoelhara-se diante do altar e mais três pessoas, dois homens, sentavam-se separadamente nos bancos.

— Eu gosto daqui — disse o rapaz. — Mas não estamos perdendo tempo?

— Você é católico?

— Há católicos e protestantes na minha família.

Uma velhinha saiu do confessionário.

— Que pecado cometeu aquela senhora? — murmurou Ruth.

— No que teria se excedido ou se omitido?

— Você já se confessou alguma vez? — perguntou Júlio.

— Já, mas não para um padre, foi para uma diretora do orfanato. Confessei que tinha roubado uma torta da despensa. Mas antes tive de apanhar. Não fui perdoada pois me deixaram um mês sem doces. Miguel dizia que o melhor é sempre negar tudo.

Mesmo sob tortura.

— Você sempre lembra do orfanato?

— Só quando estou acordada — respondeu Ruth, tentando sorrir.

Júlio começou a ficar impaciente.

— O que estamos fazendo aqui, se não veio rezar?

— Fique quietinho. Não dou ponto sem nó.

— O que quer dizer isso?

— Acha que eu viria a uma igreja sem motivo? Motivo prático,

digo.

— Você frequenta essa igreja?

— Vim duas vezes com Miguel.

— Com Miguel? Ele tinha algum problema de consciência?

— Garanto que nenhum — assegurou Ruth. — Seu único problema era ganhar muita grana.

— Ganhar dinheiro numa igreja?

Júlio percebeu que uma pessoa aproximava-se lentamente. Era um homem de uns trinta anos, cara

redonda e bastas sobrancelhas.

Parou diante deles.

— Boa noite! — cumprimentou.

— Boa noite — respondeu Ruth. — Este é Júlio, irmão do Miguel. Júlio, ele é o sacristão da igreja.

O sacristão estendeu a mão ao rapaz num gesto muito cordial.

— Lucas — apresentou-se. — Estavam me esperando há muito tempo?

— Nem dez minutos — disse Ruth.

— Eu estava separando as hóstias para a missa de domingo.

— Está sozinho?

— Estou. Padre João acabou de sair. Vamos até a sacristia? Ruth levantou- se e ela e Júlio acompanharam o sacristão.

— Que calma! — exclamou ela. — Isto parece a sala de espera do

céu!

Júlio não se lembrava de ter estado numa sacristia antes. Pareceu- lhe uma coxia teatral, o lado de trás de um palco. Um espaço comum de serviço às costas de Deus.

Havia uma mesa e poucas cadeiras, onde sentaram-se.

— Algum problema? — perguntou Lucas.

— Estamos procurando Miguel — explicou Ruth. — E aquela gente também.

Estiveram no apartamento onde Júlio mora e no meu.

Escapamos por um triz. Imagine, escalaram Geovani para nos pegar.

O sacristão olhou para Júlio.

— Ele sabe de tudo?

— Ficou sabendo há umas duas horas — disse Ruth. — Chegou do interior faz pouco tempo.

— Você deve estar chocado — comentou Lucas.

Era o momento de Júlio saciar sua curiosidade.

— Não podia imaginar Miguel amigo de um sacristão.

Lucas sorriu suavemente.

— Não nasci sacristão. Fui um pecador como ele. Lidava com tráfico.

— O senhor? O sacristão olhou para Júlio:

— E com outras coisas também. Mas a consciência pesava e vim para cá. Faz dois anos. Aqui estou mais perto de Deus e mais longe da polícia... Sou fichado. Se me pegam terei de ser sacristão na penitenciária. Quanto à quadrilha, só Ludmila, uma bruxa de cabelos vermelhos, me viu uma vez, nas redondezas.

— Mas continuou amigo de Miguel? - perguntou Júlio.

— Um dia ele me encontrou na rua e, ao saber que eu era sacristão, caiu na risada.

Porém jurou que não contaria a ninguém sobre minha nova profissão. E passou a me visitar aqui de vezem quando. Disse que também ia abandonar o tráfico. Mas não para viver numa igreja. Preferia hotéis à beira-mar. Ia fazer isso depois de um grande golpe.

— Ele já deu o golpe — revelou Ruth. — Está nesta sacola. Mas a gangue anda atrás dele. Quer o dinheiro e a caderneta de endereços.

O sacristão ficou apreensivo. Roubar traficantes equivalia a uma condenação à morte.

— Miguel fez uma grande besteira.

— Fez mesmo — concordou a moça.

— Mas onde ele está agora?

— Não sei. Estivemos na pensão de tia Rita, onde ele costumava passar. Não estava. Por azar houve uma batida policial e quase nos apanham. Já pensou a polícia me pegando com a sacola?

— Você acha que ele vem para cá?

— Quando ele me trouxe à igreja, e nos apresentou, foi para que eu conhecesse um de seus esconderijos, em caso de fuga precipitada. Miguel sempre pensa em tudo.

O sacristão levantou-se e começou a andar de um lado a outro como se a ação energizasse seu pensamento. A tranquilidade do seu mundo de paz fora rompida. Isso lhe era desagradável mas tinha de ajudar o amigo.

— Tudo bem — disse. — O jeito é esperar pelo Miguel. Mas se o pegarem ou se já o pegaram o que será de vocês? Eles não vão se satisfazer apenas com a vingança. Vão querer a caderneta e o dinheiro.

Ruth concordou com um movimento de cabeça.

— Eu e Júlio estamos correndo tanto perigo quanto Miguel. Mas não podemos fugir antes de encontrar com ele. Esta é a situação.

— Uma situação em que tudo está nas mãos do Senhor.

— Mesmo não sendo religiosa admito isso — disse Ruth.

— Vou rezar — anunciou o sacristão. — Lá, diante do altar. É o que posso fazer. A fé pode não remover montanhas mas às vezes abre uma saída entre elas. Fiquem aqui e gostaria que rezassem também.

Júlio concentrou-se para rezar, mas Ruth não. Na ausência de Lucas sentiu-se inquieta, menos protegida. Pensava no que fazer se a gangue liquidasse Miguel. Que destino daria à agenda e ao dinheiro? Havia uma pia com copos. Foi até ela, encheu um copo de água e bebeu.

— Não consigo rezar — declarou Júlio, levantando-se. Foi beber água também.

— Como o medo seca a boca! — exclamou Ruth.

— Você está com medo?

— Pensa que sou feita de aço? Estou morrendo de medo.

— Gostei do sacristão — comentou Júlio.

— É um amor de pessoa. Ninguém diria que já foi traficante. Está completamente regenerado. Foi uma pena não ter conseguido influenciar Miguel.

— A esta altura Miguel deve estar arrependido.

— Sei lá. Eu o conheço. Ele arriscou. Seu Deus é a grana, o dinheiro — disse Ruth.

O receio que Lucas manifestara atazanou Júlio. — Se matarem Miguel, o que faremos?

— Vamos pensar no melhor. Que Miguel chegue. Depois a gente resolve o resto.

Júlio tomou mais um gole de água.

— Não acha que o sacristão está demorando?

— Não sei quantas ave-marias e padre-nossos está rezando. Talvez mil.

— Deve ser um conforto ter tanta fé.

— Você não disse que tinha uma irmã freira?

— Era brincadeira. Às vezes invento que tenho parentes. Não só para os outros.

Para mim mesma. — Sempre o orfanato: — No orfanato eu escrevia cartas para tios e tias que nunca tive. Havia uma, inventada, que era a mais íntima. Tia Conceição. Eu a imaginava gorda, com uma pinta no rosto e sempre vestida de azulão. Quando me visitava, trazia doces e frutas...

— Eu também imaginava muitas coisas na infância.

— Mas quando se está preso é diferente. A fantasia tem ossos. E o que se inventa em situações assim nos acompanha sempre.

Júlio começou a andar em círculos como o sacristão fizera.

Ele estava demorando demais. A gente devia ir ver.

— Estava pensando nisso.

— Vamos?

Mas ouviram passos e não se moveram.

Seria Lucas ou o próprio Miguel?

Alguém apareceu lentamente à porta da sacristia como quem fosse apenas espiar.

Era uma mulher alta, sem idade, vestida de preto, que mais chamava a atenção pelos bastos cabelos vermelhos.

Oh... exclamaram os dois sem emitir sons.

Ficou a olhá-los sem proferir palavra, curtindo, talvez, a impressão inesperada que causava. Júlio e Ruth também nada disseram, como crianças diante de uma assombração. Imóveis, nem bocas nem pernas.

— A brincadeira acabou — disse a ruiva, com sotaque estrangeiro e como quem apenas constata. — Você, me passe essa sacola. E com qual dos dois está a agenda?

Ruth caiu num abismo mas uma força a projetou à superfície.

— Quem é a senhora? — perguntou, formalmente, camuflando o susto, já a um passo da sacola deixada sobre a mesa.

— Isso não interessa, mocinha. A agenda.

— Viemos visitar o sacristão — disse Ruth, enfiando a mão pelas alças da arca do tesouro.

— Seu amigo sacristão está viajando. Viagem urgente. Nem teve tempo de se despedir de vocês.

— Viajando? Para onde? — perguntou Júlio, realmente não entendendo o sentido oculto da frase.

— Para o Reino dos Céus —respondeu a ruiva. — Alguém lhe espetou uma faca nas costas enquanto rezava.

— Por quê? — perguntou o rapaz, horrorizado, sentindo-se perdido.

— Porque sabia demais, suponho — disse a mulher de preto, dando um passo em direção de Ruth para lhe arrebatar a sacola.

Ruth substituiu a menina sonhadora das cartas do orfanato pela mocinha rebelde da fuga. Numa ginga de corpo, de moleca de rua, driblou a mulher e correu para a porta.

Mas não chegou a sair da sacristia. Foi segura por duas mãos de ferro.

— Me dê isto aqui, franguinha!

A própria Ruth, vencida, não notou o que aconteceu.

Júlio, ágil como uma figura de desenho animado, vendo a ruiva de costas, pegara uma cadeira pesada e a vibrara na cabeça vermelha. Com força. Com ódio. Com tudo.

A mulher cambaleou, só não caindo estatelada porque se apoiou na mesa. Ficou grogue, fora do ar.

Ruth e Júlio dispararam pela porta, entrando pelos fundos da igreja. Diante do altar, tombado, com as pernas encolhidas de quem estivera rezando, e sobre uma poça de sangue, estava Lucas. Não havia tempo para lamentá-lo. Correram, sem olhar para trás, pelo corredor que dividia os dois blocos de bancos. Não viram ninguém. A ruiva certamente esperara que o último fiel saísse para golpear o sacristão.

Ao chegarem à rua ouviram onze badaladas.

7 - DEPOIS DAS ONZE

Como havia menos movimento na rua Júlio e Ruth logo dobraram a esquina. O grande temor de ambos, de que a assassina ruiva estivesse acompanhada, felizmente não se comprovou. Já sem correr, os dois caminhavam com a respiração descontrolada.

— Vamos pegar qualquer ônibus — disse Ruth.

Passavam muitos ônibus quase vazios àquela hora. Pegaram o primeiro que parou e sentaram-se longe dos passageiros. Olharam-se com mútua admiração. Mas foi a moça quem falou:

Como teve a ideia de dar a cadeirada nela?

— Não sei.

— Foi logo que ela entrou na sacristia ou quando?

— Agi assim, sem pensar. Era preciso fazer qualquer coisa.

Ruth continuava admirada.

— Eu já estava entregando os dólares para ela.

— Nem pensei nos dólares. Estava com raiva. Fiquei louco quando entendi que tinha matado o sacristão.

— Pobre Lucas. Um homem tão bom... Morto enquanto rezava.

Ficaram em silêncio pensando talvez na mesma hipótese. Se não tivessem ido à igreja ele teria morrido?

— Acha que ela nos seguiu? — perguntou Júlio.

— Lembra que Lucas disse ter sido visto pela ruiva nas imediações da igreja?

— Lembro.

— Bem, ela sabia que Miguel e ele eram amigos — ponderou Ruth. — Não deve ter sido difícil prever que a igreja seria um ponto de encontro entre os dois numa emergência. Imagino que foi rondar a igreja, observando quem entrava. Então nos viu e me reconheceu. Quando fomos para a sacristia, deve ter ido esperar na igreja. Se saíssemos sem a sacola, entraria na sacristia e mataria o sacristão da mesma forma, supondo que o dinheiro e a caderneta tivessem passado para as mãos dele.

— Mas não aconteceu assim.

— Ela viu Lucas rezando no altar. Se ele voltasse para a sacristia, a bruxa teria de se defrontar com três. Vendo que a igreja estava deserta no momento, matou-o e foi fazer o que julgava mais fácil: nos arrancar o dinheiro e os endereços. E tudo teria dado certo senão fosse sua cadeirada. Que pancada!

Júlio teve uma lembrança preocupante.

— E se Miguel chegar e for entrando? Vai topar com o corpo de Lucas, podendo até se comprometer. Principalmente se a ruiva ainda estiver lá, impossibilitada de andar. Ela é bem capaz de acusá-lo, só para livrar a cara.

Ruth tomou uma decisão.

— Isso pode acontecer. Tem razão. Já vi que você tem cabeça. Vamos descer e telefonar.

— Telefonar para quem?

— Para a polícia. Vendo polícia à frente da igreja Miguel não entrará.

Desceram do ônibus no próximo ponto e andaram uma quadra à procura de um orelhão. Ruth sabia de cor o número da polícia.

Miguel lhe ensinara que era indispensável. Depois de esperar que um bêbado concluísse seu telefonema, fez a ligação.

— Polícia? Quero informar que acabaram de matar um homem numa igreja.

Com muita clareza Ruth contou ao plantão que há quinze minutos estava sozinha na igreja do bairro tal, rua e número tal, quando tinha visto uma mulher de cabelos vermelhos, alta, vestida de preto, esfaquear o sacristão, que rezava ajoelhado diante do altar. Assustada, e como não havia ninguém mais no templo, saíra às pressas para chamar um guarda. Mas não encontrando nenhum pelas redondezas, resolvera telefonar.

— Meu nome? Olhe, não posso dizer. Desculpe. Tenho medo de vinganças. Depois, quem irá me proteger? Acho que já fiz a minha parte. Boa noite.

Eu dei a cadeirada mas ela não perde em matéria de iniciativa, pensou Júlio.

Talvez tivesse sido Ruth que, apenas com sua presença, lhe emprestara a força para derrubar a assassina. Ela ou então seu anjo da guarda.

— Gostaria de estar na igreja para ver a polícia chegar — disse. — Espero nunca mais pôr os pés lá — comentou a moça. — Lá morreu uma das poucas pessoas boas que conheci na vida. E foi também onde passei meus piores momentos.

— Você voltaria a seu apartamento?

— Estamos numa estrada sem retorno, garoto. O caminho é pra frente.

— Outra vez me chamando de garoto. Pare com isso duma vez se não deixo você sozinha.

— Desculpe. Depois da cadeirada você não é mais um garoto. É um homem de verdade. Mas nossa sorte foi termos topado com a ruiva, não com Geovani. Ele é do tamanho de um guarda-roupa.

— Bem, qual é o próximo passo?

— Continuaremos tentando contato com Miguel.

— Isso eu sei, mas como e onde?

Ruth fez uma cara engraçada.

— Acha que fiquei feia com os sustos todos e a corrida? Devo estar horrível.

— Não está.

— A rua está muito escura, você não pode ver.

— Você continua bonita — disse Júlio, encarando-a.

— Jura?

— Por que ia mentir? Uma gatona.

— Mas como posso saber se tem bom gosto? Não quero que Miguel me veja com cara de pamonha. Preciso urgentemente retocar a pintura.

— Se é tão importante, retoque.

— Na rua é impossível.

— Onde, então?

— Preciso de luz. Ah, o que é aquilo? — perguntou Ruth apontando para um luminoso da esquina.

BRUXELAS, A CAPITAL DOS BONS DOCES

— Parece uma confeitaria — comentou.

— Deve ser, sim.

— Vamos até lá.

Entraram e Júlio sentou-se no balcão para tomar um refrigerante, enquanto Ruth se dirigia ao toalete feminino. Ele estava com a mesma sede de quando escapara da pensão. Sem dúvida viera de Ruth, de sua personalidade de ex-menina de rua, a força para atacar a assassina de cabelos vermelhos com tamanha decisão. Sempre fora hesitante, desde o colégio. Não se saíra bem nos esportes devido a isso. Passo ou chuto em gol? Não chutava nem passava a bola. Naquela noite chutara e marcara um gol.

Estaria nascendo outro Júlio?

Eh, quem era aquela atriz de cinema? Em que filme a vira atuar? E não é que aquela beleza toda, coisa nunca vista em Serra Branca e adjacências, caminhava em sua direção? E ainda sorria para ele, com olhos, lábios e dentes!

— Agora quero algo gelado. Peça ao garçom. O que foi? Ficou bobo?

Ruth...

— Mas que cara é essa? Viu de novo a ruiveta diabólica?

— Eu é que pergunto. O que fez na cara?

— Apenas me pintei. Estou parecendo gente, não?

— Está deslumbrante, garanto que nunca...

— Júlio, deixe de tolice. Vamos tomar o refrigerante e cair fora. Eu não lembrava onde devíamos ir, mas enquanto me pintava tudo ficou claro e já podemos zarpar.

— Aonde vamos?

— Passar pela casa da doutora. Ela cuidou de Miguel uma vez.

— Ele esteve doente?

— Não, quando levou um tiro.

— Miguel já foi baleado? — espantou-se Júlio.

Enquanto Ruth tomava o refrigerante e depois, na rua, ambos procurando um táxi, ela contou uma história sobre a qual Júlio, lá no interior, jamais tivera notícia.

Fazia dois anos que Miguel e mais dois traficantes haviam mantido um cerrado tiroteio com a polícia num salão de danças, fechado, em seu dia de folga. Esperavam as pessoas às quais iam entregar a encomenda, as drogas, um pacote avaliado em milhares de dólares, quando no lugar delas surgiram em silêncio três viaturas policiais fortemente armadas. O que se acreditava que fosse um negócio tranquilo tornou-se verdadeira batalha. Miguel foi o primeiro da quadrilha a resistir, protegendo-se atrás de mesas, numa barricada. Um traficante chileno, que compunha o trio, depois de ferir dois policiais, levou um balaço e caiu morto. Logo em seguida Miguel era atingido na perna.

O terceiro, vendo-se sozinho, ergueu os braços e entregou-se. Miguel, porém, mesmo atingido, continuou a atirar sem descanso e acabou encontrando uma porta de fundo pela qual desapareceu. A polícia iniciou então uma busca pelo bairro inteiro. Perda de tempo, pois Miguel não fugira do salão. Apesar das dores que sentia e da dificuldade de movimentos, refugiara-se no telhado. E lá ficou até de madrugada quando a polícia já se retirara das redondezas.

— Ao amanhecer apresentou-se aos seus chefes com o pacote de

pó.

E a bala na perna?

— Aí é que entra a doutora. Miguel não podia procurar um hospital. Teria de explicar a origem do ferimento, feito com arma exclusiva da polícia. Levaram-no para a casa da doutora, que tem no porão mesa cirúrgica e todos os instrumentos. Ela lhe tirou a bala e deu-lhe abrigo até que ficasse

completamente recuperado. Foi um bom trabalho porque não ficou manco, como se supunha.

— E eles se tornaram amigos?

— Sim. Miguel passou a visitá-la de quando em quando. Numa dessas visitas, fui também. É uma coroa muito simpática.

— É da quadrilha?

— Presta serviços médicos nas emergências.

— Será que o Miguel está com ela?

— Bem, sua casa é um dos lugares onde pode estar. Lá vem um táxi — disse Ruth, erguendo o braço.

ENQUANTO ISSO...

Um jovem simpático e bem vestido desceu de um táxi e foi entrando num casarão quando dois policiais o detiveram.

— Aonde vai, moço?

— Comer um vatapazinho. Não é aqui a pensão de uma tal Rita Baiana que consta do guia turístico de São Paulo?

— No momento ela está ausente — disse um dos policiais, irônico. — Fechamos a pensão.

— Por quê? Ela abusava do azeite de dendê? — brincou o rapaz. — De fato aumenta o colesterol.

— Não somos da Saúde Pública. É que ela se dedicava a um comércio paralelo.

— Jogo do bicho?

— Drogas.

— Drogas? — repetiu o moço como se cuspisse. — Mas não era uma pensão familiar?

— Você conhecia essa Rita?

— Não — respondeu o moço. — Vi o nome dela no guia e resolvi arriscar. Adoro comidas exóticas. É uma espécie de mania. Não há restaurante árabe, húngaro, coreano e chinês que não conheça. Os baianos são ótimos mas põem pimenta demais. Aí na avenida tem um restaurante grego, conhecem? Os gregos fazem muito barulho, quebram pratos, mas também têm boa culinária. Vou até lá. Boa noite!

O rapaz parou um táxi e deu um endereço ao motorista. Não muito distante desceu diante de uma igreja. Foi entrando. Para sua surpresa viu muita gente lá. Alguma missa noturna? Foi quando ouviu:

— Apunhalaram o sacristão.

O moço, empurrando um e outro, aproximou-se de um corpo caído. Ajoelhou-se ao lado dele.

— Lucas, Lucas...

Dois homens pegaram o sacristão e colocaram-no numa maca. Chegara a ambulância.

Um tira segurou o moço pelo braço.

— O senhor é amigo dele?

— Amigo propriamente não. Sou o regente do coro da igreja. Vim para o ensaio.

Mas não vi nada. Solte meu braço, pelo amor de Deus, não estou me sentindo bem. Acho que vou desmaiar. Não estou habituado a coisas assim.

O tira soltou o braço do rapaz mas ele não desmaiou. Num minuto estava na rua e parava outro táxi.

8 - QUASE MEIA-NOITE

Júlio olhou a construção charmosa e elegante, e pensou que se os pais a vissem iriam chamá-la de bangalô. Mas na São Paulo de hoje ninguém devia conhecer o significado dessa palavra que ele ouvia desde pequeno.

Ruth tocou a campainha. Latidos de cães.

— Ela tem dois dálmatas — contou ela.

— O marido dela faz o quê?

— É uma solteirona — respondeu a moça. — Por aqui tem fama de ser uma excelente cirurgiã.

A porta se abriu e os dálmatas, com suas manchas pretas, acesos, apareceram no jardim fronteiro saltando e latindo. Uma mulher de meia-idade, baixa e gorda, como um barril cortado ao meio, lembrando ilustrações de livros infantis, de blusão e calça comprida, surgiu no retângulo iluminado.

— Quem é?

— Eu — disse a moça. — Ruth. A namorada do Miguel. Lembra-se?

— Claro! — exclamou a doutora após uma pausa. E foi abrir o portão. — Não tenham medo que eles não mordem.

— Este é Júlio, irmão do Miguel — apresentou Ruth.

— Muito prazer. Eu e seu irmão somos muito amigos. Vamos entrando.

Os três entraram no bangalô acompanhados pela ruidosa cachorrada, que não parava de saltar, numa recepção festiva.

— Esta casa é uma gracinha — disse Ruth.

E era mesmo, um ambiente fofo e aconchegante, graças ao revestimento de lambris, imitando o interior de um iate de luxo, e a um mundo de almofadões coloridos com certeza de agrado dos dálmatas. Depois daquela maratona era um alívio, uma recompensa, pisar uma sala como aquela.

— O que querem beber? — perguntou a dona da casa preocupada em oferecer uma boa acolhida. — Eu não bebo nada, pois passo horas, todos os dias, operando. Mas o meu bar não é de se jogar fora.

— Eu mesma posso fazer um coquetel — apresentou-se Ruth, já se colocando atrás de um balcão. — Júlio, desta vez, nada de refrigerantes. Precisamos relaxar um pouco.

— Fique à vontade — permitiu a doutora. — Miguel, no mês que passou aqui, preparou dezenas de coquetéis.

— E com quem pensa que aprendi?

— Miguel é um rapaz encantador. E seu irmão parece que também é.

— Sou muito mais tímido que ele — disse Júlio. — Aliás, falando nele... Ruth interrompeu-o:

— Não se precipite, Júlio. Tudo tem a sua hora. Espere. Vamos tomar nosso coquetel, a não ser que a doutora esteja com sono.

— Não opero aos sábados — disse ela. — Amanhã posso dormir até tarde.

— Em que hospital a senhora trabalha? — perguntou Júlio.

— Em hospitais populares. Se operasse somente gente rica, moraria num bairro melhor que este.

Ruth trouxe o coquetel de Júlio, no qual mergulhara uma cereja. — Experimente.

Júlio experimentou.

— Como é doce! Parece bebida para crianças.

— Vá nessa. Bastam três para embriagar — preveniu Ruth, sentando- se. — Agora a gente pode tratar do assunto. A senhora tem visto Miguel?

— Se tenho visto Miguel? Não.

— E ele tem telefonado?

— Por quê, aconteceu alguma coisa?

— Ele está sendo caçado — revelou Ruth, tentando não ser dramática. — Pensamos até que pudesse estar aqui. Miguel confia muito na senhora.

— Disse caçado? Não seria a primeira vez.

— Mas desta vez não pela polícia.

Muito séria, ela disse:

— Não estou entendendo.

Ruth tomou outro gole do coquetel. Júlio engoliu todo o seu. Atrapalhava- lhe segurar o cálice e precisava de toda a lucidez para acompanhar o rumo da conversa. No entanto, tranquilizava-o saber que a doutora operava gente humilde.

— Miguel se indispôs com o grupo.

— Ah...

— Fez algo que não devia ter feito.

— Posso saber o quê?

Ruth não fora até lá para esconder verdades.

— Apoderou-se de quinhentos mil dólares. Dinheiro do tráfico.

Houve um vazio na conversa que a surpresa dona da casa preencheu assim:

— Querem comer alguma coisa? — perguntou, levantando-se. Havia uma diversidade de petiscos sobre pires no bar. — Não bebo mas como um bocado, como já devem imaginar — disse. — E quando surge um problema, algo a resolver, ai é que a fome vem. — Voltou com dois pires cheios. Tornou a sentar-se com todo seu peso. — Então ele se apoderou de quinhentos mil dólares!

— É isso aí.

— E naturalmente sumiu?

— Esperávamos encontrar ele aqui — disse Ruth. — E talvez esteja a caminho.

— Pode ser que esteja mas não sei. Por que viria?

— Para encontrar comigo e com seu irmão. Houve um desencontro. No apartamento onde morava com Júlio, e no meu, não poderá aparecer porque eles estiveram nos dois. Retornar seria arriscado demais.

A doutora mordeu um petisco. Um dos dálmatas fungou e recebeu uma bolachinha.

— Ele estaria pensando em devolver o dinheiro?

— Não sei.

— Se sua intenção é essa pode contar comigo — garantiu a gorda senhora.

— Mesmo devolvendo o dinheiro o matariam — assegurou Ruth.

— É a lei deles.

— Não digo que o perdoariam, isso não — disse a doutora —, mas eu conseguiria que saísse da cidade em paz. Uma troca.

— Não posso falar por ele — esquivou-se a moça.

—Seria uma proposta tentadora para quem corre risco de vida

— ponderou a doutora, já mordiscando outro petisco.

Júlio não sabia o que dizer, mas Ruth sim.

— Sem dinheiro Miguel não iria longe e só a muita distância poderia sentir-se seguro.

— Uma coisa não entendo — refletiu a médica. — Se está de posse de uma fortuna, por que não foge? Por que ainda permanece na cidade?

Porque o dinheiro não está com ele, nem o dinheiro nem a caderneta, pensou Ruth sem dizer nada. Por enquanto, a quem interessasse, a sacola do marinheiro Popeye apenas transportava roupas.

— Porque talvez queira abraçar sua namorada e o irmão. Ele está nisso, mas é muito sentimental.

— Isso é verdade, rapaz sensível — concordou a doutora. - Nós nos demos bem. E ele falava a toda hora de você.

— Falava? — entusiasmou-se Ruth duma forma que deixou Júlio enciumado.

— E mostrava-se cheio de boas intenções — garantiu a dona da casa, sorridente. — Tome outro coquetel, não faça cerimônia.

— Obrigada — respondeu Ruth. — Mas não quero. Estou pensando noutra coisa.

— No quê? — perguntou a doutora, parando de mastigar.

— Procurar Miguel noutro lugar. De onde eu estiver, telefonarei para cá. Posso anotar seu número?

Enquanto Ruth, de pé, perto do telefone, anotava o número telefônico, a doutora dizia:

— Por mim podem esperar por ele o quanto quiserem. Como disse, amanhã, sábado, não trabalho. Assim eu teria oportunidade de ajudá-los. Em minha casa estarão mais protegidos.

Era um tipo de decisão em que Júlio não queria influir. Ruth é que sabia o rumo que deviam tomar.

— Há outros lugares onde ele pode estar — repetiu Ruth. — Acabo de lembrar de um.

— Qual?

— Certo endereço na periferia. Não lembro a rua e o número.

— Vamos? — perguntou Júlio.

— Antes quero ir ao toalete — disse Ruth.

— É lá em cima. Virando a escada à direita.

Quando Ruth subiu a doutora logo foi telefonar. Não da sala, mas de uma extensão. Júlio ouviu o ruído do disco. Sozinho na sala, enfiou um petisco na boca. Um dos dálmatas fungou. Serviu-lhe uma empadinha. Sempre gostara de cachorros. E aquele era um glutão. Serviu-lhe outra. A moça desceu, apressada.

— Acha mesmo que devemos ir embora? — perguntou Júlio.

— Não podemos esperar Miguel até o amanhecer. De onde estivermos, telefonarei.

— Tem ideia de onde iremos?

— Lembrei de mais uma probabilidade. Onde está a doutora?

— Foi telefonar.

— Vou comer um petisco — decidiu Ruth, como se surrupiasse um do pires. — Adoro essas coisas, embora engordem.

A doutora voltou à sala.

— Então vão mesmo?

— Já e obrigada pela atenção.

— Não querem esperar mais meia horinha?

— Não, temos alguma pressa.

— Se quiserem, faço um sanduíche.

— Estamos indo, doutora.

— Então me deixem lhes dar um presente.

— Presente?

— Uma lembrancinha. Volto já. Júlio e Ruth se entreolharam.

— Ela é a gentileza em pessoa — comentou ele.

— As pessoas gordas têm bom coração.

— Já ouvi dizerem isso. São muito pacíficas.

A doutora retornou. Ficou olhando para eles muda, respirando de forma a acumular energias. A mão direita ocultava algo nas costas. Parecia uma cena congelada de televisão, quando ninguém se mexe.

— Passe a sacola — disse.

Nenhum dos dois entendeu e Ruth perguntou num fio de voz:

— O quê?

— Passem. A sacola e a caderneta.

Não é num segundo que se compreende uma virada de situação. Todos os sentidos, um a um, precisam ser avisados. O que os olhos vêem não é instantaneamente assimilado. Apenas personagens do cinema e do teatro reagem no momento exato das novas circunstâncias.

Para lhes facilitar o entendimento a doutora mostrou o revólver que a mão direita ocultava.

Ruth lentamente entregou a sacola à doutora.

Júlio retirou a cadernetinha do bolso e fez o mesmo.

O que viria depois?

— Subam as escadas.

Antes de matá-los seriam presos num quarto, imaginaram. Júlio lembrou-se do telefonema. Certamente ela consultara os superiores sobre o que fazer. Como eles ainda demorariam, tivera de detê-los. Sentia-se que essa missão lhe era penosa.

— Subam, vamos.

— A senhora já tem o que queria. Deixe a gente ir embora — pediu Júlio.

— Obedeço ordens — respondeu o barril cortado ao meio.

— Já que vão nos matar — disse Ruth — que faça isso a senhora

isso.

Foi a vez da doutora de não entender.

— O que está dizendo?

— Que se vão nos matar, faça isso a senhora. Eles preferem armas brancas, não?

Para não fazer ruído. A senhora terá de acordar a vizinhança.

— Chega de papo, moleques.

— A gente não vai subir a escada — disse Júlio firmemente. — Parecia um palmo mais alto. — Não vai mesmo.

— Estão pensando que não tenho coragem de atirar?

— Estamos pensando que temos mais chance aqui embaixo do que presos num quarto — rebateu o rapaz com uma coragem que surpreendeu também a ex-menina de rua.

— Pois bem, vamos esperar aqui mesmo. Eles levarão vocês para cima à força.

Miguel contara a Ruth muita coisa sobre a doutora, o que lhe deu uma ideia talvez absurda. Mas tudo devia ser tentado.

— Se me permitir vou subir no sofá — disse ela, nervosa.

— Por quê? - a gorda estranhou, tanto quanto Júlio.

— Porque posso ser muito corajosa mas de rato tenho medo — explicou Ruth, já sobre o sofá, num misto de pânico e nojo.

A doutora, incontinenti, olhou para o chão e começou a erguer ora um pé ora outro como se tivesse receio de que o rato lhe subisse pelas pernas, o que, para quem pesava cento e vinte quilos, era ginástica que envolvia risco de queda.

Júlio, que em poucas horas de convivência com a namorada do irmão, já aprendera a ser seu *partner,* companheiro de palco em histórias de terror, abaixou-se como se, vendo o roedor, sofresse o mesmo susto. Também procurou uma poltrona ou sofá para subir. Então desceram as escadas os dálmatas, atraídos pelo sapateado da patroa, e fungando, com os focinhos a roçar os tapetes, como se disputassem entre si um naco de carne, completaram a ilusão de que realmente havia um rato na sala.

Com o revólver na mão, mas sem apontar para lugar algum, a doutora prosseguiu sua dança grotesca sem perceber que Ruth se aproximava dela, andando sobre o sofá.

Júlio naturalmente sabia que a parceira tentaria alguma coisa e estava atento, porém não sabia o quê, mas o pressentiu ao vê-la na extremidade do sofá, erguendo os braços como se fosse voar. E foi o que ela fez: voou. Num salto acrobático projetou-se sobre a dona da casa, que mal plantada no chão, devido ao sapateado e ao efeito surpresa, perdeu totalmente o equilíbrio, desmoronando no tapete sobre um dos cachorros. Machucado, o pobre dálmata logo se afastou, a ganir, seguido pelo outro, também assustado. O rapaz entendeu qual a parte que lhe cabia da ação: arrebatar o revólver. Foi fácil porque na queda a gorda o soltara. Lá estava ele sob uma mesa de tampo de vidro. Pegou-o enquanto Ruth se ocupava da sacola e da cadernetinha também largadas. Depois fechou uma porta, talvez da cozinha, por onde os dálmatas haviam penetrado.

A doutora pôs-se de pé o mais depressa que pôde mas já era tarde.

— Fique calminha — ouviu da moça. — Não há rato algum. A médica disse um palavrão e fez menção de avançar sobre Júlio.

— Cuidado que atiro — ele ameaçou bem seguro dentro da situação.

A doutora parou mas continuava uma fera.

— Agora suba a escada — ordenou a jovem. E explicou a Júlio: — Vamos trancar ela num quarto lá de cima. Vamos, se mexa, gorducha.

A médica continuou no mesmo lugar. Era humilhante acatar uma ordem que ela própria dera há minutos.

— Não vou sair daqui — avisou.

— Sente-se na cadeira, dona.

Ela não sentou e disse outro palavrão.

— Acho melhor dar um tiro nela — disse Júlio imitando alguém que de fato tivesse essa intenção.

— Também estou achando — concordou a parceira no mesmo tom de representação. — Na perna. Não somos assassinos.

A dona da casa moveu-se desta vez.

— Eu subo.

— Então suba, baleia. E depressa. Vamos, Júlio.

Ela foi subindo os degraus, mas não calada.

— Vocês não irão longe. Vão ser apanhados ainda esta noite.

— Depressinha, madame.

Chegaram ao piso superior.

— Melhor trancar ela no banheiro — sugeriu Júlio.

Ruth teve outra ideia.

— Ou num armário embutido. Sem janela para ela pedir socorro. Empurraram a porta de um quarto, mas só no seguinte viram um armário. Ruth abriu-o.

— Entre.

A doutora hesitou.

— É muito estreito.

— Quem mandou engordar tanto? Force um pouquinho — ordenou a moça. — Você não pode esperar muita clemência de pessoas que traiu.

Ela entrou no armário e Ruth girou a chave, que guardou na bolsa.

— Vamos depressa. Devem estar a caminho. E é melhor apagar as luzes para que pensem que não há ninguém em casa.

Ao voltarem à sala, Júlio teve outra ideia:

— Não seria mais seguro arrancarmos o telefone? Miguel pode ligar e cair numa armadilha.

Ruth nem comentou nada: arrancou o fio.

Vamos.

Foi quando ouviram ruído de um carro que se aproximava. Parou diante da casa.

— Chegaram — murmurou Júlio.

Olharam-se. Um viu o pavor no rosto do outro.

9 - DEPOIS DA MEIA-NOITE

Ficaram em silêncio, ambos imaginando se da rua se podia ver a luz dos abajures da sala. As cortinas pesadas talvez a vedassem. Mesmo assim Ruth desligou um deles e empurrou um tapete pequeno até a fresta inferior da porta. Ouviram passos, provavelmente de duas pessoas, depois um toque de campainha. O toque pareceu multiplicar o silêncio interior.

Os cães começaram a latir. Um imprevisto incontrolável e assustador. Colaram os ouvidos na madeira à escuta. Novo toque de campainha, seguido de um terceiro. E os dálmatas latindo.

— Será que ela saiu? — ouviram. — Não pode ser.

— Se saiu foi com os dois, mas para onde?

— A ordem era para reter os pivetes aqui. O que teria havido?

— Está ouvindo os cachorros?

— Estou.

Novos toques de campainha.

— Onde aquela louca foi a esta hora!

A voz que soou em seguida denotou apreensão.

— E se dominaram a doutora? Lá na igreja deram uma cadeirada na Ludmila.

— Ou ela fugiu com o dinheiro.

— A perua velha?

— Quando telefonou não sabia que os dólares estavam com os garotos.

A conversa passou a se expressar mais pelas pausas que pelas palavras.

— Descontente com dinheiro ela andava — o outro admitiu.

— Pode ser ainda que tenha entrado em acordo com os dois... Dentro, Ruth e Júlio trocaram-se novos olhares. Ouvia-se bem o que se dizia do outro lado da porta, a não ser quando os cachorros latiam demais.

— Vamos tirar a dúvida na marra - decidiu um deles.

— Como?

— Arrebentando a porta.

— Vamos, Geovani.

Esse nome provocou nos dois verdadeiro choque elétrico.

— Arrebente a fechadura.

Júlio e Ruth recuaram, dando-se as mãos. Um precisava da força do outro, da energia. Logo ouviram ruídos metálicos na fechadura. A moça puxou o rapaz para a porta da cozinha. E falou pela primeira vez durante a situação:

— Não vamos deixar os cachorros passarem pra sala.

Quando ela cuidadosamente abriu a porta os cães voltaram a latir e com muito mais estridência. Ruth entrou na cozinha, seguida de Júlio. Estava às escuras mas ela se arriscou a acender a luz. Havia uma porta, no fundo, que devia dar para um quintal ou jardim. Mas, azar, estava fechada a chave.

Júlio apontou para outra porta, ao lado do fogão, e abriu-a. Era uma pequena despensa, ocupada por prateleiras cheias de alimentos enlatados ou embrulhados. Não havia outro lugar para se esconderem. Ruth desligou a luz e os dois entraram no estreito e abafado compartimento. Para caberem tinham de ficar colados, corpo a corpo. Júlio sentia o perfume que ela usava e, logo mais, as batidas de seu coração. Atrás da porta da despensa os dálmatas fungavam.

— Os cães vão nos denunciar — temeu Ruth.

Minutos depois ouviam um forte estalido. A porta da rua cedera. Aí a tensão chegou ao máximo. Ouviram vozes já na sala.

— Abajures acesos. Alguém deve estar aqui.

— Vamos subir.

— Não, é melhor olhar primeiro a cozinha.

A porta da cozinha foi aberta. Os dálmatas escaparam, latindo. No mesmo instante Júlio e Ruth ouviram o tlac do comutador: acenderam a luz.

— Os cachorros subiram — disse um deles. — Deve ter gente lá em cima. Vamos lá.

— Pegue o revólver — disse o outro. — Muita atenção.

Na despensa o silêncio prosseguiu por menos de um minuto. Depois, Ruth abriu a porta e descalçou os sapatos, colocando-os na sacola. Foi à frente, no escuro da cozinha. A porta que comunicava com a sala estava toda aberta. Na parte de cima do bangalô os homens andavam. Ouviram dizer:

— Parece que tem gente presa aqui.

Ruth começou a atravessar a sala como se flutuasse. Júlio seguia atrás. Lá estava a porta de entrada com a fechadura solta. Sem tocá-la, passaram ao jardim. Viram um carro grande parado diante da casa. Ultrapassaram o portão e chegaram à rua. Não dava ainda para gozarem nenhum alívio. Foram se

afastando depressa, sem correr, Ruth descalça, ele tentando pisar macio. Antes de dobrarem a esquina, olharam para trás. O piso superior da casa estava todo aceso.

Então correram. O mais que puderam. Para se distanciarem e para gastar a tensão nervosa. Como se estivessem sendo perseguidos. Felizmente, com a rua deserta, a corrida desenfreada não chamava a atenção de ninguém. Ao chegar a uma avenida, Ruth calçou os sapatos e a atravessaram.

— Parece que estamos salvos — disse Júlio.

— Foi sorte demais! — ela exclamou.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Sabe o que trouxe comigo? — O revólver?

— O revólver. Devo me livrar dele?

Ruth pensou um pouco.

— Não ainda. Você sabe atirar?

— Já dei alguns tiros na vida — ele confirmou.

— Eu sei atirar bem. Miguel me ensinou. Foi numa fazenda. Ele dizia que atirar todos precisam aprender, como nadar, dançar e falar inglês.

— Miguel andava armado?

— Nem sempre. Às vezes pode ser comprometedor. Também era contra a que se reagisse a um assalto. Para ele a vida vale mais que um relógio ou uma carteira cheia de dinheiro.

— Ele já matou alguém?

— Você não sabe nada mesmo sobre seu irmão. Continuaram andando. Passaram ante um estabelecimento iluminado.

— Veja até a que hora se vende cachorro-quente! — ele exclamou.

— Vamos comer um?

— Agora?

— Num minuto escapamos de ser assassinados, noutro comemos cachorro-quente.

A vida é assim, toda imprevistos. Talvez por isso mesmo é que seja boa.

Entraram no bar que devia estar atendendo aos últimos fregueses. Compraram dois cachorros-quentes e ficaram comendo-os de pé.

— O que será que eles vão fazer com a gorda?

— Duvido que a matem... Precisam dela. Mas talvez ela receba uns sopapos por nos deixar fugir.

Júlio lembrou-se de perguntar o que para ele era um enigma:

— Como é que teve a ideia de falar no rato? Nem todas as pessoas têm medo. Foi adivinhação?

— Não — ela respondeu. — Miguel me contou que a doutora tinha pavor de ratos.

Como cirurgiã tem sangue frio, equilíbrio, mas não pode ver um rato. Quando se recuperava da operação, Miguel por duas vezes teve de expulsar ratos da cozinha enquanto ela subia na mesa. Eles infestam o bairro. Apenas me lembrei disso.

— Você representou muito bem.

— Representei bem porque eu também me pélo se vejo um rato. Sou pior que a gorda nisso. No orfanato era uma praga. Está bom o cachorro-quente?

— Está ótimo.

— Veja! — exclamou Ruth, subitamente, recuando com um forte brilho nos olhos.

Júlio também recuou.

— O que foi?

— O carro, passou o carro que estava na porta da doutora.

— O carro de Geovani?

— Estão à nossa procura.

— Melhor não sairmos agora. Podem fazer a volta. Ruth teve mais uma de suas ideias:

— Vou ao toalete. Faça o mesmo pra que não nos vejam aqui.

Júlio dirigiu- se às pressas ao banheiro. Ao olhar-se de passagem no espelho, estranhou. Algo acontecera com seu rosto. As linhas estavam mais duras. Parecia ter se tornado adulto em poucas horas. Tocou o rosto, examinando-o. Não, a maior transformação, menos física, concentrava-se no olhar. O menino de Serra Branca, o filho mimado da mamãe, já não estava presente. Dele restaria, no máximo, um retrato no álbum de família. Mas não havia tempo para recordações. Ele e a ex-menina de rua tinham muito ainda a fazer naquela noite.

Ao voltar ao balcão do estabelecimento Júlio já encontrou Ruth pagando os cachorros-quentes.

— Temos de ir — disse ela — mas será perigoso andarmos pela avenida. Está meio deserta. Se eles voltarem, nos verão facilmente.

Júlio deu uma espiada. De fato pouca gente circulava, apressada, pelas calçadas.

Se Geovani e o outro tornassem a passar...

— Não vejo táxis — observou ele.

— E o ponto de ônibus é longe, na esquina — acrescentou Ruth.

— Então vamos continuar aqui, é mais seguro.

Parecia ser mais seguro, sem dúvida, mas não por muito tempo. Logo cadeiras foram colocadas sobre mesas. Algumas luzes apagadas. Um garçom, sonolento, começou a descer a porta de ferro ondulada. Depois, dirigiu-se a eles:

— Estamos fechando.

— Não podemos comer mais um cachorro-quente?

— Não, o cozinheiro já foi embora.

Júlio e Ruth saíram, preocupados.

— Devem estar dando voltas pelo quarteirão.

— Vamos fazer o seguinte — sugeriu Júlio. — Você vai por uma calçada, eu por outra.

Estão procurando um casal.

— Talvez nem voltem. Mas tudo bem, a gente se separa. Ande devagar.

Júlio atravessou a avenida. Do seu lado via a parceira andando pouco à frente, do outro lado da via, perto de algumas pessoas. Como era elegante no seu passo cadenciado! A esquina estava distante ainda. Passou por ele, ligeiro, um casal com um filho, a mãe puxando pela mão um trôpego menino de uns cinco anos. Todos têm medo da cidade na madrugada. Em sentido oposto vinha um bêbado com um gorro enfiado na cabeça. Ziguezagueava, mas depressa.

De repente, outro susto. Avistou a distância, vindo lentamente em sua direção, o carro que vira diante do bangalô. A tensão da casa da doutora voltou, transformando em chumbo as pernas de Júlio. A mão no bolso da calça tocou o cabo do revólver. Mas não apressou o passo, pelo contrário, passou a andar ainda mais morosamente, arrastando uma perna, fingindo dificuldade.

O carro da morte passou e Júlio continuou a andar, resistindo à tentação de olhar para trás. E assim foi, mancando, até a esquina. Ruth, que caminhara quase o tempo todo ao lado de duas mulheres idosas, já havia chegado lá. Júlio parou e ficou a vê-la do outro lado.

Afinal um ônibus com poucos passageiros foi se aproximando. Júlio atravessou quase correndo a avenida. Entrou no veículo logo atrás de Ruth e sentaram-se no mesmo banco.

— Viu o carro? — ele perguntou.

— Vi, passou do seu lado. Meu medo era que você se assustasse e corresse.

— Fingi um defeito na perna. Acho que foi o que me salvou. — Você está ficando muito vivo.

— Se eu corresse seria o meu fim - disse Júlio. — E você?

— Eu falei para aquelas duas simpáticas coroas que tinha medo de andar sozinha pela rua.

E não reparou que havia um carro da polícia se aproximando? Os bandidos também devem ter visto.

— Desta escapamos, mas cada vez me preocupa mais andarmos por aí com a sacola. Quinhentos mil dólares.

— Esse dinheiro está me pesando. Parece que vamos ser assaltados a qualquer momento.

Ele quis mudar de assunto.

— Parece que nunca encontraremos Miguel. Ela apertou-lhe a mão com carinho.

— Não desanime, Júlio. Ainda nos restam algumas possibilidades. Depois, Miguel não iria embora sem o dinheiro e a caderneta. E sempre me disse que, se algo acontecesse, procurasse por ele em determinados lugares.

— Esses lugares eram a pensão de tia Rita, a igreja e a casa da gorda?

— Eram alguns deles. — Nos três demos azar. Ruth não pensava bem assim.

— Pode ser que nosso azar tenha sido a sorte de Miguel, entendeu?

— Não.

— Se Miguel estivesse na pensão da Rita poderia ter sido preso na batida policial.

Se estivesse na igreja, talvez a ruiva o assassinasse. E se passasse pela casa da gorda, antes de nós, quem sabe não estaria agora nas mãos da gangue?

Júlio concordou:

— Acho que você está certa. Estamos servindo para Miguel como uma espécie de pára-choque.

— Qual vai ser sua reação ao encontrar-se com ele? — Ruth quis saber — Abraços ou tapas?

— Confesso que estou com bastante raiva do Miguel. É um ambicioso doido. Um inconsequente que pôs duas vidas em risco, a minha e a sua. E que já causou uma

morte, a do sacristão. Essa sacola poderá causar ainda novas mortes. Não sei se o perdoarei.
Subitamente o rapaz quase foi dominado pelo sono. Uma noite como aquela exauria. Sacudiu a cabeça para afastá-lo.

— Aonde estamos indo?

— A lugar algum — respondeu Ruth. — Pegamos o primeiro ônibus que passou.

Vamos descer e tomar um carro.

A moça ergueu-se e encaminhou-se à porta do veículo para descer na próxima parada.

Quando enfrentaram a rua ambos sentiram um frio de doer. — Por que esse frio? — disse Júlio. — Estava mais quente.

— É a madrugada — lembrou Ruth. — Ela sempre traz surpresas. Gosto dela.

— Em Serra Branca a noite acaba cedo. Geralmente depois do telejornal. Você costuma dormir tarde?

Ruth não respondeu. Saiu acenando.

— Táxi! Táxi! Táxi!

Um táxi velho parou escorregando sobre os pneus. Ruth e Júlio correram e entraram. A moça disse ao motorista o nome da rua, mas Júlio, que não conhecia bem a cidade, não teve a menor ideia do rumo que tomariam.

— E agora, pra que lado vamos?

— Você verá — respondeu ela. — Um lugar divertido.

— Divertido? — admirou-se Júlio. — Ainda bem, depois desses em que estivemos...

A viagem foi longa e novamente Júlio sentiu sono. Desta vez mais profundo.

Tombou de lado com a cabeça sobre o ombro da parceira. Sonhou e viu-se em Serra Branca, na infância. Ele e Miguel empinavam papagaios num campo de futebol deserto.

Seu papagaio não subia muito, ao contrário do empinado por Miguel, já nas nuvens.

Invejou o irmão. Inúmeras pessoas olhavam para o alto, sorridentes, admirando a habilidade de Miguel. Uma moça que se parecia com Ruth e que talvez fosse Ruth surgindo do nada aproximou-se do herói e o beijou na boca. A partir daí a imagem começou a ondular, dobrando-se, o papagaio perdeu-se no céu, tudo virou um borrão e Júlio acordou.

Desculpe — disse a Ruth, envergonhado de ter dormido sobre seu ombro. Pegar no sono naquela situação era uma fraqueza.

— Estamos chegando — avisou ela.

10 - A UMA HORA EM PONTO

Logo em seguida o táxi parava. Ambos desceram ante uma fachada luminosa onde um punhado de pessoas, algumas estranhamente fantasiadas, faziam fila na frente de um guichê. O nome do estabelecimento brilhava em luzes amarelas circulantes, *The Yellow Mountain,* que Júlio logo traduziu: A montanha amarela.

— Que fantasias são essas? — perguntou, reconhecendo um Drácula, depois um Frankenstein.

— Hoje é sexta-feira, dia 13 — lembrou ela. — A casa está dando um baile a fantasia na base do terror.

— Mas não estamos fantasiados.

— Alugam fantasias lá dentro.

— O ingresso é caro?

— Tenho dois convites na bolsa.

Ruth trocou no guichê os convites por ingressos e entraram. O saguão estava repleto de monstros, sendo difícil identificar entre eles os masculinos e os femininos. Não faltavam dentes pontiagudos para se cravarem nas carótidas e enormes capas pretas esvoaçantes. Algumas bruxas compareciam com suas vassouras. Uma fantasia de esqueleto cujas cavidades oculares acendiam e apagavam era das mais impressionantes.

Alguém viera de múmia, completamente enfaixado.

Atrás de um balcão, dois anões, de aspecto terrível, fantasiados de coveiros, serviam bebidas enquanto gargalhavam malignamente a cada copo ou cálice que enchiam.

A música do salão chegava até ali. Não era do gênero que Júlio estava acostumado a ouvir, embora não menos quente do que qualquer rock pauleira. Um cartaz interior, escrito com letras vermelhas e pretas, exigindo leitura, anunciava: *Noite do mambo.* Júlio então lembrou-se de que os mais velhos falavam muito daquele antigo ritmo da América Central. Havia um subtítulo no cartaz: *homenagem a Peres Prado, o rei do mambo.* Mas apesar daquela festa toda de cores, extravagâncias e música, e que parecia estar no seu apogeu, Júlio continuava deprimido. Por que exatamente Ruth o levara lá?

— Vamos dar uma espiada no salão — disse ela, puxando-o pela

mão.

O salão do *Yellow Mountain* era enorme, tinha muitas mesas, um enorme fosso para a orquestra e apresentava algo que Júlio só conhecia de alguns programas da TV: fumaça produzida por gelo seco. Para um baile de monstros, de sexta-feira 13, aquele efeito era muito adequado e contribuía para a animação.

Com dificuldade, andando entre os pares mergulhados na fumaça, empurrados e empurrando, Ruth e Júlio

atravessaram o salão até uma porta lateral, a gerência, como indicava um luminoso. No caminho, um peludo orangotango, talvez o macaco assassino da rua Morgue, imitado do conto famoso de Edgar Allan Poe, quis dançar com Ruth, gesticulando grosseiramente. A moça fez um movimento de braços, como se fosse enlaçá-lo, aceitando o convite, mas abaixou-se, num lance natural, e afastou-se deixando o orangotango a dançar sozinho, envolto em fumaça. Esse domínio de movimentos de Ruth, sua elasticidade graciosa e elegante, chamara a atenção de Júlio desde o início da noite. Lembrou-se do salto que ela dera sobre a gorda, do trampolim invisível, fato que nunca mais esqueceria.

Ruth abriu a porta da gerência e entraram numa sala de espera onde dois monstros, um com cabeça de jacaré e outro de louva-a-deus gigante, de pé, desentendiam-se a propósito duma despesa que com mútuas acusações se negavam a pagar. O réptil e o inseto pareciam bêbados, o que seus passos incertos revelavam.

Subitamente surgiu da gerência um homem alto, usando calça e paletó, com o vigor típico de um leão-de-chácara, pago para acabar com confusões, e começou a sacudir pelo braço os dois monstros.

— Ah, não querem pagar? Pois vão ver...

— Ele que pediu as bebidas — disse o jacaré.

— Pedi só a primeira rodada — protestou o louva-a-deus. — Ele chamou mais três.

O leão-de-chácara, ainda sacudindo-os, como se fossem bonecos, ignorava os argumentos.

— Pois vão tratando de pagar já, já!

Ambos, derrotados, enfiaram a mão nos bolsos retirando cédulas amarrotadas que sem contar foram passando ao vigilante. Este, com a nota da despesa na mão, conferia o pagamento e quando se deu por satisfeito abriu a porta bruscamente e empurrou o réptil e o inseto para o salão, como se enojado. Só então notou a presença de Júlio e Ruth.

— O que querem?

— Falar com a Ana — respondeu Ruth.

— Quem são vocês?

— Diga que é a Ruth.

O homem entrou pela gerência com um ar de que tinha dúvidas de que Ana os atendesse.

— Quem é Ana? — perguntou Júlio. — A gerente?

— A dona do *Yellow.*

— Vocês se conhecem bem?

— Miguel conhece. Ele trabalhou aqui quando chegou.

— Fazia o quê?

— Começou como garçom, mas tornou-se o braço direito da Ana. Ele que teve a ideia de realizar esses bailes promocionais. A noite disto, a noite daquilo. A primeira já foi um sucessão. A noite das noivas. Todas as mulheres vieram de cauda, véu, grinalda, buquê. O jornal do bairro deu uma página inteira. Salvou o *Yellow,* que estava para fechar.

— E por que ele não ficou aqui, já que se saiu bem?

— Porque ambicionava muito mais. Aqui em três anos já tinha chegado ao fim da linha. Ana ainda lamenta que ele tenha pedido a conta.

— Mas ela também se meteu com o tráfico?

— Não sei, mas é possível que sim.

A porta da gerência abriu-se e o leão-de-chácara fez um sinal para que entrassem.

Entraram. Era um escritório amplo, as paredes ocupadas por pôsteres de cantores famosos do passado, a maioria estrangeiros. Havia também a documentação da casa, exposta em quadros de aviso, além de alguns troféus. Um recorte de jornal, plastificado, noticiava a maratona de dança que ali se realizara. O vencedor permanecera dançando quatrocentas e vinte e oito horas. Mas não havia ninguém à espera deles.

— Será que se pode confiar nessa mulher? — perguntou Júlio. — Você confiava na gorda e deu naquilo.

— Não direi que confio cegamente — respondeu Ruth. — Mas com ela Miguel teve um convívio maior. Ana deve favores a ele. A doutora não devia nada.

— Quem lhe deu os convites?

— O próprio Miguel, ontem. Viríamos juntos se não acontecesse o que aconteceu.

Ele sempre lembrava os bons tempos aqui no *Yellow.* Uma porta de fundo abriu-se e entrou uma mulher de uns cinquenta anos, de tez acentuadamente escura, que apesar de sua magreza e altura mediana ostentava certa opulência. Usava um vestido de modelo oriental, vivamente estampado e um colar de muitas voltas em torno do pescoço. Alguém vindo de uma baixa camada social mas que acabara vencendo, Deus sabia como. Olhou a Ruth e o rapaz sem nenhuma surpresa.

— Esse é Júlio, o irmão do Miguel — apresentou Ruth.

Júlio, vendo a mulher como uma figura de pedra-sabão, meio estátua, ficou em dúvida em lhe apertar a mão. Acabou dizendo apenas:

— Muito prazer.

— Sabe se Miguel vem para cá? — perguntou Ruth. — Acabo de falar com ele pelo telefone.

Ruth vibrou com a notícia. — Ele contou tudo?

— Não sei se tudo, mas contou o que já aconteceu com ele esta noite. Cada coisa!

Sentem-se, mas antes passe a chave na porta — pediu a mulher.

Ruth fechou a porta e ela e Júlio sentaram-se diante da escrivaninha. Ana acomodou-se numa poltrona giratória e começou a repetir o que ouvira de seu ex-protegido.

UMA HISTÓRIA ENTRE PARÊNTESES

Miguel contara a Ana os episódios que vivera naquela noite. O da pensão da Rita, onde houvera a batida policial, e o da cena de sangue na igreja. A terceira etapa tinha acontecido na casa de uma cirurgiã que cuidara dele uma vez, quando fora baleado.

Miguel não tivera tempo de avisar Ruth para não procurá-lo lá. Recentemente obtivera confirmação de que as ligações da médica com a quadrilha eram mais fortes do que aparentavam. Assim, temendo o pior, tomou um táxi e foi para a residência da mulher, descendo porém precavidamente nas imediações. Aproximava-se da casa quando dois homens saíram a toda pressa e entraram num carro. Escondendo-se atrás de uma árvore, reconheceu Geovani, o assassino. Teve, então, de pensar muito para decidir o que fazer.

Seu receio era de que Ruth e o irmão estivessem detidos ou mortos no interior da casa.

Ao parar diante dela notou que a porta estava apenas encostada.

Com o revólver em punho entrou pelo jardim. Viu um buraco no lugar da fechadura. Empurrou levemente a porta e penetrou na sala. Dois abajures estavam acesos mas não havia ninguém.

Então ouviu gemidos que vinham da cozinha.

A gorda estava caída sobre os ladrilhos, ao lado de um cão ensanguentado. A mulher ainda vivia, o dálmata não.

— Quem fez isso? — perguntou Miguel.

A doutora tentava ajoelhar-se. Não conseguiu. Sangrava muito.

— Você... — murmurou ao ver Miguel.

— Geovani esteve aqui?

Ela moveu a cabeça afirmativamente. — Por que ele fez isso com você?

Um cão escapara do massacre. Apareceu na cozinha. A doutora não respondeu a Miguel.

— Diga o que aconteceu e bem depressa — exigiu Miguel. O olhar dela foi a resposta: tinha medo de falar.

— Algo relacionado com meu irmão?

A gorda não queria ou não podia dizer nada. Ele apontou a arma para o outro cão.

Aí ela falou:

— Geovani... me culpou... da fuga... de seu irmão... e da moça. — Ah, fugiram! — exclamou Miguel, mais aliviado.

Ela teve forças para acrescentar:

— A moça me derrubou... Me prenderam no armário do quarto...

Miguel gostou de ouvir aquilo. Pelo menos por enquanto estavam livres. Ainda no chão a mulher voltou a gemer. Seu estado não era nada bom. O dálmata foi lhe lamber o rosto. Miguel saiu às pressas do bangalô.

Depois de ouvir o relato, Ruth comentou:

— Ele esteve próximo de nós o tempo todo.

— Ele está vindo pra cá? — perguntou Júlio ansioso.

Pausa.

— Houve um probleminha — revelou Ana.

— Disse probleminha? — espantou-se Ruth. Era algo que Ana estava protelando.

— Conhece a tal mulher de cabelos vermelhos?

— Claro que sim.

— Pois ela pode estar aqui.

— Aqui no *Yellow?* — espantou-se Júlio.

— Aqui.

O retorno do terror.

— Como sabe?

Ana espichou uma pausa enquanto acendia um cigarro.

— Parece que não há lugar suficientemente seguro para vocês esta noite — lamentou no centro de uma fumaça azul. — Quantos convites tinham ao chegar?

— Dois.

— Mandei três para Miguel, caso quisesse trazer algum amigo...

— O terceiro certamente ficou com ele — lembrou Ruth.

— Não ficou. Ele mesmo me disse. Um sumiu de sua mesa lá na falsa agência de turismo onde fazia ponto. A mulher de cabelos vermelhos, que trabalhava na mesa ao lado, já desconfiada das intenções dele, provavelmente tinha se apoderado do convite.

A reação foi imediata.

— Seria mais prudente então não sairmos daqui desta sala — disse Júlio.

— Não. Tenho outra sugestão. O melhor será observá-la de perto, seguir os seus passos.

— Ela nos reconheceria — alarmou-se Ruth.

— Não, vou dar um jeito. Vamos passar para a sala ao lado.

Era uma espécie de camarim. O *Yellow* já havia sido teatro, um remanescente dos anos 40, quando teatros e cinemas eram imensos. Ana abriu um guarda-roupa abarrotado de fantasias para ambos os sexos, reservada aos convidados especiais que quisessem usá-las.

— Peguem o espantalho; tem uma bolsa de saco onde se pode guardar a sacola — sugeriu a dona do baile. — Escolham à vontade. Espero na gerência.

A escolha das fantasias foi feita depressa, vesti-las não. Júlio sentiu-se um tanto constrangido ao tirar parte da roupa. Quando Ruth foi vestir a sua, ele voltou-se para a parede a fim de deixa-la mais à

vontade.

— Que bobagem, Júlio! Quem sabe estamos nos vendo pela última vez. Pode olhar.

Ao se refletirem no espelho acharam graça. Ruth ficara maravilhosa de espantalho, com o enorme chapelão de palha. O rosto estava encoberto por uma máscara dominada por um impressionante nariz torto. O espantalho duma casa do terror. A fantasia de Júlio era de diabo, diabo preto com um rabo comprido. Na máscara havia um afiado par de chifres.

Voltaram à gerência onde Ana os aguardava. — Escolheram bem — ela aprovou.

— O que a gente faz agora? — perguntou Ruth.

— Fiquem na entrada à espera de Miguel. Levem ele para a sala onde estamos alugando fantasias. Ele não deve atravessar o salão em traje de passeio. Se a ruiva já entrou o reconhecerá. Fantasiado ele estará protegido. Então o tragam para cá.

Arranjarei um jeito para saírem os três.

Júlio e Ruth retornaram ao salão já mais densamente dominado pela fumaça.

Estava lotado e raras eram as pessoas que não usavam fantasia, quase todas inspiradas nos temas de terror. A animação crescia a cada instante, impulsionada pelos mambos, cheios de breques e explosões instrumentais. Caminhar pelo salão não era fácil porque a multidão formava uma massa compacta ou se dividia em correntes circulantes que desviavam a passagem. Tiveram de se dar as mãos fortemente para não se perderem um do outro.

— Veja se descobre a mulher de cabelos vermelhos — disse Ruth ao companheiro.

Júlio redobrou a atenção, porém só via gente fantasiada. Depois, a fumaça do gelo seco dificultava distinguir qualquer coisa a distância.

— Isto está mesmo com cara de inferno — comentou ele. Chegaram, por fim, ao saguão, onde o movimento era menor. Postaram-se logo à entrada, de onde veriam Miguel, se chegasse. Viam-se de lá também os guichês, ainda com filas de compradores de ingressos. Miguel não estava em nenhuma delas.

— Ele já pode ter entrado — preocupou-se Júlio.

— Miguel conhece isto como a palma da mão. Se chegasse teria ido diretamente para a gerência. Vamos ficar aqui.

Cada pessoa que comprava entrada era observada por Júlio e Ruth através do vidro da porta. Algum tempo depois a fila diminuiu.

Um dos guichês foi fechado. Logo em seguida já não havia mais ninguém.

— Acho que por algum motivo ele decidiu não vir para cá — opinou Ruth.

— Ou deve ter acontecido qualquer coisa — temeu Júlio, mais pessimista.

Mais algum tempo e o último guichê interrompia definitivamente a venda de ingressos.

Ruth aproximou-se do porteiro.

— Estamos esperando um amigo.

— A lotação está esgotada — disse ele.

— Trata-se de um amigo de dona Ana.

— Sendo amigo dela a gente deixa entrar sem bilhete.

Ruth teve a ideia de dizer:

— Talvez o senhor conheça. Ele já trabalhou aqui. O senhor é antigo na casa?

— Trabalho no *Yellow* desde que abriu. Oito anos.

— Conheceu Miguel?

— Miguel? O boa cabeça? Conheci, sim.

— Viu ele entrar?

— Não entrou.

— Certeza?

— Estou aqui na portaria desde as dez e não vi.

— Que pena! - lamentou a moça.

— Falaram com dona Ana? — perguntou o porteiro.

— Já. Ela está à espera dele também.

A espantalho e o diabo caíram no desânimo.

O porteiro teve uma lembrança.

— Por que não vão aí na sala onde alugamos fantasia?

— Por quê?

— Ele pode ter passado por lá. Falem com o Souza. Ele conhece Miguel muito bem.

Júlio e Ruth aceitaram o conselho. A sala onde se alugavam fantasias, dividida em baias, um lado para homens e outro para mulheres, estava vazia. Nenhum folião, apenas um homem com um boné à cabeça sentado numa cadeira.

— O senhor é o Souza? — perguntou Júlio.

— Sou.

— O senhor viu o Miguel, aquele que já trabalhou aqui?

— Fala do Miguel que bolava uma ideia por dia? Foi ele que levantou esta casa!

— Viu ele hoje?

— Não vejo Miguel há tempo. Por quê, ficou de aparecer?

— Ficou — disse Júlio.

— Por aqui não passou. Estaria na gerência?

— Não está. Obrigado.

Os dois já se retiravam quando Júlio voltou um passo e perguntou:

— Por acaso alugou fantasia para uma mulher de cabelos vermelhos?

A resposta foi mais breve do que Ruth e Júlio poderiam imaginar.

— Uma que parece uma cenoura?

— Pode ser essa.

— Ela ficou um tempão escolhendo fantasia. Uma chata.

— Estava sozinha? — perguntou Ruth.

— Estava.

Aturdidos, Júlio e Ruth indagaram ao mesmo tempo:

— Que fantasia escolheu?

— De bruxa. Uma igualzinha à do filme *O mágico de Oz.* Com vassoura e tudo. Mas se querem encontrá-la vai ser difícil. Há no mínimo vinte bruxas iguais no salão.

Outra pergunta, após uma pausa para engolir em seco.

— Ela passará por aqui para devolver a fantasia?

— Não. Ela comprou a fantasia.

— Comprou?

— Alguns compram. Não fica muito mais caro do que o aluguel. A gente esfola um pouco para compensar

os que caem fora sem devolver a roupa — explicou o Souza.

Júlio e Ruth voltaram ao saguão sentindo-se perdidos.

— Ela está aqui, Júlio — disse Ruth aterrorizada.

Júlio tentou acalmá-la:

— Mas Miguel não está. Não poderá fazer nada contra ele. E nós estamos fantasiados. Não nos reconhecerá.

— Nem nós a reconheceremos com tantas bruxas no salão.

— O que acha que devemos fazer agora? — perguntou Júlio.

— Contar a Ana o que aconteceu e sumir daqui.

Ana estava no escritório recebendo um telefonema quando a porta da gerência se abriu. Quem entrou fechou-a a chave atrás de si. A dona do estabelecimento, atenta ao que ouvia, curvada para o lado, nem percebeu. Ao desligar, vendo inesperadamente uma pessoa ante a mesa, perguntou:

— O que você quer?

A bruxa respondeu com um sotaque bem estrangeiro:

— Vim esperar Miguel.

— Miguel? — exclamou Ana, sentindo o sangue ferver.

— Você sabe de quem falo.

Ana fazia o possível para manter a naturalidade.

— Se é o Miguel que eu penso acabou de me informar que não vem. Bateram na porta. Ana levantou-se.

— Você não vai atender — disse a bruxa. E espiou pelo visor. — Só deixarei entrar se forem aqueles dois.

— Que dois?

— A mocinha e o garoto.

— Que mocinha? Que garoto?

— Eles entravam no salão quando cheguei. Deviam ter encontro marcado com Miguel.

— Ele não virá — repetiu Ana. Estava muito assustada.

Nova batida na porta. A bruxa olhou novamente pelo visor. Não era ninguém que lhe interessava.

— Por favor, saia daqui - ordenou Ana.

— Vou esperar pelos dois. A menos que tenham deixado o dinheiro com você.

— Que dinheiro? Não sei de dinheiro nenhum.

— Não viu uma sacola de viagem com eles? Tem meio milhão de dólares dentro.

Dinheiro roubado por Miguel.

— Eu não vi nada.

A bruxa mostrou um punhal. Parecia uma peça de estilo, brilhante, rara, e por isso mesmo mais ameaçadora. E a fantasia, aquele chapéu, aquela máscara, tornavam a situação ainda mais aterradora.

— Você vai ter de falar — disse a intrusa. — Trata-se de sua vida. Para mim não vale nada mas para você é preciosa.

— Afinal, o que você quer que eu diga?

— Os dois pivetes estiveram aqui?

Às vezes uma meia verdade salva.

— Estiveram mas foram embora.

A bruxa riu. As bruxas assustam mais quando riem. Sua maldade é jocosa.

— Por que iriam embora se apenas agora você soube que Miguel não virá?

Ana sentiu-se diante de um ser diabólico, capaz de um raciocínio instantâneo. Ela a pegara. Os jovens não poderiam ter se retirado já que aguardavam uma pessoa que estava a caminho. Se houvera um imprevisto não sabiam ainda.

— Não sei — apenas pôde dizer.

— Aposto que foram dançar um pouco — sugeriu a bruxa. — E logo estarão de volta para ver se Miguel já chegou.

— Não estavam fantasiados.

— Nem eu estava quando cheguei — disse a bruxa.

— Já que insiste, espere.

A máscara não refletiu mas um pensamento lampejou no rosto da mulher do punhal.

— Mas eles não iriam dançar com a sacola, portanto...

— Portanto o quê?

— Ela deve estar com você. Vá abrindo as gavetas e depressa.

Ana obedeceu. Foi abrindo as gavetas da escrivaninha que só tinham livros de contabilidade e revistas.

— Aqui não tem nada — disse Ana.

A bruxa olhou para a porta do fundo.

— O que tem lá?

— É um guarda-roupa.

— Vamos. Levante-se.

Com Ana à frente, tendo nas costas o toque da ponta do punhal, entraram no camarim. Havia algumas gavetas para abrir. Ana foi abrindo.

— Há fantasias aqui — observou a bruxa.

— São selecionadas para alguns convidados. Eles não precisam alugar.

A bruxa riu outra vez, como as bruxas dos desenhos animados.

— Que fantasias os canalhinhas estão usando?

— Nenhuma.

— Posso apostar que estão — garantiu a fada má.

Ana deu mostras de estar perdendo a paciência.

— Vamos acabar com isso. Procure-os pelo salão.

— Enquanto você chama seus cupinchas... Não, vou prendê-la neste quarto enquanto espero os canalhinhas na gerência, com a porta fechada.

— Isso não — protestou a dona do salão.

— Sofre de claustrofobia? Que me importa?

— Não me prenda aqui.

— Vai ficar aí e bem quietinha. Não quero que me atrapalhe quando eles chegarem...

A paciência de Ana chegou ao fim. Atracou-se com a bruxa.

Júlio e Ruth precisavam de um minuto para avançar um metro. Dançando e saltando, numa alegria esfuziante, os monstros não cediam espaço. Parecia que as pessoas, vestidas daquela maneira e com aquelas máscaras apavorantes, assumiam sua verdadeira personalidade. A humanidade ou parte dela como realmente era por dentro.

E ainda mais opressivo que o visual, mais sufocante que a fumaça dos efeitos especiais, eram os sons do mambo, mambo-jambo, como se provenientes de imensos tonéis rolando no convés de um navio ao sabor de uma tempestade. Havia, ainda, naquela noite de extravagâncias, um bombardeio de raios luminosos, laser, vindos do alto, que projetavam no escuro do salão fragmentos de um dia magicamente ensolarado. Assim Dráculas, Frankensteins e outros monstros podiam ser vistos no todo ou em partes à luz jateada do meio-dia.

Lentamente, evitando uns ou forçando com o ombro para romper barreiras, a espantalho, sempre acompanhada da sacola milionária, e o diabo foram se aproximando da porta da gerência.

— Júlio! Veja!

Uma bruxa saia precipitadamente, logo se misturando com a massa de foliões.

Na sala de espera da gerência estavam dois homens espiando para o interior.

Ouviram dizer:

— Esfaquearam dona Ana.

Júlio e Ruth passaram à gerência onde já se encontrava o leão-de-chácara que os recebera. Viram o corpo de Ana ao chão, ensanguentado.

— O que aconteceu? — perguntou Ruth.

— Ouvimos gritos e batemos na porta — explicou o leão. — A porta abriu e saiu uma pessoa fantasiada

de bruxa. Alguém começou a telefonar para um pronto-socorro.

Outras pessoas entravam.

Júlio e Ruth ajoelharam-se ao lado de Ana. Sangrava muito mas estava viva.

— Ela esperava por vocês — conseguiu dizer.

— A bruxa? Já sabíamos que tinha se fantasiado. Soubemos pelo Souza — contou Ruth.

— Miguel telefonou — prosseguiu Ana com dificuldade. — Ele não vem. Vai esperar vocês na casa da Lena.

O homem que telefonava finalizou a ligação. Uma ambulância estava a caminho.

Dois outros saíram da sala para tentar segurar a agressora, que já devia estar deixando o *Yellow.*

— Não direi nada à polícia sobre o dinheiro — garantiu Ana em voz baixa mas que Júlio e Ruth puderam ouvir. Colocaram-na sobre um sofá.

Ruth puxou Júlio para o guarda-roupa a fim de trocarem de roupa, o que fizeram rapidamente. Mas não se retiraram logo. Afinal cabia-lhes certa culpa pelo que acontecera a Ana. A esta altura já havia umas dez pessoas na gerência.

Subitamente dois dos fortes guardas do *Yellow* entraram trazendo à força uma bruxa. Tinham apanhado a assassina!

— O que eu fiz? — ela protestava. — Me soltem, brutos. Arrancaram-lhe o chapéu e a máscara. Era uma morena, muito jovem. Uma das vinte bruxas da noite.

— Não é essa — disse Ruth.

— Como sabe?

Ruth se atrapalhou mas Júlio encontrou uma saída:

— Estive dançando do lado dessa moça o tempo todo. Garanto que não entrou aqui na gerência.

Como a garota rompesse a chorar, foi dispensada.

Em seguida, os homens que haviam saído primeiro para deter a bruxa, voltaram.

— Ela tomou um táxi.

— Vocês viram? — perguntou o leão-de-chácara.

— Uma mulher nos informou — disseram.

— Por acaso — interveio Júlio — essa mulher que informou tinha cabelos vermelhos?

— Tinha — responderam surpresos.

E o leão:

— Como sabe, rapaz?

— Vi uma mulher de cabelos vermelhos, muito suspeita, alugando uma fantasia.

Eu estava lá — mentiu Júlio, sem convencer muito.

Vieram avisar que a ambulância chegara. Ana seria retirada por uma porta de incêndio próxima à gerência.

Júlio e Ruth decidiram acompanhar a remoção da vítima, já posta na maca trazida por dois enfermeiros. Saíram com um grupo pela porta de incêndio, enquanto no salão a farra dos monstros continuava. Poucos souberam do que sucedera. No frescor da madrugada viram a maca entrar na ambulância, que partiu no mesmo instante.

— Já deve ser bem tarde — disse Júlio como se a noite pesasse sobre ele.

— Muito depois das duas.

11 - DEPOIS DAS DUAS DA MADRUGADA

Júlio e Ruth foram andando, ainda a ouvir da rua um mambo-jambo.

— Sempre que ouvir um mambo me lembrarei de sangue — comentou.

— Ana deve ter enfrentado a ruiva. Mulher corajosa. Espero nunca mais ver aquela criminosa pela frente.

O rapaz chutou qualquer coisa. Abaixou-se para ver o que era.

— Uma máscara!

— Máscara de bruxa! — exclamou Ruth. — Ela deve ter-se livrado da fantasia assim que deixou o salão. — Vou levar essa máscara.

— Por quê?

— Suvenir.

Olhando para o chão Júlio fez nova descoberta.

— O chapéu! — Abaixou-se e pegou-o. — Era o que ela usava, sem dúvida.

Continuaram andando.

— Por que será que Miguel não pôde aparecer?

— Ana não disse.

— Espero que não esteja ferido. Será que ele está?

— Se pôde telefonar ao menos estava vivo — comentou Ruth. — Confio muito na esperteza dele. Acho que escapará desta.

Júlio lembrou-se de algo desagradável.

— Depois disso tudo acabou-se meu sonho de viver na capital.

— Miguel até que falava muito bem de Serra Branca.

A lamentação de Júlio fora o ensaio para uma pergunta:

— Acha que nos veremos novamente?

— Esta noite tudo está na corda bamba. Inclusive nossas vidas. — Ruth segurou a mão dele carinhosamente como se passeassem no pacífico pátio de um colégio à espera de uma aula de geografia.

— Acho que a gente se verá de novo. Esqueceu que pretendo ser sua cunhada?

Júlio de fato esquecera. E não gostara da lembrança. — Vamos para a casa da tal Lena?

— O nome dela é Helena. Miguel que a chama de Lena. Gosta de simplificar nomes.

A mim chama de Ru, principalmente quando as coisas vão bem. Ruth guarda para os momentos negros.

— Você conhece essa Lena?

— Conheço, lida com produtos de beleza. Tem um curso de esteticista. Foi atriz.

— Foi atriz?

— Antigamente, quando era moça e bonita. Guarda muitos retratos dessa época.

Vive muito do passado. Dá até a impressão de que sua vida se encerrou com o último contrato no palco que teve.

— Pelo jeito Miguel tem muitos amigos.

— É um cara expansivo, todos gostam dele.

— Nunca vou entender como se tornou traficante de tóxicos.

— A gente nunca entende tudo. Aquilo parece um ponto de táxi, não? Vamos nos apressar.

Quase correram em direção a uma esquina. Dois táxis parados. Entraram no primeiro e Ruth disse o nome de uma rua ao motorista. O rádio do carro estava ligado: transmitia as ocorrências policiais da noite. Depois de relatar um assalto numa mansão da zona sul o locutor referiu-se à estranha agressão sofrida por um sacristão no interior de uma igreja. O religioso rezava ante o altar quando uma mulher de cabelos vermelhos o apunhalara pelas costas, não se sabia com que propósito. Talvez, supunham, se tratasse de uma demente.

A voz do motorista encobriu o final da notícia:

— Hoje em dia nem freiras e padres escapam. A cidade está assim. Sabem quantas vezes já fui assaltado?

NOUTRO PONTO DA MADRUGADA

Miguel tinha quase a certeza de que Ludmila, a mulher de cabelos vermelhos, iria no *Yellow Mountain,* por isso, ao sair do bangalô da doutora, telefonou de uma farmácia para Ana, a fim de alertar Ruth e Júlio, caso os dois aparecessem por lá. Não estava convicto nem de uma coisa nem da outra, poderia estar perdendo tempo, mas de qualquer forma o salão de festas seria sua próxima parada. Antes do amanhecer esperava estar de posse da sacola, que guardara na rodoviária, e da caderneta de endereços, entregue ao irmão, para então desaparecer da cidade e provavelmente do país.

Levaria Ruth consigo, mesmo que não a amasse, pois ela já se complicara demais em sua companhia.

Quanto a Júlio, iria despachá-lo em segurança para Serra Branca, talvez num táxi. Se aceitasse, lhe daria algum dinheiro, reconhecendo que tudo aquilo prejudicara bastante o rapaz, tão desejoso de trocar o interior pela cidade grande.

Esperava, porém, que Júlio se mantivesse discreto, inventando uma história qualquer à família para justificar seu regresso.

Procurava um táxi para se dirigir ao Yellow, andando numa rua quase deserta, a ouvir os próprios passos sobre a calçada, quando percebeu ruídos de um automóvel rodando lentamente, junto ao meio-fio. Olhou para trás e reconheceu o carro, aquele em que vira Geovani e o outro traficante entrar. No mesmo instante escutou tiros, um-dois-três, e jogou-se no chão, o rosto encostado no cimento frio. Quando o carro brecou, levantou-se e disparou a correr. Os homens voltaram para o carro e o puseram rapidamente em movimento.

Miguel conheceu a sensação de estar sendo caçado sobre rodas. Por mais que corresse seria alcançado. Parou por um instante para que o auto o ultrapassasse, porém os traficantes mantinham uma distância prudente que lhes daria tempo de atirar se o perseguido recorresse a alguma manobra. Tornou a correr e ouviu novos disparos.

Adiante viu o brilho verde de um luminoso.

Era a entrada de uma galeria comercial que talvez ligasse a rua a outra, paralela, o que podia ser sua salvação. Em toda a extensão e de ambos lados, parte das lojas estava com suas portas metálicas descidas, enquanto outras expunham suas vitrinas, iluminadas.

Percorrendo a galeria sempre a correr, chutando um ou outro saco preto de plástico da coleta de lixo, Miguel logo chegou à extremidade oposta, onde o aguardava uma péssima surpresa na forma de uma teia de fios de aço. Uma porta. A segurança estava do outro lado, visível, concreta, a palmos de seu nariz, com os cheiros da outra rua, mas impossível de alcançar.

Começou o regresso, a passos cautelosos, na esperança de que, não sabendo da existência dessa porta, os traficantes contornassem o quarteirão, o que lhe daria alguma folga ao retornar à rua. Nesse retorno descobriu que a galeria não era apenas uma única via, reta; à certa altura era cruzada por outra, menor, também de lojas enfileiradas. Foi nesse ponto que viu os dois homens, por precaução, um em cada margem, entrando armados na galeria. Miguel puxou o revólver, porém hesitou entre ocultar-se à porta de algum estabelecimento e surpreendê-los, atirando. Escolheu a primeira hipótese: escondeu-se.

Ao notarem que ali havia uma bifurcação, um dos bandidos permaneceu parado nesse ponto, vigiando, enquanto o outro seguiu em frente. Miguel pensou ligeiro: o que seguira adiante naturalmente logo constataria que, estando a porta de fundo fechada, o fugitivo não poderia ter escapado. Assim, antes que retornasse, só teria um homem a enfrentar. Tentou aproximar-se aproveitando um momento em que o traficante não olhava em sua direção e atirou duas vezes.

O estrondo provocado pelos disparos espantou tanto o alvo quanto o atirador.

Dois tiros de canhão reverberando no espaço quase fechado da galeria. O bandido, porém, sem ser atingido, desapareceu enquanto se ouviam os passos contínuos do outro, voltando a toda pressa.

— Ele está ali! — berrou o que ficara de vigia.

Postando-se um em cada lado da esquina, puseram-se a atirar provavelmente sem ver Miguel.

As balas perfuravam as portas metálicas, corridas, ou estilhaçavam o vidro das vitrinas em fragmentos que se espalhavam pelo corredor. Miguel respondeu ao fogo também atingindo as vitrinas da quadra oposta. As lâmpadas de algumas, estouradas, se apagavam.

Miguel reconheceu a voz de Geovani, negociando:

— Entregue-se. Só queremos o dinheiro e a agenda de endereços.

Como nem uma coisa nem outra estava com ele, não havia o que negociar.

Miguel tornou a atirar, recuando, a pisar sobre cacos de vidro. Os tiros não visavam agora os traficantes, mas as luzes das lojas da própria ala em que se ocultara, para que nenhuma claridade o denunciasse. Os dois voltaram a disparar suas armas, sem ver no que atiravam. Era um tiroteio de cegos. Depois de puxar o gatilho pela sexta vez, Miguel recarregou o revólver, porém não atirou de

imediato para acreditarem que acabara a munição. Prensava usar a cabeça. Então, teve outra ideia: afastou-se e deu um forte pontapé numa vitrina, derrubando-a parcialmente, num desmoronar estilhaçado, que parecia o de uma catedral toda feita de vidro. Ouviu aí alguma troca de palavras em tom baixo, à procura de entendimento. Qualquer ruído significava muito naquela situação. O quebra-quebra de fato tinha um sentido: Miguel queria que

imaginassem que se refugiara no interior de uma das lojas, já que seu tambor estava vazio. Pareceu-lhe a ideia salvadora.

Deu certo. Pelo rumor que o pontapé produzira, e pela vidraça que despencara, os bandidos tiveram a exata impressão que Miguel quisera causar. Era mais lógico que um homem desarmado preferisse o abrigo da loja a ficar exposto na passagem da galeria, mesmo às escuras. Mas não se precipitaram e depois de algum tempo reabriram o fogo. No entanto não poderiam prolongar por muito tempo a caçada, cujos disparos logo atrairiam curiosos e a polícia. Avançaram, passo a passo, na escuridão.

Miguel abaixou-se, conseguindo acompanhar o trajeto cauteloso dos dois pelos estalidos que seus pés faziam. Era o momento de interromper a respiração.

Ao chegarem diante da vitrina arrasada, a que puderam identificar devido à quantidade de pedaços de vidro espalhados pelo chão, dispararam a um só tempo as armas. Era de ensurdecer. Alguns manequins caíram e rolaram. Agora Miguel podia situar, quase ver, seguramente, onde eles estavam.

— Vou entrar e ligar a luz — anunciou Geovani, começando a avançar pela vitrina adentro, pisando vidro e objetos que o bombardeio derrubara.

O traficante que permanecera na galeria, diante da vitrina em cacos, acendeu um isqueiro para facilitar a tarefa do companheiro. Idiota! Melhor oportunidade não poderia surgir. Miguel ergueu-se e apertou o gatilho duas vezes, e ao vê-lo cair, como um dos manequins, mais uma vez atirou ao interior da vitrina. Depois afastou-se a correr, rente à galeria, o mais que pôde. Dobrou a esquina e a distância viu a rua. Continuou a correr.

Ao chegar à entrada, sob o neon verde, olhou para trás. Percebeu um vulto o perseguindo, Geovani, e atirou. O outro respondeu instantaneamente ao fogo.

Diante da galeria estava estacionado o carro de Geovani. Miguel atirou num dos pneus e prosseguiu na fuga, todo dolorido, com uma dor aguda às costas, vendo na direção oposta pessoas que se aproximavam às pressas despertadas pelo tiroteio.

— Estão assaltando as lojas! — ouviu dizer.

Miguel foi se afastando, ofegante, já não tão rapidamente, em sentido inverso ao que Geovani deixara o carro. Mais além, oculto atrás de uma árvore, onde parara para respirar, viu quando ele entrou no auto, que saiu capengando, com um pneu no chão.

Parou logo adiante. Sempre em frente, Miguel deu com uma avenida semicoberta pela neblina. Precisava encontrar um telefone. Teve de andar muito, e cada vez mais lento, sentindo dores, sob um frio de rachar, quando viu afinal um orelhão.

Ligou para o *Yellow* e falou com Ana, informando em poucas palavras que não iria ao salão. Ela que tomasse conta de Ruth e Júlio e os mandasse à casa de Lena.

Ana perguntou:

— Você está bem?

— Acho que estou — respondeu.

Somente após o telefonema percebeu o quanto estava cansado. Tensão exaure mais que qualquer esforço muscular. Estava esgotado, fraco, e com dores agora concentradas no ombro. Mas se saíra bem na batalha. Pena que derrubara o outro, não Geovani. Este, sabia, não desistiria enquanto não estivesse bem longe. Persistente igual a ele, e capaz de inventar os maiores ardis, só mesmo Ludmila, aquela víbora de cabelos vermelhos. Gostaria de não tornar a encontrar nenhum dos dois até embarcar num avião. Viu um bar aberto.

— Um café — pediu.

Um freguês que já estava no bar, vendo-o por trás, perguntou:

— O senhor se machucou?

— Eu?

— Seu ombro está sangrando.

Miguel levou a mão à parte traseira do ombro e quando a retirou, molhada, viu que era sangue.

12 - TRÊS HORAS DA MADRUGADA

Tendo descido de um táxi, Ruth e Júlio caminhavam. Ela nunca mandava os táxis pararem à porta dos lugares aonde ia. Miguel lhe ensinara que devia haver um espaço para iludir qualquer perseguidor. Somente entrar numa casa ou edifício depois de ter a certeza de que a rua estava limpa.

Graças a essa simples precaução, a de evitar becos sem saída, Miguel escapara mais de uma vez da polícia. Sua segurança sempre dependera de um conjunto de espertezas.

Caminhavam por uma rua bastante arborizada, cheia de sombras, que a madrugada tornava macia.

— Eu imaginava tia Conceição morando numa rua assim — contou Ruth. — Bem residencial. Numa casa bonitinha, toda branca, com plantas, onde eu pudesse morar quando me faltasse dinheiro. Me sentia mais segura imaginando. Já fui expulsa de várias pensões por falta de pagamento. Sei como é horrível ver o mês acabar e a gente não ter dinheiro nem para garantir o teto.

— Mas você não disse que trabalha no teatro?

— Sim, desenho cenários, mas, a princípio, nem sempre havia trabalho. Chegava a ficar meses parada. Era quando mais pensava em tia Conceição, quando a inventava melhor. Até a desenhei, sentada numa cadeira de balanço, ao lado de uma janela. Todos os dias eu aperfeiçoava o desenho. Queria que ficasse perfeito e até falasse.

— Miguel sabia que você tinha essa tia na cabeça? — perguntou Júlio.

— Sabia — ela respondeu. — E sempre dizia: quando formos para o exterior levaremos tia Conceição junto. A velha merece viajar um pouco. Miguel faz graça de tudo, não?

— Já disse que não conhecemos o mesmo Miguel.

Ruth começou a andar mais devagar. Estavam chegando.

— Luz? Será que Lena está acordada? A esta hora?

A casa de Lena era térrea e comprida, ladeada à direita por um corredor de terra, da mesma extensão, onde se alinhavam pequenos quartos de porta e janela. Devia ser onde ela exercia sua profissão.

À entrada havia uma placa metálica que no escuro da rua mal dava para ser lida:

LENA - ESTETICISTA E MASSAGISTA

— Pode ser que esteja esperando a gente — ponderou Júlio.

— Não podia esperar, a não ser que Miguel lhe tenha telefonado.

— Confia nela?

— A esta altura tenho medo de todos — admitiu Ruth.

— Ela é amiga de Miguel?

— Eu que lhe apresentei Lena. Conheci Lena no teatro. Mas ela e Miguel ficaram muito amigos. Ele tem aquele jeito especial para cativar pessoas.

— Ela sabe do que ele vive?

— Não sabia mas alguém lhe disse.

— E ela continuou amiga dele?

— Isso que vamos saber agora.

Ruth tocou a campainha. Como ninguém atendia os dois ficaram apreensivos. Ela tocou outra vez.

Desta vez acendeu-se uma luz atrás da porta, que se abriu em seguida.

Uma mulher de meia-idade, vestindo um folgado vestido caseiro de cor indefinida, aparentando um temor exagerado de alguma coisa, apareceu.

— Sou eu, Ruth.

— Entre depressa.

Ruth e Júlio entraram na casa que cheirava levemente a produtos químicos.

— Este é Júlio, irmão do Miguel.

— Muito prazer — Lena e Júlio disseram ao mesmo tempo.

Foram entrando sem que Lena acendesse a luz do corredor. Ao chegarem à sala, ligou um abajur.

— Tinha deixado a luz da sala acesa para que soubessem que eu estava em casa.

— Sabia que viriamos?

— Sabia — a ex-atriz confirmou.

— Então Miguel telefonou?

— Não.

Mistério.

— Então como sabia?

Uma pausa dessas que Lena devia fazer muito bem quando representava.

— Ele está aqui.

Afinal uma boa noticia!

— Está? Onde?

— Num dos quartos de fora.

— Vamos — disse Ruth, ansiosa por rever o namorado.

A esteticista não se moveu.

— Mas tem uma coisa.

— O quê? — perguntou Ruth, já aflita.

Outra pausa teatral, dispensável.

— Ele está ferido.

— Ferido? - exclamou a moça.

— Levou um tiro.

— O ferimento é grave? — perguntou Júlio em cima.

— Talvez não seja, mas aqui não poderá ficar.

Em seguida, pelos fundos da casa, Lena levou os dois para o corredor externo e destrancou a porta de um dos quartos. Ruth e Júlio ansiosos. Em completa escuridão um homem estava estirado numa cama alta, especial para massagens.

— Miguel... — sussurrou Ruth.

— Me acertaram — disse uma voz recortada pela dor. — Mas um mandei para o inferno. Não Geovani, infelizmente.

— Onde a bala pegou?

— No ombro, atrás. No começo não senti nada.

Ruth não sabia se o tratava como enfermeira ou namorada.

— Viu que o Júlio está comigo?

— Oi, Júlio! - cumprimentou Miguel como se nunca tivesse havido segredos entre eles.

— Oi.

— Júlio tem se portado muito bem — foi contando Ruth. — Acertou uma cadeirada na ruiva e me ajudou a dominar a doutora.

— Parabéns — louvou Miguel.

Foi a vez de Júlio falar:

— A ruiva esfaqueou a Ana do *Yellow Mountain.*

— É? Pobre Ana. Não tinha nada com isso...

Sentada na cama com a mão de Miguel entre as suas, Ruth informou:

— Estamos com a sacola e a caderneta.

A voz no escuro respondeu:

— É melhor que fique tudo com vocês. Não sei para onde irei agora.

Lena, que se mantivera calada durante a cena, manifestou-se:

— Ele não pode ficar aqui. Está perdendo sangue.

Ruth perguntou depressa:

— Tem para onde ir, Miguel?

Resposta imediata:

— Não.

— Quer ir para meu apartamento?

— Se eu for, eles acabam comigo antes do amanhecer.

Lena demonstrava impaciência com a conversa. Não se entendia se desejava que Miguel fosse logo socorrido ou se preferia ver-se logo livre dele. As duas intenções seriam compreensíveis.

— Você precisa de um médico.

Miguel comentou, tentando rir:

— A doutora está fazendo falta.

Mas Ruth e Júlio não riram.

— O jeito é internar você — disse a moça. — Precisa dum hospital. É só dizer que foi atingido por uma bala perdida. Miguel fez caretas, doía.

— Seria uma boa ideia, mas...

— Mas o quê? — perguntou Ruth.

— Sou fichado. Há um equívoco sobre meu verdadeiro nome, mas poderão me reconhecer.

— Melhor estar preso que morto — declarou a esteticista.

Miguel não tinha muita certeza a esse respeito.

— É o que devemos fazer — decidiu Ruth. — E sem perder mais tempo.

— Não — ele discordou, e tentou pôr-se de pé, decidido, mas não conseguiu.

Largou-se sentado na cama. — Estou muito tonto — admitiu.

— Como o levaremos a um hospital? — afligiu-se Júlio.

— Lena, você tem um carro, não tem? — perguntou Ruth.

— Tenho. Tudo que sobrou do que ganhei no teatro.

— Então o levaremos de carro...

Ela aceitou, mas ponderou:

— Quem entra com ele no hospital?

— Eu e Miguel não podemos. A quadrilha anda atrás de nós.

Lena podia ser um amor de pessoa mas não gostava de arriscar a pele. Como todo o mundo.

— Se eu for com ele terei de deixar meu nome e endereço, mostrar documentos.

Isso me complicaria.

— Lena, por favor — implorou Ruth.

— Ela tem razão — concordou Miguel com voz difusa. — Darei um jeito.

— Que jeito?

— Entrarei no hospital sozinho.

Existia outra saída?

Os três retiraram-se do quarto. Ruth e Júlio muito abatidos. Lena dirigiu-se à garagem no fundo do corredor. Dentro, um carro marrom bem malhado. A esteticista entrou no veículo e ligou o motor. Devido ao frio, custou a pegar.

Depois Júlio e Ruth foram ajudar Miguel a sair do quarto. Ele precisava mesmo de ajuda, estava todo mole. Enquanto caminhava com os braços apoiados nos ombros dos dois, dava instruções:

— Não voltem para o apartamento.

— Não voltaremos — garantiu Ruth.

— Usem os dólares para se manter num hotel longe do centro. Se souberem que me pegaram, desapareçam. E não se preocupem em guardar para mim. Traidor de mafiosos morre na prisão.

— Não fale mais, por favor — pediu Ruth.

Afinal entraram os quatro no carro que foi de marcha a ré até o portão. Lena abriu-o, manobrou o veículo e depois fechou-o.

— Conhece um hospital por perto? — perguntou Ruth.

— Conheço — disse Lena. — Um pronto-socorro de hospital público. Casos de acidente são atendidos na hora.

Ruth falava a Miguel como um diretor teatral.

— Diga que ouviu um tiroteio e foi atingido... E que andou muito tempo à procura de socorro. Chegou a cair no chão. Está entendendo, Miguel?

— Estou — ele respondeu com um fio de voz.

Lena dirigia lenta e nervosamente, como se sua vista não ajudasse. Tinha às vezes de comprimir os olhos para poder ver melhor através da neblina da madrugada.

Era amiga de Ruth e Miguel porém já não estava na idade de se meter em aventuras perigosas. As vezes que se vira entre policiais e bandidos fora no palco e diante de câmeras cinematográficas. Na realidade era diferente.

Júlio, no banco de trás com Ruth, viajava com os olhos fixos no irmão, tombado de encontro à porta. Tentava fundir na mesma imagem o traficante baleado com o moço que partira há oito anos de Serra Branca. Não conseguia. Nem sabia o que dizer naquela situação. De qualquer forma era tarde demais para conselhos.

Miguel subitamente retirou algo da cintura e entregou a Ruth. Era o revólver.

— Fique com ele.

— Entendo — ela concordou. — Não pode entrar armado no hospital.

— Me dê a caderneta — pediu Miguel em seguida.

Júlio retirou a agendinha do bolso e com um olhar consultou Ruth.

— Entregue — ela ordenou. — Miguel pode precisar dela.

O rapaz passou-a ao irmão.

Lena começou a diminuir a marcha do carro.

Viram um edifício de dois andares com a porta aberta de par em

par.

— O hospital é ali...

Ruth, atenta a tudo, observou:

— Tem gente na porta, não pare ainda.

— O que faço? — perguntou a ex-atriz, nervosa. —Dê uma volta no quarteirão.

Dar essa volta no quarteirão foi um suplício. E se a pessoa ou pessoas que estivessem à porta do pronto-socorro não saíssem?

Longa volta, feita em silêncio, puxada por uma única interrogação.

Retornaram vagarosamente ao pronto-socorro.

— Não vejo ninguém — disse Ruth.

— Nem eu — confirmou Lena, diminuindo a marcha do carro e brecando nas proximidades.

— Vamos — decidiu Ruth.

Júlio e Ruth, saindo do carro, tiveram de suar um pouco para tirar Miguel. Ele não ajudava, como se um profundo torpor o dominasse. Fora do carro, Miguel fez um grande esforço para equilibrar-se. Os demais ficaram tensos. Ele conseguiria caminhar até a entrada do hospital?

— Vá, Miguel — encorajou-o Ruth. — Vá!

Miguel deu alguns passos vacilantes e parou. Não se sabia se lhe faltavam forças ou se decidira voltar ao carro. Depois, tornou a caminhar, passo a passo. Suas pernas bambeavam e o corpo girava em torno dos quadris. Um marionete cujo marionetista se embriagara antes do espetáculo. No interior do carro Ruth, Júlio e Lena sofriam. Miguel já se postava bem diante da porta, o corpo, encurvado, iluminado pela luz interior. Mais alguns passos e estaria dentro.

— Caiu! — gritou Ruth.

Realmente Miguel caíra, sim, caíra.

Não desacordado, tentava ajoelhar-se com sacrifício.

Ruth não suportou. Saiu, elétrica, do carro.

Lena chegou a gritar:

— Volte!

Mas ela não voltou.

— Vai se comprometer — disse Lena.

Ruth chegou diante de Miguel e curvou-se numa frágil tentativa de erguê-lo. Não conseguiu.

— Vou ajudá-la — decidiu Júlio dentro do carro. Lena impediu que saísse:

— Não. Quer que as coisas se compliquem mais ainda?

Ruth, vendo que não tinha forças para erguer Miguel, correu à porta do pronto socorro.

— Tem um homem ferido aqui! — gritou.

Imediatamente um enfermeiro e uma moça apareceram à porta.

— O que foi? — o enfermeiro perguntou, olhando para o chão.

— Não sei... Esse homem vinha caminhando quando caiu.

— Sangue... — observou logo a moça que acompanhava o enfermeiro.

Atraído pelo grito surgiu de dentro outro homem, porteiro ou motorista, e os três foram carregando Miguel para o interior do pronto-socorro.

Ruth viu manchas de sangue na calçada e retornou ao carro. Eram precisamente quatro horas da madrugada.

13 - QUATRO HORAS DA MADRUGADA

— Vamos fugir daqui — disse Lena.

— Minha vontade era ficar com ele - confessou Ruth. - Aconteça o que acontecer.

Lena, ainda apavorada com os acontecimentos, pôs o carro em movimento.

— Acha que vão identificá-lo? — indagou Júlio.

— Se tiver sorte, não.

— Por que ele quis a caderneta? — perguntou Júlio.

— É sua última arma — explicou Ruth. — Arma que poderá usar mesmo depois de morto. A polícia, de posse dela, pode desbaratar a quadrilha inteira. Ele estava pensando em nós, em nossa segurança.

Depois de um longo silêncio Júlio tornou a fazer uma pergunta.

— Tem ideia de onde poderemos ficar?

Ruth esperou uma palavra de Lena, uma prova de solidariedade.

— Em minha casa não podem — disse a esteticista em tom lamentoso. — Esta noite, sim. Tudo bem. Mas eu não teria calma para trabalhar com vocês escondidos lá.

Entendem isso?

— Entendo — respondeu Ruth, embora consciente de que o instituto de Lena seria excelente esconderijo. Lena estava assustada e ela e Júlio nada poderiam fazer para que mudasse de ideia.

Júlio, porém, tentou:

— Nós pagaríamos, em dólares.

A resposta foi breve.

— Eu não poderia aceitar dinheiro de entorpecentes. Desculpem.

— Júlio apenas fez uma sugestão — disse Ruth.

— Em que hotel ficaremos? — perguntou o rapaz, que nunca se hospedara num.

— Depois a gente pensa nisso. Agora só posso pensar em Miguel. Ele deve estar tendo uma hemorragia, coitado.

Miguel foi levado a um quarto onde o enfermeiro logo lhe tirou o paletó e a camisa. Viu o ferimento.

— Isso é bala, não é? — Bala perdida — explicou Miguel. — Eu ia pela rua quando ouvi disparos.

— Vou lhe aplicar um antibiótico enquanto o médico não vem. Depois ele tira uma chapa e extrai o projétil.

Miguel estendeu-se na cama enquanto o enfermeiro se retirava para ir buscar o antibiótico. Ao se ver só, pegou a caderneta e seus documentos, guardando tudo num criado-mudo.

Em seguida entrava no quarto a moça que ajudara a levá-lo para o quarto. Trazia um cartão e uma caneta esferográfica.

— O senhor pode falar?

Fez com a cabeça que sim.

— Nome, por favor.

Ele disse seu nome.

— Endereço?

Deu o endereço onde morara com o irmão. Não comprometería Júlio. Lá ninguém sabia o nome dele.

— Tem documentos?

Ele abriu a gaveta do criado-mudo e ela própria retirou o RG. Anotou o número na ficha.

— Onde trabalha?

Já esperava essa pergunta.

— Estou desempregado.

O enfermeiro retornou com uma seringa da injeção já preparada. Aplicou o antibiótico.

— Agora vou fazer uma lavagem nisso.

Tudo está indo bem, pensou Miguel.

Habilmente, o enfermeiro que havia trazido uma vasilha com líquidos, foi fazendo a limpeza do ferimento.

A funcionária do pronto-socorro tinha outra pergunta a fazer:

— Quer que avisemos algum parente?

— Não tenho parentes na cidade — respondeu Miguel.

— Mas precisamos de algum endereço no caso de complicações. É praxe.

Miguel inventou um endereço de uma cidade do interior, mencionando um tio inexistente. Sem hesitações.

— Agora tente dormir enquanto o médico não chega — recomendou o enfermeiro.

Os dois saíram do quarto e Miguel cerrou os olhos. Logo sonhava. Estava no Havaí com Ruth sob um céu de um azul iluminado. Alguns rapazes surfavam no melhor dos mares para o esporte. Ruth estava mais linda do que nunca e trazia a sacola com a estampa do marinheiro Popeye. Aquela era a felicidade que ambos almejavam, não precisaria mais. Arriscara tudo para se inserir naquele quadro, para posar com Ruth entre o céu e o mar, fazendo parte de um belo cartão postal. Eh, pessoal de Serra Branca, aqui estou eu!

Lena, com dificuldade devido à escuridão, foi estacionando o velho carro na garagem. Ela se mostrava exausta depois da proeza, Júlio e Ruth não, ainda excitados.

— Querem um café antes de dormir?

— Queremos — aceitou Ruth pelos dois.

Foram para a cozinha. Lá os dois descobriram outro morador da casa: um papagaio.

— É o Caetano — apresentou Lena.

— Ele fala? — perguntou Ruth vendo aquela mancha verde na gaiola.

Mais faz barulho. Falar, só alguns palavrões.

Mesmo dizendo que café lhe tirava o sono, Ruth tomou duas xícaras.

— Mas o quê? — perguntou Ruth.

— Sou fichado. Há um equívoco sobre meu verdadeiro nome, mas poderão me reconhecer.

— Melhor estar preso que morto — declarou a esteticista. Miguel não tinha muita certeza a esse respeito.

— É o que devemos fazer — decidiu Ruth. — E sem perder mais tempo.

— Não — ele discordou, e tentou pôr-se de pé, decidido, mas não conseguiu.

Largou-se sentado na cama. — Estou muito tonto — admitiu.

— Como o levaremos a um hospital? — afligiu-se Júlio. — Lena, você tem um carro, não tem? — perguntou Ruth. — Tenho. Tudo que sobrou do que ganhei no teatro.

— Então o levaremos de carro... Ela aceitou, mas ponderou:

— Quem entra com ele no hospital?

— Eu e Miguel não podemos. A quadrilha anda atrás de nós. Lena podia ser um amor de pessoa mas não gostava de arriscar a pele.

Lena abriu a boca, sonolenta.

— Onde vamos dormir? — perguntou Júlio.

— Nos quartos de fora — disse Lena, conduzindo-os ao corredor pela porta da cozinha.

Abriu uma das portas e acendeu a luz.

— Eh! Não sei se seria capaz de dormir nessas camas de massagem — disse Ruth.

— Só tem dessas?

— Tenho duas comuns, mas no mesmo quarto — esclareceu Lena. — No último.

— Vamos — concordou Ruth —, a não ser que Júlio prefira uma cama metálica.

Entraram no quarto onde só havia duas camas estreitas e uma camiseira. Júlio, que nunca dormira ao lado de uma moça, sentia-se ligeiramente constrangido.

— Boa noite! — desejou a esteticista. — Podem dormir à vontade.

— Amanhã cedo atenderei a clientela nos outros quartos.

Ruth largou-se na cama, vestida.

— Que noite! — exclamou.

— Acho que mesmo vivendo oitenta anos nunca a esquecerei.

— E ela não acabou ainda — comentou a moça. —

Principalmente para Miguel.

Ele também deitou vestido.

— Acha que podem prendê-lo?

— Acho.

— Nesse caso o que você fará com a grana?

— Precisaria dela para fugir.

— Fugir para onde?

— Não para tão longe como Miguel sonhava. Não sairia do país, guardando o dinheiro para Miguel quando fosse libertado.

Na penumbra do quarto, Júlio perguntou, curioso:

— Continua muito apaixonada por ele?

— Sinto desejo de ajudar o Miguel. Mas já não sei se isso é paixão. Essa noite foi comprida demais. O suficiente para mudar as coisas.

Júlio também tinha o que dizer sobre aquela noite. — É verdade. Às seis horas eu era um rapaz recém-chegado do interior... Agora já conheço o submundo da cidade, tenho quinhentos mil dólares numa sacola e sou perseguido por assassinos. Já sei muito mais sobre o mundo e sobre mim mesmo. Até meus sentimentos...

Ruth olhou-o seriamente.

— O que aconteceu com seus sentimentos?

— Descobri que sou capaz de odiar — respondeu Júlio. — E de amar também.

— Disse amar?

— Foi o que eu disse. Amar. Mesmo uma ex-menina de rua.

Ruth mudou deliberadamente o rumo da conversa:

— Lena foi boa, não acha?

— Foi — admitiu Júlio, mas não totalmente. — Ela seria melhor se nos deixasse permanecer aqui até que se soubesse o que vai acontecer com Miguel.

— Não se pode culpar uma pessoa por ter medo. Ainda mais alguém da idade dela. Este instituto é tudo que tem na vida. Já conta com auxiliares e se julga vitoriosa.

Se a polícia bater aqui estará arruinada.

Júlio abriu a boca, bocejando.

— Estou com sono.

— Então durma. Se quiser tirar a roupa, tire.

— Vou apenas tirar os sapatos — disse ele, apagando a luz.

Ruth não dormiu e não dormiria: tomara duas xícaras de café e não conseguia tirar Miguel da cabeça.

Miguel foi acordado. O enfermeiro estava curvado sobre ele.

— Vamos tirar a chapa — avisou.

— Já vou ser operado?

— O operador ainda não chegou. O radiologista vai tirar a chapa para adiantarmos o expediente. Pode levantar?

Miguel levantou-se sem grande esforço.

— A hemorragia parou — observou o enfermeiro. — Isso é ótimo.

Vendo que o enfermeiro parecia camarada, Miguel fez uma pergunta:

— Depois de operado, quanto tempo terei de ficar internado? Preciso cuidar da vida.

— Se não houver complicações, poucos dias.

— Eu estou desempregado, o senhor sabe...

Miguel foi conduzido para o corredor. Um homem passava carregado numa maca, gemendo. Uma mulher, descabelada, indagava sem cessar:

— Onde está meu filho? Onde está meu filho?

— Isto é sempre assim, dia e noite — lamentou o enfermeiro. — Desastres, tiros, facadas... Às vezes há verdadeiras guerras de quadrilhas. O radiologista disse que há pouco bandidos destruíram uma galeria comercial.

— Não diga.

Entraram na sala do Raio X. O radiologista foi examinar o ferimento.

— Bala? — perguntou.

— Eu vinha andando e um tiro me acertou. Nem vi quem disparou.

— Isso é comum hoje em dia. Está doendo?

— Agora não muito.

— Vamos radiografar.

Miguel foi colocado atrás do aparelho. Zum. Pronto.

— Pode levá-lo para o quarto - ordenou o radiologista.

Ao sair, acompanhado pelo enfermeiro, Miguel pensou outra vez: até aqui, sem problemas.

No quarto, deitou-se e voltou a dormir. O sono era o melhor meio de encolher o tempo.

Lena dormia profundamente, caíra no sono logo ao entrar na cama. Sua intenção era dormir até que a primeira cliente do instituto tocasse a campainha. Enquanto tomara o café considerara se fora demasiadamente cruel ao negar refúgio a Ruth e ao rapaz. Até podia ter sido, reconhecia mas aquela história toda a apavorara. No entanto, quem sabe mudasse de ideia no dia seguinte.

Fazia pouco tempo que havia adormecido quando foi bruscamente sacudida, como se o quarto todo vibrasse, e acordou sobressaltada.

O que estava acontecendo?

Ao lado da cama, de pé, estava uma mulher de cabelos vermelhos.

— Psiu — fez ela, levando um dedo aos lábios.

— Quem é você?

— Fale baixo.

— Como entrou aqui? - perguntou Lena tremendo.

— Eu que faço perguntas, massagista.

Lena sentou-se na cama. Sem cor alguma.

— Se quer joias e dinheiro, não tenho. Guardo tudo no banco... — balbuciou.

— Vejo que está me confundindo com uma ladra comum, boboca.

Lena ouvira falar da mulher de cabelos vermelhos por Ruth e Júlio. Entendeu a situação. Havia uma terrível assassina no quarto e ela não tinha possibilidade de escapar ou defender-se. Caiu no terror total.

— Você me conhece?

A mulher de cabelos vermelhos exibiu dois cartões iguais com o timbre comercial do instituto.

— Um foi encontrado numa gaveta de Miguel. Outro, no apartamento de Ruth. E já ouvi numa extensão um telefonema entre vocês dois.

— Sim... conheço ele — Lena gaguejou. Adiantaria negar?

— Mas antes de dizer em que quarto eles estão, me fale das manchas de sangue.

— Manchas de sangue?

— Vi sangue diante da porta da rua e no corredor. A própria Lena não notara.

— É sangue de Miguel — gaguejou.

— Miguel?

— Sim.

A de cabelos vermelhos soltou um sorriso enviesado. Era melhor lidar com uma fera já ferida, esvaindo-se em sangue.

— Em que quarto ele está? Entrei em dois e estavam vazios.

Lena achou que o próximo lance a favorecia, apesar da situação. — Ele não está aqui.

— Mentira — retrucou a assassina exibindo o punhal. — Mentira. — Está num hospital.

— Quer me ludibriar, idiota? — Saltou sobre a cama e deu uma bofetada em Lena.

— No hospital do bairro.

— Vou dar um talho nessa cara de bolacha.

— O hospital tem um pronto-socorro. É perto daqui.

A mulher de cabelos vermelhos se conteve. Violência podia estragar tudo.

Mentiria uma mulher tão assustada?

— Quem atirou nele?

— Falou num tal de Geovani.

— Está muito ferido?

— Não sei.

A mulher de cabelos vermelhos reconheceu que estava diante de uma situação inesperada. Já falhara na igreja e no baile, precisava da maior cautela.

— Os pivetes estão aqui?

— Estão.

— Me leve ao quarto deles.

Lena era só pavor, mesmo assim articulou com a boca seca:

— Pra quê? O que você quer não está com eles.

— O que é que eu quero?

A resposta estava pronta.

— A caderneta e os dólares.

A mulher do punhal tremeu toda.

— Então com quem está?

— Com Miguel. Foi para pegar a caderneta e o dinheiro que ele marcou o encontro aqui.

Novo tempo para a assassina pensar.

— Em que quarto os pivetes estão?

— Posso dizer, mas não vai adiantar — Lena atreveu-se a dizer.

— Em que quarto estão? — repetiu Ludmila tocando Lena com a ponta do punhal.

— Estão no último quarto. Miguel deixou o revólver com eles.

A traficante continuou indecisa. Mas se nem a caderneta nem o dinheiro estavam com eles por que arriscar-se, acordando-os? E havia outro dado importante, se verdadeiro: o revólver. Os pivetes tinham um, Miguel, além de ferido, estaria desarmado. Não se internaria portando uma arma.

— Vou acreditar em você — disse aquela que mesmo sem a fantasia do *Yellow* era uma bruxa.

Lena, que não soubera conter o pavor, soube conter o alívio.

— Não estou mentindo.

— Mas não vá pensar que vou sair assim.

O que faria? Mataria Lena antes?

— Assim como?

— Deixando você soltinha.

— O que vai fazer?

— Vou amarrá-la. Tem cordas aí?

Melhor do que ser morta.

— Na cozinha.

— Então vamos até lá.

Lena levantou-se. Com a ponta do punhal da mulher às costas, foi até a cozinha.

— Tem uma corda naquele armário.

Lena pegou alguns metros duma corda fina.

— Senta na cadeira.

Lena obedeceu.

A mulher demonstrou prática de amarrar pessoas. Primeiro prendeu as pernas da esteticista aos pés da cadeira, depois os braços, para trás, no espaldar. Faltava amordaçar. Usou dois guardanapos.

— Está bem amarradinha — disse a bruxa. — Agora vou ao hospital fazer uma visita ao nosso amigo.

Quando se viu só Lena olhou para a única testemunha da cena: Caetano, o papagaio.

NA MESMA HORA...

Em seu quarto Ruth dormia alguns minutos e logo abria os olhos. Na cama ao lado o companheiro ressonava. Ela pensou no dia seguinte. Que surpresas lhe reservaria? Imaginou Miguel, no hospital, com a bala encravada no ombro. Dificilmente seria extraída ainda naquela noite, tratando-se de hospital público. E como procede a administração nos casos de acidentes? Comunica- se imediatamente com a polícia? Se Miguel não corria perigo de vida, corria o perigo de ser preso. E no segundo caso a caderneta ajudaria ou não? Provaria sua ligação com os traficantes ou serviria como evidência de que pretendia denunciá-los? Tudo no terreno da especulação.

O que estava ouvindo?, assustou-se Ruth. Teve a impressão de que eram passos no corredor mas podia ser o sopro do vento pelas folhas das árvores. Estirando o braço para fora da cama, chegou a tocar o corpo de Júlio. Teve, porém, pena de acordá-lo. Mas pegou sobre a cadeira um dos revólveres. Tinham dois, um da doutora, outro de Miguel.

Foi até a porta, com a arma na mão, e encostou o ouvido à madeira.

Agora sons difusos vinham do portão. Abriu lentamente a porta e espiou o corredor. Fora, a escuridão era tanta quanto a do quarto. Mas soprava de fato um vento persistente capaz de imitar ruídos suspeitos e despertar sentidos tensos. Não vendo nada de anormal, Ruth voltou para a cama.

ENQUANTO NO HOSPITAL...

Miguel também não conseguia dormir. Logo que cerrava os olhos acordava sobressaltado. No ombro não sentia propriamente dor mas a vibração de uma forte pancada. E a hemorragia, a maior ameaça, parecia definitivamente estancada. Do seu quarto, às escuras, ouvia de quando em quando carros que passavam na rua e passos dos enfermeiros no corredor.

Decidiu acender a luz do abajur. O escuro pode fazer bem aos doentes e acidentados mas faz mal aos perseguidos da polícia. Abriu a gaveta do criado-mudo e retirou a agenda. Era uma caderneta comum. Sua mãe usava uma quase igual para anotar as despesas do empório. Abriu-a. Lá estavam os endereços cada um numa página, o mais completo possível. Todos de traficantes e de pontos de distribuição de drogas. De gente que matara para garantir a segurança do comércio. Os nomes de Ludmila, a mulher de cabelos vermelhos, e o de Geovani, como também de alguns figurões que a polícia ignorava estarem envolvidos com o tráfico.

Mas por que ele organizara a agenda? Por motivos diversos. O primeiro, banal: não tinha memória para guardar endereços. Outro, o de vingar-se da quadrilha, caso um dia resolvessem eliminá-lo. Nunca se sabia quando um deles se tornava alvo de desconfiança.

Mas o mais importante fora o de proteger-se, ter um escudo em caso de ameaça, poder negociar se corresse perigo de vida. Como souberam da existência da caderneta e de suas prováveis intenções, ignorava. O que sabia era que à procura dela já haviam mexido em sua gaveta na agência de turismo. Fora quando pedira a Júlio que a guardasse por alguns dias. E percebendo que se encontrava sob suspeita, decidira apressar o velho plano. Apoderara-se dos quinhentos mil dólares.

Guardou a cadernetinha no criado-mudo.

MINUTOS AQUI E ACOLÁ

Lena logo constatou que a mulher de cabelos vermelhos era especialista em nós.

Estava bem presa na cadeira. Apenas a mordaça cedia ora um tanto à esquerda, ora à direita, conforme os movimentos que fazia com a boca. E fazia muitos, não para se livrar da mordaça mas para, afrouxando-a, respirar melhor.

Caetano, no seu poleiro, observava-a. O obsceno papagaio dos palavrões intuía que algo de anormal acontecera à dona, e começou a saltitar e protestar. Se estivessem no escuro estaria tirando sua soneca mas acontece que a bruxa esquecera-se de apagar a luz. Logo mais passou a fazer verdadeiros malabarismos, indo até onde permitia a delicada corrente que o prendia pelo pé.

— Faça mais barulho, mais barulho, Cae — pediria Lena se pudesse.

Descobriu logo em seguida que se movimentando no assento da cadeira, sacudindo-se toda, deslocando-a centímetros de um lado, centímetros de outro, provocava ainda mais a barulhenta solidariedade do papagaio. Este, excitado, virara um motor verde, que agitava sem cessar asas, pernas e mais que tudo sua garganta jocosa de tagarela.

— Assim, Cae, assim... — dizia Lena com os olhos a seu inquilino.

— Faça mais barulho para acordar Ruth e Júlio. Vamos, Cae. Mas o resto da casa continuava envolvido no silêncio da madrugada.

NOVO VÔO DA BRUXA

Um carro pequeno estacionou nas imediações do hospital em que Miguel estava internado. Uma mulher, que o dirigia, permaneceu dentro dele, a observar a porta aberta do pronto-socorro. Alguém apareceu na soleira e logo tornou a entrar.

Depois, às pressas, saiu um homem caminhando pela rua deserta, à procura aflita de um táxi. Foi se afastando a gesticular aos carros que passavam.

Anunciada a distância pela sirene, que estilhaçou a paz noturna, chegou uma ambulância.

Atenta, do interior do carro, a mulher viu um enfermeiro sair ao encontro da ambulância. Desta desceu o motorista e uma mulher jovem em desespero total. O motorista e o enfermeiro entraram no hospital, retornando imediatamente com uma maca. Abriram a porta traseira da ambulância. Uma pessoa ia ser retirada.

A mulher saiu do carro. Chegou—se à jovem desesperada.

— O que aconteceu?

— Atropelamento. Meu marido...

Solidária, a mulher do carro postou-se a seu lado.

— Este é um bom hospital — disse.

O ferido estava sendo removido para o interior do pronto-socorro. Gemia e seu paletó estava manchado de sangue.

— Meu marido, meu marido... — repetia a moça.

Todos foram entrando. A mulher do carro, que tinha os cabelos vermelhos, pegou no braço da pobre esposa do acidentado e ingressou com ela no hospital, com ar compungido.

A VOZ NA MADRUGADA

Ruth estava dorme-não-dorme mas um barulho indefinido a perturbava. O sono porém foi mais forte e sua cabeça afundou no travesseiro. Bem merecia aquele descanso.

Quem despertou foi Júlio. Que barulho estranho era aquele? Sentou- se na cama.

Olhou para Ruth, que dormia. Mesmo na penumbra era linda! Continuava, porém, não identificando o rumor esquisito que vinha da rua ou da casa de Lena. Parecia que alguém sacudia qualquer coisa. Levantou-se e foi à porta. Em certo instante teve a impressão de ouvir uma voz, voz de comediante escrachado, gozadora, nem mesmo sabia se de homem ou mulher. Alguém na vizinhança levantara cedo? Teve pena, porém, de acordar Ruth.

— Leeeeena! Leeeeena!

Estariam chamando a dona da casa?

— Leeeeena... Leeeeena...

Às vezes os sons eram mais repetidos:

— Lena, Lena, Lena...

Júlio decidiu acordar a moça. Não foi necessário. Num muxoxo ela despertou:

— O que é isso?

— Não sei. Alguém está chamando Lena.

Ruth levantou-se e juntou-se a Júlio atrás da porta.

— Parece um galo... Deve ser um galo.

— Leeeeena... Leeeeena...

— Ouça. Já sei quem é. O papagaio — afirmou subitamente Júlio, solucionando o enigma.

— Será que sofre de insônia? O que não sei é como Lena tolera

isso.

— Será que toda a noite faz o mesmo escarcéu? — perguntou o rapaz.

— Todo papagaio é meio biruta.

Agora se percebia bem o rumor de asas, crescente.

— Ele deve estar desesperado. Quer derrubar o mundo.

— Vamos dar uma olhada? — sugeriu Ruth, incomodada com a gritaria do louro.

— Vamos — concordou Júlio.

— Vou levar o revólver. Leve o seu.

Cada um com sua arma, Ruth e Júlio apareceram no corredor. Tomaram o rumo da cozinha, de onde vinha o barulho. De repente, a moça estacou.

— A luz da cozinha está acesa.

Júlio também viu.

— Lena não foi dormir?

— Talvez esteja fazendo um chá.

Chegaram à janela da cozinha que dava para o corredor. Era baixa. Podiam ver o que acontecia dentro.

Aí ouviram, da sala de jantar, os sons de outro pássaro.

14 - CU-CO, CU-CO, CU-CO, CU-CO, CU-CO: CINCO HORAS

A mulher de cabelos vermelhos acompanhou a esposa do acidentado até a recepção do hospital, enquanto o marido, na maca, era levado às pressas para o interior.

Uma atendente, a mesma que preenchera a ficha de Miguel, começou a fazer as perguntas de praxe à moça desesperada. Em sua companhia, Ludmila passava como parente. Mas bem atenta examinava o hospital, fixando o olhar nas portas.

— A senhora é da família? — perguntou a atendente.

A de cabelos vermelhos, que não esperava pela pergunta, respondeu:

— Da família não — querendo dar a entender que era apenas uma conhecida. A atendente em seguida conduziu as duas a uma pequena sala vazia.

— Esperem aqui.

— Ele será atendido logo? — perguntou a mulher do acidentado.

— Primeiro tirarão chapas e darão antibióticos. O cirurgião ainda não chegou.

— Ele virá quando? — foi a pergunta ansiosa.

— Não vai demorar. Já foi chamado para outro caso.

Outro caso. Talvez se trate de Miguel, supôs a mulher de cabelos vermelhos.

Quando a atendente se retirou, a jovem esposa começou a chorar.

— Quer um pouco de água? Posso ir buscar - prontificou-se Ludmila, para começar a abrir portas à procura de Miguel.

— Quero — disse ela.

Mas no mesmo instante chegava a prestativa atendente com uma bandeja, dois copos e alguns comprimidos.

— Isto é um calmante para as senhoras.

A moça pegou o copo e o comprimido, que tomou, mas a falsa acompanhante os recusou.

Ao se virem a sós novamente a infeliz esposa do acidentado, por achar excessiva a generosidade de uma simples mulher que passava pela rua quando a ambulância chegara, disse:

— Não precisa se preocupar mais comigo. Vou ficar bem depois do calmante.

— Eu também tenho um parente aqui. Fui avisada de que levou um tiro.

Outra pergunta embaraçosa:

— Quando foi isso?

— Não sei exatamente... Bem, vou procurar por ele. Com licença.

Ludmila, a mulher de cabelos vermelhos, a bruxa, começou a circular livremente pelos corredores desertos do pequeno hospital. Abriu a primeira porta. Era uma cozinha. Foi em frente. Abriu outra.

Um quarto vazio. Abriu a terceira porta. Um homem dormia com a cabeça coberta por um cobertor. Entrou.

CAE, O SALVADOR

Espiando pela janela da cozinha da casa de Lena, Júlio e Ruth viram no alto, como um trapezista no poleiro, o verde Cae. Ele também os percebeu e intensificou seu espetáculo. Até penas voavam.

— Será que ele está assim por causa da luz? — perguntou Júlio.

— Lena não está aí.

— Será que veio fazer um chá e esqueceu a luz acesa?

— E por que não ouve o papagaio? — indagou-se Ruth. Júlio se pôs nas pontas dos pés e espiou mais para o canto da cozinha. Ao voltar à posição normal estava abalado.

— Lena está amarrada numa cadeira.

— O quê?

— Lena está amarrada numa cadeira.

Ruth espichou-se e olhou para onde Júlio olhara.

— Está mesmo.

— Será que entraram ladrões na casa?

— O que sei é que temos de tirá-la de lá — disse Ruth.

— Pode ser que ainda estejam dentro. E nós com os quinhentos mil dólares!

Ruth deu algumas batidas na vidraça da cozinha para que Lena soubesse que já a tinham visto e voltaram para o quarto.

— Antes vamos esconder melhor o dinheiro — decidiu.

E colocou a sacola debaixo de uma das camas.

— O ladrão ainda pode estar aí dentro... — repetiu Júlio. Havia essa possibilidade, admitiu Ruth, mas o resto da casa estava tão silencioso! Ficaram a olhar pela porta do quarto. Não se via nada.

Voltaram à cozinha. Havia uma porta de passagem da casa para o corredor externo. Estava trancada. Voltaram para o corredor e foram até a frente do instituto. A porta de entrada também fechada.

— Os ladrões entraram pela janela — concluiu Júlio.

A da frente, única, era alta. Mas todas, do corredor, baixas.

— Veja! — descobriu Ruth.

Uma delas estava aberta.

— Eu entro — disse Júlio, deixando sua arma com a moça. E com muita agilidade subiu até o parapeito. — Vou abrir a porta de entrada.

Quando Ruth chegou à porta Júlio já a abria por dentro.

— Parece que não tem ladrão nenhum aqui — disse.

Ruth entrou e acenderam a luz da sala. Depois dirigiram-se às pressas à cozinha.

Lá estava Lena amarrada à cadeira. Arrancaram a mordaça. As cordas, tão bem atadas, tiveram de ser cortadas.

Lena soltou um:

— Buuuuuu... — cheio de ar quente.

Cae imediatamente tranquilizou-se, abaixando as asas. Prestara bom serviço.

— Entraram ladrões, Lena?

— Não.

O não espantou mais que mil sons.

— Não? — perguntaram os dois ao mesmo tempo. — Quem fez isso?

— A mulher de cabelos vermelhos.

Júlio e Ruth tremeram.

— Ela e quem mais?

— Estava sozinha.

Júlio: — Sabia que estávamos aqui?

— Sabia que poderiam estar.

Ruth: — Como?

— Tinha dois cartões do instituto, um tirado da mesa de Miguel, outro de seu apartamento. E já tinha interceptado telefonemas de Miguel para mim. Este era um dos lugares onde Miguel poderia se esconder.

Júlio: — Por que ela nos poupou?

— Porque foi atrás de Miguel.

Ruth: — No hospital?

— No hospital. Ela viu sangue à entrada e por aí. Perguntou de quem era. Tive de dizer que era de Miguel.

— Ela não perguntou da caderneta e do dinheiro?

— Eu falei que estavam com Miguel. Para que ela deixasse vocês em paz. O que não esperava era que me amarrasse. Mas seria pior se tivesse me assassinado — disse Lena esfregando os braços para que o sangue tornasse a circular livremente. — Pensava que fosse continuar nesta cadeira até amanhã.

— Agradeça ao papagaio. Seu barulhão acordou a gente.

Lena fez um agrado no seu inquilino.

— Obrigada, Cae. Você foi muito legal.

Júlio e Ruth se entreolharam, picados pela mesma suspeita.

— Se ela foi ao hospital Miguel corre sério perigo — disse ela, já pondo os pensamentos em ordem.

— Vamos telefonar para o hospital.

— E dizer o quê, Júlio? — impediu-o a moça. — Que uma traficante quer matar Miguel? Por que motivo? Nós o estaríamos denunciando.

Júlio deixou seu coração responder.

— Prefiro Miguel preso que morto.

— É um problema de família, mas também penso assim — aduziu Lena.

Para Ruth a decisão era mais difícil.

— Há delegacia nas proximidades? — perguntou a Lena.

— Há e tenho o número.

— Meu plano é telefonar à delegacia e dizer que a mulher de cabelos vermelhos que matou o sacristão

foi vista entrando no hospital. Sem mencionar, claro, o nome de Miguel.

Júlio, que acreditava na agilidade mental de Ruth, concordou.

— Telefone.

ONDE ESTÁ A MULHER DE CABELOS VERMELHOS?

A mulher cujo marido fora atropelado continuava sozinha na sala de espera, na maior ansiedade.

A atendente reapareceu com a ficha.

— Esqueci de perguntar seu nome. Precisa constar.

— Julieta Ramos.

A atendente anotou e perguntou depois:

— Onde está aquela mulher que lhe fazia companhia?

— Ela tem um parente internado aqui Ferido à bala. Foi visitá-lo.

A atendente estranhou. Nada em relação aos visitantes lhe passava despercebido.

— De fato chegou há pouco um rapaz que foi atingido por uma bala perdida. Mas seus parentes não foram avisados. Por que ela não me perguntou em que quarto ele está?

— Como posso saber?

— Sempre que se interna alguém que foi baleado ficamos atentos. Não queremos complicações com a polícia.

MIGUEL LOCALIZADO

Ludmila foi penetrando no quarto onde o homem dormia com a cabeça coberta.

Mas viu o criado-mudo e resolveu abrir a gaveta. Dentro só encontrou um pente, abotoaduras e uma pasta de dentes. Fechou-a, parou por um instante ao lado da cama e subitamente puxou a coberta na altura da cabeça.

O homem, um louro de meia-idade, protestou:

— Não quero mais injeções. Não aguento mais.

— Não vou lhe dar injeção — disse a mulher de cabelos vermelhos.

— Chame o médico de plantão. Não estou passando bem.

— Vou chamar — prometeu Ludmila.

— Antes me dê uma dose daquele remédio — pediu ele, apontando um pequeno frasco sobre o criado-mudo.

— Agora não.

— Estou sentindo dores — berrou. — Depressa.

— Está? Então morra — respondeu Ludmila saindo.

A mulher de cabelos vermelhos não podia perder tempo. Deixou o quarto. No corredor ouviu ainda os protestos incontidos do homem, clamando agora sobre o mau atendimento do hospital. Como os berros logo atrairiam os enfermeiros, ela abriu a primeira porta e entrou.

Agora estava com sorte. O homem que dormia na cama era Miguel.

Ruth telefonou para a delegacia mas teve a impressão de que calcularam tratar-se de um trote. A pessoa que atendeu riu quando ela se referiu a uma mulher de cabelos vermelhos que já matara um sacristão numa igreja. Ao lhe perguntar o nome da informante, Ruth disse chamar-se... Magnólia. Nome que soou falso demais. Ao desligar, comentou com Júlio e Lena.

— Parece que não acreditaram.

— De fato é uma história difícil de engolir — admitiu Júlio. — Uma mulher sozinha, pela madrugada adentro, praticando crimes sem que um tenha alguma relação com outro.

Lena não participou da conversa, desviando a linha de seus temores. Pensava numa possibilidade que não ocorrera aos outros.

— Se a tal mulher descobrir que Miguel não está com o dinheiro, voltará.

Júlio duvidou:

— Acha que teria tanta coragem?

— Teria porque não sabe que vocês me desamarraram. Para ela eu estou ainda presa na cadeira e vocês dormindo no quarto.

— Ela tem razão — concordou Ruth. — Conseguindo reaver a caderneta ou não, voltará. E talvez não sozinha, desta vez. O que acha disso, Júlio?

Júlio sacudiu a cabeça.

— Miguel pode estar sendo assassinado agora.

Lena bebeu água.

— Estou com muito medo — confessou. — Não quero morrer assassinada.

— Eu e Júlio estamos armados.

— Vocês não são bandidos — lembrou Lena. — Dois

jovenzinhos. Não poderão enfrentar profissionais.

Ruth tentou acalmá-la.

— Lena, a tal mulher pode ser detida no hospital. Não creio que seja fácil entrar num hospital e matar um internado.

— Na madrugada talvez seja — imaginou Lena.

— Então vamos fechar bem todas as portas e janelas.

— Não, Júlio — disse a esteticista cada vez mais medrosa. — Querem saber de uma coisa? Eu não fico mais aqui.

— O quê?

— Vou embora para a casa duma amiga. Levo Cae comigo.

— Lena, não se precipite — pediu Ruth.

— Já decidi. Uma aventura dessas na minha idade... Pensam que tenho nervos de aço? Gosto de Miguel mas não a ponto de morrer por causa dele.

O que os dois poderiam dizer?

— Vou pegar algumas roupas avisou Lena saindo da cozinha.

Os dois se olhavam à procura do que dizer.

— E nós, Ruth? O que faremos?

— Ora, só temos dois caminhos. Ficarmos aqui ou irmos embora também.

O difícil era escolher.

UMA LUTA APAVORANTE

Ludmila, sempre a olhar para Miguel, receando que acordasse, aproximava-se.

Mas como fizera antes, no outro quarto, preferiu antes abrir a gaveta do criado-mudo.

Viu a cédula de identidade, CIC e ... uma caderneta. Pegou-a. Alívio, era, sim, a agenda de endereços. Viu lá seu nome, o de Geovani, dos distribuidores e dos respeitáveis chefões.

Miguel mexeu-se na cama, respirou forte mas voltou à posição anterior, de costas para o criado-mudo.

Seria muito simples enfiar-lhe o punhal nos pulmões. Mais fácil do que fora matar o sacristão. Mas estava faltando algo mais importante. Abriu a parte inferior, maior, do criado-mudo, ansiosamente. Vazia. E não havia mais outro móvel onde Miguel pudesse ter escondido o dinheiro. Estaria sob o colchão?

Miguel tornou a se mexer na cama.

Se a sacola não estivesse sob o colchão, onde estaria? E como poderia descobrir com ele sobre a cama? Fez o que podia fazer. Tirou o punhal da bolsa e passou a lâmina sobre o rosto de Miguel. Ele não despertou na primeira vez. E se estivesse tão mal que não conseguisse acordar? Ou sob o efeito de soníferos?

Isso seria o pior de tudo. Passou-lhe mais algumas vezes a lâmina no rosto.

Depois cutucou-lhe o pescoço com a ponta aguda do punhal.

Desta vez Miguel acordou e, acomodando-se por inteiro de costas, arregalou os olhos.

— Me passe aquilo que interessa — ela ordenou.

Ele virou o pescoço para o criado-mudo, informando onde estava o que ela procurava.

— Lá só estava a agenda — disse Ludmila exibindo-a com a mão esquerda como se ela fosse uma ventarola. — Quero é o dinheiro.

Com a voz encolhida pela surpresa, ele respondeu:

— Não está comigo.

— A massagista disse que está.

— Procure.

— No criado-mudo não está.

— Sumiu - disse ele.

— Levante-se — ela ordenou.

— Por quê?

— Quero ver debaixo do colchão. — Miguel levantou-se lento e de má vontade. — Erga o colchão. — Ele obedeceu.

Nada.

A de cabelos vermelhos ficou furiosa.

— Está no instituto, não?

— Não sei.

— Fui enganada. Vou voltar para lá e matar os três. Lena está amarrada na cadeira e os pivetes dormindo. Quanto a você... Miguel sentiu que ia ser apunhalado. Ela agora precisava calá-lo para poder voltar em segurança ao instituto. Não seria tola deixando-o com tempo para avisar a polícia.

Ludmila recuou para preparar o bote.

— Até a vista — disse Miguel para dar a impressão de que estava desprevenido, feliz por livrar-se dela, mas num gesto rápido pegou o cobertor e atirou-o sobre a mulher, cobrindo-a.

Ludmila lutava para livrar-se do cobertor dando-lhe tempo para que ele a empurrasse. Ela caiu, soltando a caderneta. Miguel abaixou-se e pegou-a. Mas a assassina já estava livre do cobertor e ia atacar outra vez, vibrando o punhal no ar.

Parecia uma dança macabra.

— Venha, venha — ele a desafiava.

Para melhor evitá-la, subiu de pé na cama e pegou o travesseiro. Com um golpe de ponta a ponta de punhal, veloz, a mulher rasgou o travesseiro, que se desfez. Miguel saltou para o chão e gritou para chamar os enfermeiros.

Ludmila avançou outra vez, menos cautelosa. Ele conseguiu, embora sem muita energia, segurar-lhe o pulso e gritou outra vez. Caíram ambos na cama, ela por cima, quase lhe cravando a ponta do punhal. Subitamente, com todo o corpo molhado de suor, com a visão embaçada e pouco ar nos pulmões, Miguel sentiu que as forças lhe fugiam.

Fizera até demais. Ia ceder, desmaiar, morrer. Abriram a porta do quarto. Entravam a atendente, um enfermeiro e um médico.

— Essa é a mulher! — gritou a atendente.

Ludmila rolou para fora da cama com o punhal, já ameaçando com ele os três que chegavam. A atendente disparou pelo corredor, chamando outros funcionários do hospital, mas o médico e o enfermeiro deram-lhe passagem, deixando a porta desimpedida. Ela, porém, não saiu logo, como se procurasse, atarantada, alguma coisa pelo quarto. Ouviram-se, em seguida, passos apressados de pessoas que se aproximavam, o que a obrigou a interromper sua busca. Cruzou a porta na garupa de sua vassoura de bruxa.

O médico preocupou-se com Miguel. Após ligeiro exame, observou:

— Parece que ela não chegou a golpeá-lo. Mas está sem sentidos.

O enfermeiro olhava para o chão, onde estava o cobertor. Abaixou-se e ergueu uma caderneta.

— Acho que a mulher veio buscar isto. O médico deu uma espiada.

— Uma agenda?

— Não está me cheirando bem — suspeitou o enfermeiro, folheando página por página. — Esses nomes e endereços podem ser de gente que interessa à polícia.

— Narcotraficantes, talvez — ponderou o médico.

— E esse moço pode estar implicado com eles.

A atendente voltou:

— Ela fugiu num carro. Quase feriu o porteiro.

Agora era o médico que examinava a agenda, como se começasse a entender uma inscrição em hieróglifos.

— Precisamos levar isto à polícia.

Não foi preciso porque logo chegavam alguns policiais, certamente atendendo ao telefonema de Ruth.

FUGA DA CASA DE LENA

Lena reapareceu, um tanto afobada, trazendo uma pequena maleta com roupas essenciais. Estava doida para sumir da casa.

— Já estou pronta — disse. — Só volto quando tiver certeza de que o perigo acabou.

— Eu e Júlio estamos resolvendo o que fazer.

— Mas aqui não podem ficar — adiantou-se Lena. — Não quero tiroteio em minha casa. Vou pegar o Cae.

Quando ela saiu, Júlio comentou:

— Estamos na rua.

— A casa é de Lena. Ela que manda. Temos de procurar um hotel.

— O que será que aconteceu com o Miguel? — ele perguntou, como se esperasse de Deus a resposta.

— Como posso adivinhar?

Júlio arriscou:

— E se fôssemos ao hospital?

— Sem nenhuma dica seria loucura.

Lena voltou com Cae e o poleiro.

— Cuidem dele. Vou tirar o carro.

Ruth, sem consultar Júlio, começou a fazer compulsivamente uma ligação telefônica.

— Pra quem está ligando?

Ela não respondeu. Atenderam do outro lado.

— Aqui é a moça que telefonou avisando que viu uma assassina de cabelos vermelhos entrando no hospital do bairro. Está lembrado? Foi o senhor mesmo que atendeu. Tomaram providência? Quem ouviu, explicou alguma coisa, agradeceu e desligou.

— O que disseram?

— Que já mandaram uma viatura.

Júlio alegrou-se com a notícia. Poderia ser a salvação para Miguel. Mais confiante, sugeriu:

— Telefone também para o hospital.

Ruth hesitou um pouco mas começou a discar. Quando atenderam fez uma voz doce, insuspeita, bem jovem e indagou:

— Por favor, podia me dar informações sobre um rapaz, chamado Miguel, que foi internado esta noite? — Ao ouvir, do hospital, uma pergunta complementar, acrescentou:

— Um que levou um tiro no ombro. — Depois de alguma espera, doída para ela e para o parceiro, com mais segundos do que cabem num minuto, recebeu a informação, disse um sim e desligou.

— O que disseram? — perguntou Júlio.

— Que só darão a informação pessoalmente. Júlio esfriou.

— Querem que a gente vá até lá...

— Parece que já sabem quem Miguel é — considerou Ruth.

Lena começou a buzinar insistentemente.

Os dois foram apagando luzes e saindo da casa. Levavam o papagaio, que após tanta agitação mais parecia um pé de couve.

A última visita foi ao quarto externo onde estavam a bolsa a tiracolo de Ruth e a valise dos quinhentos mil dólares.

O carro já estava diante da casa, uma mancha mais escura na neblina. Cae foi posto na parte traseira.

— Posso dar uma carona a vocês, mas não para longe — ofereceu Lena.

— A gente aceita — disse Júlio.

Os dois olharam para a casa como se jamais fossem esquecê-la e entraram no carro, que partiu.

Não perceberam que parados no mesmo quarteirão havia dois carros. No da frente, o pequeno, estava Ludmila. No de trás, de luxo, Geovani.

UMA SÓ BALA NO TAMBOR

Enquanto viajavam no carro de Lena, Ruth foi assaltada por um receio que logo comunicou a Júlio:

— Pensou se a polícia nos pegar e encontrar você com o revólver de Miguel? O revólver que ele usou na galeria?

— Não tinha pensado nisso.

— Para nos defender, dentro da casa de Lena, tudo bem. Ia ser necessário. Mas andar com ele pela rua acho um perigo. Que um levasse um revólver ainda vá lá. Mas os dois...

— Ruth tem razão — opinou Lena. — Vou me livrar dessa arma.

— Livre-se já.

— Primeiro vou esvaziar o tambor.

— Jogue as balas pela janela.

— Estou jogando.

— Quando Lena parar no próximo sinal, saia e atire o revólver com força no telhado de uma casa.

Ao chegarem no farol, Lena parou o carro e Júlio abriu a porta. O quarteirão era todo de casas baixas. Não precisaria ser um atirador de dardo. Fez com o braço um movimento de manivela e lançou a arma o melhor que pôde. Logo ouviram o baque do revólver e de seu deslizar sobre as telhas.

— Perfeito, Júlio! - disse Ruth.

O rapaz tornou ao carro, posto em movimento imediatamente por Lena. Ela queria deixar depressa aquele episódio de sua vida para trás. Que madrugada!

O carro foi passando por uma bela praça, ajardinada, parcialmente ocupada por galpões coloridos de um estabelecimento público.

PRÉ-ESCOLA DA PREFEITURA - CRECHE E PRÉ-PRIMÁRIO

— Vamos descer aqui — resolveu Ruth.

Lena não precisou ouvir mais nada para brecar. As despedidas foram feitas no interior do carro.

— Boa sorte pra vocês - disse a esteticista.

— Você foi uma amigona — agradeceu Ruth.

— E desculpe-nos pelos sustos — acrescentou Júlio. - Quem sabe um dia possamos lhe pagar por tudo.

— Espero que mais nada de ruim aconteça a Miguel — desejou Lena. — Mas não quero vê-lo nunca mais. Esta foi a pior noite de minha vida.

Os dois ficaram sós na praça, gelada.

- Ela foi ótima - comentou Júlio.

— Se foi! Mas ainda está morrendo de medo.

— Eu também estou morrendo de medo.

Ruth olhou para a rua.

— Vamos procurar um táxi antes que alguém nos arranque a valise. Esta zona e perigosa.

Júlio lembrou-se, de perguntar:

— O revólver da doutora está com você, não está?

Ruth abriu a sacola e retirou a arma.

— Vamos ver quantas balas tem?

— Deve estar com o tambor cheio.

A moça admirou-se:

— Júlio, tem uma só!

— Uma bala só?

— Veja — disse mostrando o tambor.

— Ah, talvez por isso que a gorda estivesse tão nervosa.

Se precisasse puxar o gatilho não poderia errar o tiro...

Júlio sorriu:

— Ainda bem que estamos longe deles. Imagine enfrentar aqueles caras com uma só bala no tambor.

— Nem pensar.

— Não estou vendo táxi algum — disse Júlio.

—Também a essa hora.

— Que horas são?

— Olhe lá o relógio eletrônico. Seis horas da matina!

15 - SEIS HORAS DA MATINA

Miguel acordou no leito do hospital sentindo uma pressão maior no braço. Ouviu:

— Já passou o efeito da anestesia.

No quarto estavam o médico, bem próximo dele, o enfermeiro que já conhecia, e uma pessoa, mais recuada, que não conseguia identificar. O médico sorriu:

— Foi tudo bem. Meia hora na mesa.

— Vou ficar com o braço em ordem?

— Vai, mas daqui um mês mais ou menos.

A pergunta seguinte era muito importante:

— Quando posso sair do hospital?

O médico embaraçou-se um pouco.

— Bem... Daqui poderia sair em dois dias.

A pessoa ainda não identificada, um homem magro, vestido modestamente, com a gravata mal ajeitada no colarinho, aproximou-se. Trazia uma caderneta na mão. Miguel a reconheceu.

— Isto é seu? — o homem perguntou.

— É — respondeu Miguel.

— Aquela mulher veio para pegar isso?

— Suponho que sim — respondeu Miguel, já tentando adivinhar as perguntas seguintes para formular respostas pouco comprometedoras.

— Que endereços são esses?

Miguel hesitou.

— Ele é um agente da polícia — esclareceu o médico.

— Endereços de traficantes de tóxicos e viciados.

— O que você fazia com ela? — perguntou o policial.

Miguel perdera sangue, mas não a esperteza:

— Pretendia entregar à polícia.

— Por isso o balearam?

— Por isso me balearam.

— Então não foi bala perdida?

— Nas circunstâncias eu não podia dizer outra coisa — respondeu Miguel, como se pedisse compreensão.

O policial já estava de posse de outras informações.

— O ferimento que sofreu teria algo a ver com um tiroteio numa galeria?

— Foi lá que me alvejaram - confessou Miguel.

— E a sua arma?

— O quê?

— Perguntei onde está sua arma.

Dizer que a entregara ao maninho? Nunca.

— Eu estava desarmado.

— Mas houve um morto.

— Houve? Naquela escuridão não vi nada. Fiquei escondido algum tempo enquanto atiravam. Nem sei quantos homens eram, se dois ou três... Quando percebi que um deles estava ferido, escapei. — Por que quiseram matá-lo?

— Por causa dessa agenda. Sabiam que eu ia fazer alguma coisa com ela.

— Então você pertencia à quadrilha?

— Pertencia... Mas rompi e comecei a organizar essa agenda. O policial não nascera ontem.

— O motivo desse ajuste de contas foi só esse?

— Foi. É o que eles chamam queima de arquivo.

Miguel sabia que se prendessem Geovani ou Ludmila surgiria logo o caso dos quinhentos mil dólares e ele se comprometeria muito mais. Tudo passaria à polícia como simples contenda entre traficantes.

— Isso vamos investigar — disse o policial. — Mas você deve estar bem encrencado.

— E o que acontecerá comigo?

— Vai ser transferido para um hospital de segurança. Talvez ainda hoje.

O pensamento de Miguel voltou-se para Ruth e Júlio. Onde estariam? A salvo, com os dólares, ou em perigo?

AFINAL DIANTE DE GEOVANI E DA RUIVA

Júlio e Ruth viram um carro pequeno parando na praça diante da pré-escola. A mulher que desceu dele já conheciam: a de cabelos vermelhos.

Sem trocarem palavra, viraram-se para correr em sentido contrário. Lá adiante parou outro carro e dele saiu um homem forte de óculos escuros.

— Geovani! — exclamou a moça.

E os dois, cada um de seu lado, caminhavam na direção deles. Era um cerco.

Foi Ruth que teve a iniciativa de correr para o galpão da pré-escola. Júlio acompanhou-a. Não havia mesmo outro lugar para fugirem. A porta de madeira do estabelecimento público, Ruth já notara, estava apenas encostada, assim deixada talvez por um guarda-noturno. Entraram precipitadamente.

Visto por dentro o espaço era enorme, mas não totalmente escuro porque possuía alguns janelões laterais. Viram escorregadores para crianças, bancos de areia, balanços e duas gangorras. No fundo, num praticável, um palquinho com microfone cheio de bonecos de diversos modelos e tamanhos. Ao lado do palquinho subia uma escada em espiral, muito estreita, a que nenhum gorducho poderia ter acesso. A espiral levava a um elevado de uso dos iluminadores e técnicos para a apresentação de espetáculos infantis. A parafernália de iluminação, holofotes, refletores e spots, estava toda ali, ligada por muitos metros de fios.

Ruth e Júlio subiram para o elevado protegido por uma mureta de madeira.

Abaixaram-se, a moça já tirando a arma da sacola. Logo ouviram passos. Ludmila e Geovani entravam também correndo.

— Está vendo eles? — perguntou a mulher com voz cava.

— Não.

— Só podem estar lá em cima.

Para Júlio pareceu o fim de tudo, mas Ruth, indo de joelhos, aproximou-se da extremidade do elevado, onde terminava a escada, e gritou:

— Se subirem, atiramos.

A escada em espiral era devassada e os dois traficantes ignoravam se de cima seria fácil ou não alvejá-los. Desceram, em retirada, fazendo muito ruído nos degraus.

Ao chegar ao solo Ludmila e Geovani esconderam-se atrás dos escorregadores e começaram a atirar. Verdadeira fuzilaria. Lascas da madeira da mureta voavam. Logo estourou um holofote. Um dos refletores

de iluminação despencou do alto fazendo um rumor multiplicado pelo eco. Ruth ficou apavorada. Mostrou para Júlio.

— Buracos. As balas furam a madeira.

Deitaram-se, bem estendidos, mas isso não os protegia totalmente. Um buraco de bala foi aberto a centímetros da cabeça de Ruth. De repente outro, enorme, surgiu entre os dois, como se a mureta fosse de papelão. Não dava para resistir mais.

Então Ludmila começou a subir os degraus.

— Me dê esse revólver — disse Júlio, pegando o revólver de Ruth. E do topo da escada atirou segurando a arma com as duas mãos.

O tiro não acertou o alvo mas a mulher de cabelos vermelhos desceu precipitadamente.

— Vou jogar o dinheiro — decidiu Ruth. Não havia outra coisa a fazer.

— Jogue — concordou Júlio.

— Vamos jogar a sacola — gritou Ruth para os traficantes.

— Muito bem, jogue — respondeu Geovani. — É só o que queremos.

Ruth pegou na alça da sacola e a jogou para baixo. Ela e Júlio ficaram espiando pelos buracos das balas.

Quem adiantou-se para apanhar a sacola foi Ludmila.

— Vamos acabar com eles? — perguntou a mulher.

— Não — disse Geovani, após uma pausa. — Nada disso. Para a turma constará que fugiram com o dinheiro.

Ela estranhou:

— O que está planejando?

Ele riu:

— Eu, planejando? Por que você foi à igreja, ao baileco e à casa da massagista sozinha?

— Por quê?!

— A gente esteve o tempo todo com a mesma ideia na cabeça, não é verdade?

Passar a turma pra trás.

Ludmila não disse que sim, mas admitiu:

— Bem, a gente pode pensar nisso... Não é muito para se dividir com todos.

— Mas há um porém — disse o grandalhão.

— Porém?

— Também é pouco dinheiro pra dividir por dois.

— O quê?

— Isso mesmo. Vou ficar com ele todo. — E atirou duas vezes.

Lá de cima Ruth e Júlio viram quando a mulher de cabelos vermelhos caiu e Geovani pegou a sacola. Depois ele sacudiu a mão

em despedida para a mureta e se voltou na direção do portão. Ia embora. Mas Ludmila não estava morta. Um revólver brilhou em sua mão e ela atirou. O gigante, um alvo para cegos, foi acertado nas costas e cambaleou. Mas não caiu. Voltou-se e deu na ex-parceira um tiro de misericórdia. E saiu com a sacola.

— Ela acertou? — perguntou Ruth. — Não sei.

— Acho que acertou.

— Mas o desgraçado está levando o dinheiro! Vamos descer. — Não podemos ser vistos aqui.

Desceram. A primeira coisa que Júlio fez foi enfiar o revólver bem fundo no banco de areia da gurizada. Viram a mulher de cabelos vermelhos estrebuchada perto de uma gangorra. Morta era ainda mais bruxa. Saíram.

Geovani caminhava pela rua com a sacola, mas grogue, ziguezagueando como alguém que bebera a noite inteira. Dava para perceber uma mancha de sangue em suas costas.

— Ela acertou, sim - confirmou Ruth.

— É, acertou.

Pessoas que passavam observavam Geovani, antevendo sua queda.

Algumas riam. Parecia mesmo bebedeira.

Ele seguia com dificuldade na direção do carro.

À distância Ruth e Júlio o acompanhavam.

— Ouviu o que ele falou? — lembrou Júlio. — Vai dizer à quadrilha que nós fugimos com o dinheiro.

— Dirá também que baleamos ele e a mulher.

— Teremos de continuar fugindo. E sem dinheiro.

Agora um grupo de meninos maltrapilhos, uma pivetada atrevida, caminhava ao lado de Geovani. Divertiam-se com seus passos trôpegos, cada vez mais lentos.

Já era manhã e muita gente estava na rua. Trabalhadores iam para o serviço.

Acenavam e corriam atrás dos ônibus. Subitamente aconteceu um imprevisto que deixou pasmos Ruth e Júlio.

Um dos meninos, justamente o menor, de no máximo dez anos, que usava um gorro verde, arrebatou a sacola milionária de Geovani e logo passou para outro, maior, que caminhava pouco à frente. Este atirou a sacola, como num lance de basquete, para um terceiro. No mesmo instante, o bando, dispersando-se, disparou pela rua a toda velocidade. Apesar do seu estado, o atônito Geovani perseguiu os moleques, sofrendo e desequilibrando-se a cada passo.

Não foi longe: estatelou-se na calçada.

Júlio e Ruth aproximaram-se dele. Seu vasto paletó estava todo vermelho.

Apesar de seu estado, o atônito Geovani tentou perseguir os moleques.

Transeuntes rodearam o corpo formando um círculo crescente. Não tardou a chegarem dois policiais fardados. Um deles abaixou-se e pegou o pulso do traficante.

— Este homem está morrendo — disse.

— Veja o buraco no paletó. Deve ter sido um assalto.

Júlio e Ruth foram se afastando, lentamente. Não havia ou não sabiam o que dizer. Nem seguiam qualquer rumo. Apenas andavam. O próprio medo evaporara à luz da manhã.

— Perdemos o dinheiro mas estamos vivos — disse Ruth apenas para dizer alguma coisa.

— É.

— Pode ter sido bom assim, o melhor fim para isso.

— Pode.

Andaram mais.

— O que você vai fazer? — perguntou Ruth.

— Não sei. E você?

— Vou esperar o rádio e os jornais darem notícias de Miguel. Júlio enrugou a testa.

— No que está pensando?

— Quando Miguel souber que os meninos de rua roubaram a valise vai enlouquecer... — disse Júlio.

— Enlouquecer ou rir?

— Sei lá. — Júlio pegou no braço de Ruth. Como ela era linda ao amanhecer!

— Para onde estamos indo?

— Mais uma vez não sei para onde estamos indo.

— O que diz de tomarmos uma grande xícara de café com leite, pão bem quente e manteiga? Não há forma melhor de começar o dia — ela sugeriu.

— Vai ser a melhor coisa das últimas doze horas — concordou

Júlio.

16 - OUTRAS HORAS E OUTROS DIAS

A polícia agiu depressa e, graças à agenda de Miguel, desbaratou a quadrilha de narcotraficantes. Alguns figurões importantes foram detidos, como sempre nesses casos, e também como sempre não se sabe se todos continuarão atrás das grades.

Ludmila, a mulher de cabelos vermelhos, e Geovani foram identificados no mesmo dia como dois dos elementos da gangue. Já tinham uma longa história de crimes. Constou que ambos se desentenderam e que morreram numa troca de tiros.

A doutora, a gorda, foi socorrida tarde demais. Morreu de hemorragia.

O fato de ter em seu poder uma agenda de nomes e endereços dos membros de toda a quadrilha não salvou Miguel da cadeia. Afinal ele não a entregara à polícia, embora mentisse ser essa sua intenção. Foi condenado a alguns anos de prisão.

Rita, a baiana, desta vez não conseguiu convencer ninguém de que seu estabelecimento nada tinha a ver com venda de tóxicos. Foi para trás das grades, cozinhar para detentos.

Ana, a dona do *Yellow Mountain*, e o sacristão, ambos apunhalados pela mulher de cabelos vermelhos, tiveram sorte. Depois de longo período de hospitalização, salvaram-se. Mas Lucas não conseguiu provar que estava regenerado nem valeu de coisa alguma a palavra de Miguel e do padre da igreja. Foi condenado.

Quanto à Lena, a esteticista, logo regressou ao instituto com seu amado Cae, não querendo mais nem ouvir falar de Miguel. Ruth tornou a ocupar seu apartamento assim que soube que a polícia exterminara a quadrilha. E voltou também para seu trabalho, no teatro, com entusiasmo renovado. Às vezes visitava Miguel no presídio. Sempre com menor frequência.

Júlio retornou à Serra Branca após a primeira visita ao irmão. Queria que os pais soubessem por ele próprio o rumo que Miguel dera à sua vida. Mas subtraiu da narrativa os episódios mais terríveis. Os pais lhe fizeram um pedido: que não retornasse à capital pelo menos enquanto Miguel continuasse preso. Não respondeu nem que sim nem que não. A cidade tem ímã.

A respeito dos quinhentos mil dólares ninguém abriu o bico. Quem se referisse a eles mais agravaria a condenação. Miguel soube do destino do dinheiro por Júlio, que o visitou. Não deu nenhuma risada. Pensava só na liberdade.

— Ainda gosta de Ruth? — Júlio perguntou.

— Virei a página — respondeu Miguel. — Já lhe causei muitos dissabores. Agora só me preocupo com uma coisa: sair daqui de qualquer jeito.

Era verdade. Meses depois participou de uma tentativa coletiva de fuga, foi baleado e morreu.

Certo dia Ruth leu no jornal que em determinada favela, próxima daquela pré-escola e creche municipal, a polícia vinha encontrando muito tóxico entre os moradores.

Traficantes viviam por lá, rodeando principalmente os menores. O dinheiro está retornando para as mãos dos bandidos. Dólares comprando drogas, imaginou Ruth. Aos poucos vai voltar todo para eles. Alguns meses depois da morte de Miguel, ao chegar ao apartamento, Ruth encontrou um recado que dizia:

Vim visitá-la. Volto mais tarde. Tia Conceição.

Que brincadeira era aquela?

Meia hora depois tia Conceição chegava. Com duas malas. Voltava do interior e com boa cara.

— Olá, Ruth!

— Olá!

— O que diz da gente dar um passeio? Estou com saudade desta cidadona.

— Não já - respondeu ela, muito feliz, abrindo os braços para Júlio.

Estou muito carente, titia.